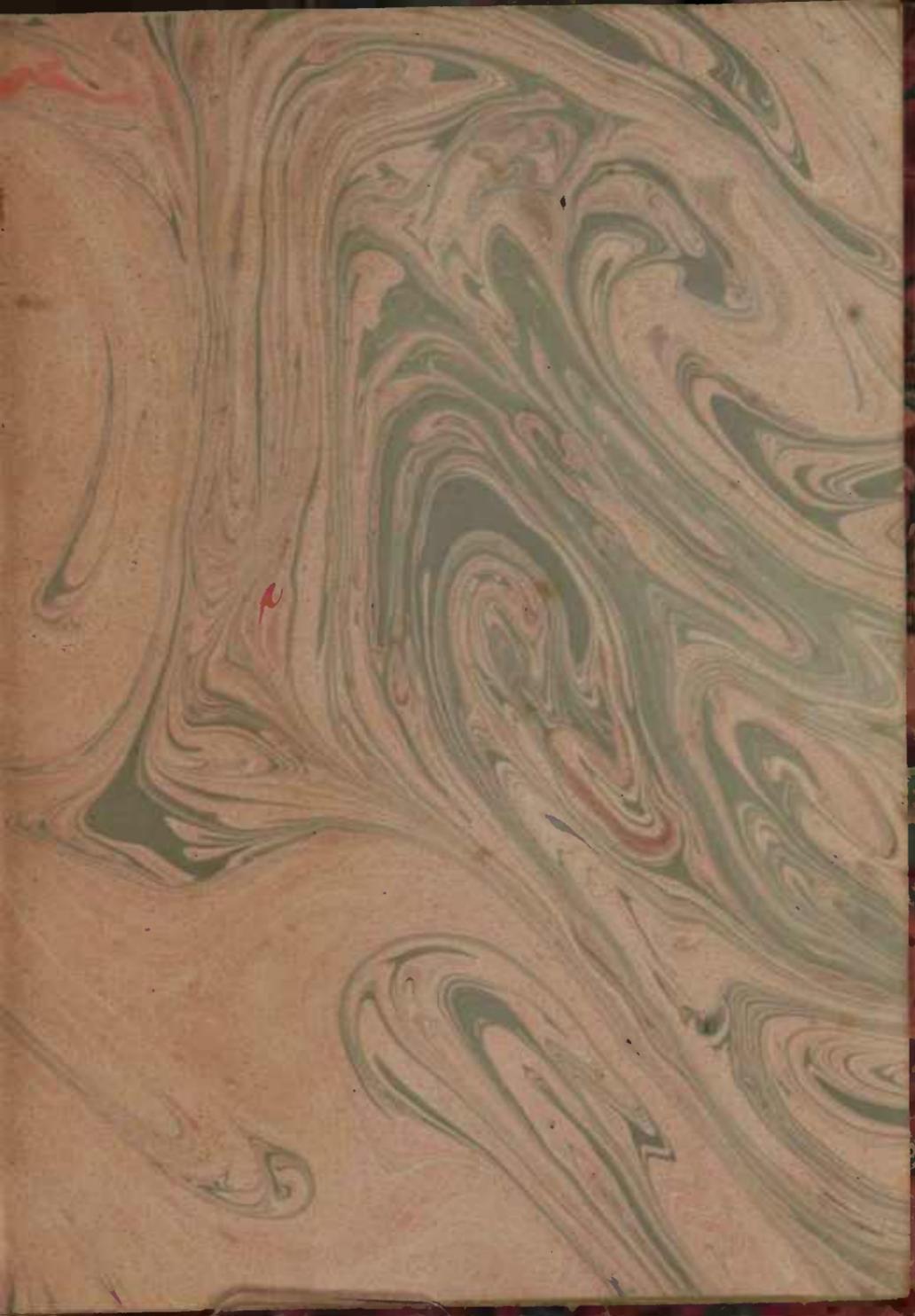


le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



João Boles: pg 45/6

PADRE ANTONIO FRANCO

DA COMPANHIA DE JESUS

VIDA

DO

ADMIRAVEL PADRE

JOSÉ DE ANCHIETA

THAUMATURGO DO NOVO MUNDO



Livraria "Luso-Brazileira"

DE

JOÃO LOPES DA CUNHA — Editor

24 - RUA DA QUITANDA - 24
RIO DE JANEIRO

1898

PADRE ANTONIO FRANCO

DA COMPANHIA DE JESUS

VIDA

DO

ADMIRAVEL PADRE

JOSÉ DE ANCHIETA

THAUMATURGO DO NOVO MUNDO



Livraria "Luso-Brazileira"

DE

JOAO LOPES DA CUNHA — Editor

24 - RUA DA QUITANDA - 24

RIO DE JANEIRO

1898

ADVERTENCIA

Com a maior pompa, que permittiram as circumstancias, acaba de commemorar-se o tricentenario da morte do Padre José de Anchieta. Foi um justo preito de homenagem, prestado ao “Santo e patriota, ao fundador de S. Paulo e Rio de Janeiro, ao amigo dos Indios, ao estudioso de sua lingua, ao representante evangelico do Evangelho.” (1)

Essa commemoração, porém, fizeram-na quasi exclusivamente os homens de letras. O povo propriamente dito, pouca ou nenhuma parte tomou nella. Entretanto, é Anchieta o homem do povo. Ahi está para attestal-o a sua vida, inteiramente consagrada aos pobres brasís—os desherdados da fortuna, nos tempos coloniaes. Amou-os tanto, “que se dava melhor com elles que com os Portuguezes”—os abastados de então. Para instruil-os chegou até a parecer ignorante (elle que nada ignorava do que devia saber), fallando-lhes com aquella singeleza, filha das selvas, que era propria da linguagem dos nossos Indios. São inimitaveis, no genero, algumas dessas suas instrucções, que ainda hoje se conservam. Ora, é necessario que o povo conheça tudo isso. Brotará então espontaneo, nas camadas inferiores, o amor e o enthusiasmo pelo Apostolo do Brazil, que é, antes de tudo, o Apostolo do povo. No intuito de despertar taes sentimentos,

(1) *Gazeta de Noticias do Rio de Janeiro*, 9 de Junho de 1897.

reclamados pela justiça da Historia, sae novamente á luz a *Vida do admiravel Padre José de Anchieta, Thaumaturgo do Novo Mundo*. A aurea simplicidade do estylo, com que está escripta, a propriedade da phrase, e, sobretudo, a justeza dos conceitos, vasados em moldes genuinamente vernaculos, tornam a sua leitura sobremodo agradavel. Pareceu-nos, por isso, dever respeitá-la, deixando-a tal qual foi publicada, a primeira vez, na *Imagem da Virtude em o noviciado da Companhia de Jesus no Collegio de Coimbra*, obra classica do Padre Antonio Franco, da mesma Companhia. Annotámol-a apenas, aqui e alli, para elucidar datas e factos, apurados por estudos posteriores. Sobre certos casos extraordinarios, que mais parecem sonho que verdade, como se exprime o citado Padre Franco, que os narra, deve-se ter em conta a seguinte advertencia do mesmo autor :

“Quem sabe que Deus tem em suas obras fins mui profundos, nem as tem por ociosas, nem ha porque se cuidem ser fingimentos, pois foram á vista de tantas testemunhas e as escrevem homens de grande virtude e verdade, e constam de processos authenticos, que se fizeram em ordem á cano-nisação deste Santo Padre, ao qual parecia ter Deus vinculado a sua Omnipotencia, para com estes prodigios confirmar na fé aquella primitiva Igreja do Brazil.”

Oxalá estes prodigios, relembrados nas paginas mudas da *Vida do Padre Anchieta*, concorram tambem agora para avivar a fé do nosso povo, fazendo reviver, no meio d'elle, a memoria do seu grande apostolo, amesquinhada pelos eternos agitadores das paixões populares.

Rio de Janeiro, 25 de Junho de 1897.

NOTAS

Pag. 1:—“Nasceu este santo, etc.”

Diz Carlos Sainte-Foy na sua *Vie du Vénérable Joseph Anchieta*, traduzida em Portuguez e publicada em 1878, na cidade de S. Paulo, que nascera Anchieta, em S. Christovão da Laguna, capital da ilha de Tenerife, a 7 de Abril de 1534, e entrara para o noviciado da Companhia de Jesus no 1º de Maio de 1551, com dezoito annos apenas de idade. Todos os outros autores que consultámos, e não foram poucos, dão este veneravel propagandista da fé nascido em 1533, sem especificarem o dia e o mez do seu nascimento. O Padre Simão de Vasconcellos mesmo, que dispunha de apontamentos fornecidos pelo proprio Anchieta, além das obras que tivera á mão, fal-o nascido simplesmente naquelle anno.” (*Ephemerides Nacionaes*, colligidas pelo Dr. J. A. Teixeira de Mello, pag. 370, tomo 1º.—Rio de Janeiro, 1881.)

O Dr. Brazilio Machado affirma, por sua vez, que Joseph de Anchieta “nasceu aos 19 de Março de 1534, recebendo o baptismo em 7 de Abril seguinte.” E accrescenta em nota . “Esse é o dia exacto do nascimento de Anchieta. Vide *Compendio de la vida de el apostol de el Brasil, nuevo taumaturgo y grande obrador de maravillas, V. P. José de Anchieta, de la Compania de Jesus, natural de la Ciudad de la Laguna, en la isla de Tenerife, una de las Canarias. Dada á la estampa*

don Balthazar de Anchieta, Cabrera y Samartin su sobrino. En Xerez de la Frontera por Juan Antonio Tarazona. Año 1677." (Conferencias—*Anchieta*—Joseph de Anchieta. (Traços de sua vida), por Brazilio Machado, do Instituto Historico Brasileiro, pag. 20.—São Paulo, 1896.)



VIDA

DO

ADMIRAVEL PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

THAUMATURGO DO NOVO MUNDO

CAPITULO I

*Seu nascimento e entrada na Companhia, ida ao
Brazil e jornada até á Capitania de S. Vicente*

Por andar a vida do admiravel Padre José de Anchieta escripta diffusamente em tomo especial e de justa grandeza pelo nosso Padre Simão de Vasconcellos, estive quasi determinado de me remetter a ella, dizendo sómente que tambem pertencia a esta santa casa ; porém, ao depois julguei por mais acertado fazer aqui della um compendio, por não ir esta obra sem um homem, de que tanto se pode honrar o santo noviciado de Coimbra, e que sei ha de illustrar muito este meu trabalho, por ser esta vida cheia de tantas cousas assombrosas, que com razão é o Padre José de Anchieta intitulado *Thaumaturgo do Novo Mundo*.

Nasceu este santo homem na ilha de Teneriffe, que é uma das Canarias, a que os antigos chamaram Fortunadas, e

hoje pertencem ao dominio de Castella. Seus paes, cujos nomes nos não ficaram em memoria (1), eram nobres ; o pae de familia nobre dos Anchietas em Biscaya ; a mãe era natural da Grã Canaria, cabeça daquellas doze ilhas. Criaram-nos seus paes com santos costumes. quaes diziam com sua nobreza. Depois que soube ler e teve alguns principios de grammatica, seus paes o mandaram com outro seu irmão estudar a Coimbra.

Frequentou nossas escolas e nellas se deixou ver quão superior era aos mais no saber e no talento de representar, assim as orações em verso, como em prosa. No qual tinha tal ar e alma, tanto espirito, meneio e suavidade, que por antonomasia lhe chamavam o Canario, por allusão a esta ave, a quem as ilhas Canarias deram o nome, ou ella ás ilhas, e a melodia do canto, e a estimação em que é tida. Depois estudou philosophia, conservando sempre o bom nome, que seu raro ingenho lhe merecia.

Procurou com grande cuidado entre o viço e verdura, que costuma haver nas Universidades, conservar-se em bons costumes : em especial poz todo o recato na guarda da pureza virginal, como joia de mais perigo na gente moça. Um dia entrando em uma igreja, que dizem ser a Sé, e posto de joelhos diante da Imagem da Senhora, sentiu novo fervor em seu animo e fez voto á Virgem Senhora de conservar illesa a pureza virginal.

Depois de se ter assim consagrado a Deus, determinou deixar o mundo. Escolheu das religiões a nossa Companhia, cujos exemplos eram mui heroicos naquelles primitivos tempos em Coimbra. Tendo 17 annos de idade, nella entrou ao primeiro de Maio de 1551. Ainda hoje se vê em o Collegio de Coimbra o aposentinho que foi morada deste santo ho-

(1) Segundo o Dr. Brazilio Machado, obr. cit. pag. 20, o pae de Anchieta chamava-se João de Anchieta, e a mãe Mencia Diaz de Clavijo Y Slarena.

mem (1), conservando-se nelle bons vestigios da primeira pobreza, em que ali viveram nossos primeiros Padres. Por honra deste servo do Senhor, ordenou nosso Reverendo Padre Geral que o tal aposentinho se fizesse capella, e se não desfizesse, ainda que as mais velhices a que está annexo se houvessem de desbaratar.

Vendo-se o Padre José de Anchieta fóra do mundo, se entregou de todo a Deus. Um dos santos exercicios, a que mais se deu, foi o de ajudar as Missas, em que sentia especial fervor e devoção. Succedia-lhe ás vezes ajudar a oito Missas no dia. Desta continuação em um moço de corpo tenro lhe sobreveiu certo desmancho nos ossos que governam a direita do corpo: outros têm que lhe nascera esta lesão de lhe cahir nma escada sobre as costas. Como quer que fosse, elle, com menos advertencia do que devêra, foi soffrendo a sua dôr, apertando-se e vendo se por si podia compôr este desmancho, sem o descobrir. Porém a lesão foi crescendo e fazendo cama.

O que mais nesta ancia o affligia era considerar que poderia succeder o despedissem por isso da Companhia. Andando assim attribulado, o encontrou o veneravel Padre Mestre Simão Rodrigues, e pondo nelle os olhos lhe disse: "*Filho José, deixae esse cuidado com que andaes, porque Deus ros não quer com mais saude.*" Vendo elle que Deus manifestára seu interior ao Padre Mestre Simão, ficou muito animado e consolado, entendendo que assim se queria Deus servir delle.

Resultou desta lesão ficar corcovado; e, como continuasse em suas molestias, julgaram os medicos que os ares do Brazil lhe seriam mais favoraveis e meigos que os de Portugal. Dispondo Deus as cousas nesta fórmula, em ordem aos altos fins a que dirigia a vida deste seu servo.

Era o Brazil naquelle tempo ainda cousa mui nova. No anno de 1549 tinham a elle passado os primeiros da

(1) Era isso verdade quando escrevia o Padre Franco. Actualmente já nada existe.

Companhia com o Padre Manoel de Nobrega. Logo no anno seguinte foi outro novo soccorro de Missionarios. E no Maio de 1553 foi a terceira missão; ia della por Superior o Padre Luiz da Grã, que fôra reitor do collegio de Coimbra. Os mais eram o Padre Braz Lourenço, Padre Ambrosio Pires e os irmãos José de Anchieta, João Gonçalves, Antonio Blasques e Gregorio Serrão, em companhia de D. Duarte da Costa, segundo Governador do Brazil. Tinha o Padre José a este tempo sómente 20 annos de idade; por isso não foi já sacerdote. Succedeu a jornada mui conforme a seu espirito, que era de salvar almas. Em a não se empregou todo neste desvello, assim nas praticas particulares como no ensino da santa doutrina, ajuntando a estas outras obras de caridade, com que muito edificou a todos. Aos 13 do mez de Julho chegaram á cidade da Bahia, que é a cabeça do Estado.

Já alli tinhamos nossa casa tão limitada e pobre, que nella havia um só Sacerdote, que se chamava o Padre Salvador Rodrigues, e dois irmãos, Vicente Rodrigues e Domingos Pecorella, assim chamado por sua muita e santa singeleza. Os demais da Companhia fructificavam em outros diversos postos distantes muitas leguas da Bahia.

Era Superior de todos o Santo Padre Manoel de Nobrega, que ao tempo que do reino chegou este novo soccorro se achava na Capitania de S. Vicente. De lá mandou ao Padre Leonardo Nunes, o qual, segundo as ordens que trazia de seu Superior, logo no Outubro do mesmo anno de 1553 voltou para S. Vicente, levando consigo, além de outros religiosos, o nosso irmão José de Anchieta; iam repartidos em duas embarcações.

Indo navegando na paragem a que chamam os baixos dos Abrolhos, veiu sobre as pequenas embarcações uma tão desmedida tormenta, que a uma fez dar á costa, em que a reduziu a pedaços; a outra, em que ia o irmão José, foi dar atravez em os arrecifes, aonde se virou e quebrou. Valeu-se nestes apertos, que eram em vespera da Apresentação da Senhora, da Imagem da mesma Virgem, e,

por sua interessão, toda a gente sahio á terra com vida. Aqui entraram em novos sustos, porque se viam sem cousa que comer nem que beber. Affastar da praia a buscar no matto algum mantimento agreste era cousa cheia de sos-sobro, temendo cahir nas mãos dos barbaros e ser delles comidos.

Nestas angustias tomaram por melhor resolução for-
cejar por tirar dentre os baixos a embarcação, em que o irmão José vierá. Em effeito se tirou, e com os pedaços da outra, se reparou em um rio, chamado agora das Caravellas, onde havia uma aldêa de indios amigos, de que foram bem recebidos. O desastre se teve por grande providencia divina, que, por meio d'elle quiz recolher a si uma alma, que naquelles Gentios tinha predestinado. Foi o caso que no dia seguinte, que era de Santa Cecilia, correndo os Padres as casas dos Indios, acharam uma menina innocente que estava nos ultimos transes da vida: alcançando o beneplacito dos paes e trazendo a mãe alli para isso um alguidar novo com agua, foi baptisada; e, como se só isto esperasse, se foi a gozar de seu Creador, havendo em todos singular gosto; e diz o Padre Anchieta, fallando d'esta occasião, que tiveram por ditoso aquelle naufragio, pois foi meio para a salvação da innocente Cecilia, que estava predestinada.

Em Porto Seguro, onde estavam alguns nossos, se acabaram de refazer; e tomando consigo ao Padre Affonso Braz, Superior alli dos nossos, e deixando em seu lugar ao Padre Braz Lourenço, continuaram a viagem, e aos 24 de Setembro (1) lançaram ferro no porto de S. Vicente.

(1) Não foi em Setembro, porém sim a 24 de Dezembro de 1553, que Anchieta chegou em S. Vicente. (Vida do veneravel Padre José Anchieta, por Charles Sainte-Foy, pag. 26.) A maior parte dos auctores, que copiaram de Simão de Vasconcellos, se tivessem attendido ao que diz pouco antes este escriptor, teriam visto que a data foi alterada por um erro de impressão. Em vez de Dezembro sahio Setembro. De facto,

CAPITULO II

É mandado a Piratininga, e parte do muito que alli obrou, e modos com que encaminhava aos Indios para Deus

Vendo-se o Padre Nobrega com este novo soccorro, e com patente de Santo Ignacio, em que o fazia Provincial do Brazil independente do de Portugal, começou a dispôr as cousas em ordem á conservação e augmento da nova provincia. Era para isto necessario armar escolas, onde os nossos se formassem nos estudos precisos para os nossos ministerios. Por motivos mui cabaes que havia, determinou levantar esta nova casa em um sitio pela terra dentro, a que chamam Piratininga, o qual de si é mui fertil e tem outras muitas oportunidades para a conversão do Gentio.

Passada a Epiphania do anno de 1554, mandou o Padre Nobrega a tresse dos nossos dar principio á casa e estudos de Piratininga, que dista como dez leguas do mar, cujas circumferencias são habitadas de diversas nações daquella gente.

O aperto com que aqui começaram a viver, diz o Padre Anchieta com as palavras seguintes : “Aqui se fez uma casinha pequena de palha com uma esteira de canna por porta, em que moraram algum tempo beu apertados os irmãos ; mas este aperto era ajuda contra o frio. que naquella terra é grande com muitas geadas.

como refere o mesmo Vasconcellos, a quem segue o P. Franco, Anchieta sahiu da Bahia em Outubro de 1553, teve o naufragio em Novembro do mesmo anno, e portanto não podia ter chegado em S. Vicente aos 24 de Setembro.

“As camas eram redes, que os Indios costumam : os cobertores o fogo, para o qual os irmãos communmente, acabada a lição á tarde, iam por lenha no matto, e a traziam ás costas, para passarem a noite. O vestido era muito pouco e pobre, sem calça nem sapato, e o ordinario de panno de algodão. Para a mesa usaram algum tempo de folhas largas das arvores, em logar de guardanapos ; mas bem se escusavau toalhas onde faltava o comer, o qual não tinham d’onde lhes viesse, senão dos Indios, que lhes davam alguma esmola de farinha e algumas vezes (mas raramente) alguns peixinhos do rio, e mais raramente alguma caça do matto : e assim muito tempo passaram grande fome e frio ; e comtudo proseguiram seu estudo com muito fervor, lendo ás vezes a lição fóra, ao frio, com o qual se haviam melhor que com o fumo dentro de casa. A primeira Missa se celebrou dia da Conversão de S. Paulo, em um altazinho que para isso se apparelhou, porque não havia ainda Igreja ; e, por esta causa, se dedicou aquella casa a S. Paulo, e tem seu nome.”

Até aqui as palavras do Santo Padre Anchieta.

Neste tempo, escrevendo a Santo Iguacio e dando conta desta nova casa, diz assim, trasladado de latim em portuguez : “De Janeiro até a feitura desta, nossa morada foi uma pobre casa tecida com páos e terra, coberta de palha, longa 14 pés, e 10 em largo. Ella serve de escola, de enfermaria, de dormitorio, de refeitorio, de cosinha, de despensa. E nem por isso temos saudades das habitações liberaes em que moram outros nossos irmãos, porque Christo nosso Deus quiz, nascendo, ser posto em um estreito presepe, entre dois brutos animaes, e morrendo se dignou, por nosso amor, de escolher logar ainda mais estreito, qual foi sua Cruz.” Assim escreveu, dando conta desta habitação, a Santo Ignacio.

A vida que aqui faziam era de gente santa. A pobreza os ensinou a fazer alpercatas de cardos bravos, com que suppriam a falta de sapatos. Aprendiam a ser sangradores, barbeiros e outros officios, com que podiam ser de proveito aos proximos.

Nesta estreiteza se abriu a segunda classe de grammatica, que houve no Brazil; porque a primeira foi na Bahia. Doze eram os nossos que a estudavam: de todos era mestre o santo Irmão Anchieta. Havia tambem bom numero de estudantes brancos, e outros filhos de portuguezes e Indios a que no Brazil chamavam Mamelucos, que alli acudiam das villas, que á roda se iam ordenando. O trabalho do mestre era excessivo. Não havia cópias de livros por onde estudar. Esta falta suppria o mestre, escrevendo por sua mão tantos cadernos de preceitos, quantos eram os discipulos. Acontecia-lhe passar a noite inteira nestas escripturas, por que tivessem os discipulos por onde aprender suas lições.

No mesmo tempo era discipulo de seus discipulos, aprendendo delles a lingua da terra. Esta soube em pouco tempo com tal excellencia, que della fez Arte mui acertada para se aprender, a qual se imprimiu. Fez tambem vocabulario da mesma lingua. Traduziu a doutrina christã e mysterios da Fé dispostos em Dialogo. Fez tratado, e interrogatorios e avisos necessarios para os que houvessem de confessar e para os penitentes, e para instruir no tempo da morte aos já baptisados; ajudando com estas obras á conversão e ensino dos Indios, não só nos tempos presentes, mas nos vindouros.

Como era muito destro nas quatro linguas, Portugueza, Castellhana, Latina e Brazilica, traduziu em todas ellas em romances pios e mui engraçados as cantigas profanas que andavam em uso. D'onde se seguiu fazer esquecidas as profanas, ouvindo-se cantar pelos caminhos as que elle tinha posto em suave e santo metro. Não só aqui em Piratininga, mas em outras partes do Brazil, compoz diversas obras em verso, no qual tinha grandissima promptidão e felicidade, tudo em ordem a tirar abusos e descobrir divertimentos honestos.

Nestas obras, as de mais vulto foram as façanhas heroicas de Men de Sá, terceiro Governador do Brazil, em verso heroico latino. Varias comedias, eglogas e descripções devo-

tissimas. Sobre todas, em verso elegiaco, a vida da Virgem Senhora, que anda impressa. Mostrou o Céu, com um notavel prodigio, quanto se agradava das suas comedias santas.

Em S. Vicente se faziam na Igreja representações pouco decentes; querendo elle, por conselho do Padre Manoel de Nobrega e com agrado dos naturaes da terra, desterrar estas profanidades, ordenou um acto mui devoto, a que chamava Prégação Universal, porque servia para Indios e Portuguezes, por constar de uma e outra lingua. A elle concorria infinita gente. Representava-se nas vesperas do dia de Jesus, seguindo-se d'aqui além da honesta recreação o ganhar-se jubileu d'esta festa, havendo muitas confissões e communhões.

Fazendo-se pois esta comedia uma tarde em logar descoberto, junto ao adro da Igreja, quando começaram as figuras sua representação, se foi o Céu toldando medonhamente de nuvens. Sobre o auditorio se poz uma tão negra e assanhada, que parecia querer deixar cahir sobre os ouvintes um diluvio. Todos se começaram a desinquietar, querendo cada um pôr-se a salvo antes da tormenta. Vendo o Irmão José a perturbação, levantou a voz, dizendo que não se perturbassem, que lhes dava sua palavra que não choveria antes de se acabar a representação.

Foi o successo maravilhoso e que teve tantas testemunhas quantos eram os ouvintes: durou a representação tres horas com socego até o fim. Acabada ella, se recolheu a gente a suas casas: posta já em salvo, como se a nuvem não esperasse outra cousa, rompeu em uma tempestade de chuva, vento e trovões tão espantosa, que a gente não se lembrava de outra tal naquellas terras. Este portento attribue o Padre José de Anchieta á virtude e zelo do Padre Nobrega; mas todos o tiveram por mercê alcançada de Deus pelas orações deste seu servo, que com tanta confiança empenhára sua palavra, e Deus com tanta evidencia o tinha desempenhado.

Deste magisterio do Padre Anchieta sahiram ministros evangelicos de grande ser. D'ali eram mandados a diversas partes, e faziam descer de seus montes e mattos infinitas gen-

hes a viver em aldêas e modo politico, porque o que tinham antes os Brazis era como de têras e manadas de gado. Era para ver o zelo com que todos os nossos, huus feitos carpinteiros, outros pedreiros, se occupavam em ajudar e ensinar esta gente a fabricar suas casas ao modo das nossas. Elles com os Indios acarretavam ás costas os materiaes, para assim os affeçoarem mais, vendo que não perdoavam a trabalho pelos accommodar.

Logo se fabricou uma Igreja de taipa coberta de palha, onde se prégava aos Indios e se via luzir o trabalho; porque, como esta gente não tinha idolos, não era difficilosa em se abraçar com a razão que ha nas verdades da nossa Fé. Cresceu mais a conversão com esta nova traça. Havia em S. Vicente um Seminario de muitos filhos de Indios do sertão de Piratininga, que os Padres tinham pedido a seus paes para os ensinarem e criarem na lei de Deus. Estavam já mui bem instruidos na fé e ensinados em ler, escrever e contar.

Fez o Padre Anchieta que estes fossem para os campos de Piratininga; alli continuavam sua escola, ajudando a officiar ás Missas com muita destreza, em canto de orgão e com instrumentos musicos. De noite se espalhavam pelas casas de seus parentes, a cantar as cantigas e romances santos do Padre Anchieta, contrapostos ás cantigas profanas que elles cantavam em seus vinhos, vicio mui commum nesta triste gente.

Tambem estes meninos com os Padres ajudavam a catequisar. Na escola ensinavam a doutrina aos seus iguaes. Todos os dias de manhã, no fim da escola, cantavam na Igreja as ladainhas dos Santos, e á tarde a Salve de Nossa Senhora, com outras orações em canto de orgão. Nas Sextas-feiras se açoutavam com disciplinas, que faziam do linho dos cardos bravos. Duas vezes no dia davam lição da doutrina christã. Nesta fórmula, em breve tempo se fez um baptismo de passante de trinta destes moços, esperando os paes semelhante dita.

Sentiam e tomavam alguns em caso de honra, que seus filhos lhes fossem nisto diaute. Mas com estes adultos se ia

mais de vagar, por estarem arraigados em seus vicios. Ties eram nelles os capitaes, a saber: o de muitas mulheres, o de comer carne humana e o de se enbebedar. Nestes seus desmanchos eram os filhos os primeiros que os vinham accusar aos Padres. Elles tambem ajudavam a lles quebrar as talhas de vinho em suas bebedices.

CAPITULO III

Como o demonio procurou impedir o fructo que se fazia nas almas; e outras cousas notaveis que aconteceram.

Indo as cousas com tanta bonança, não podia o demonio tardar muito com suas perturbações. Aproveitou-se de uma cruel doença de *priorizes*, a qual em tres ou quatro dias arrazoava a final. O que nisto passou conta o mesmo Padre Anchieta com estas palavras :

“ Quiz logo Nosso Senhor colher desta lavoura algum fructo para si, e levar á gloria alguns predestinados : e assim começaram a enfermar muitos de grandes priorizes, que em quatro ou cinco dias morriam baptisados; de que alguns começaram a murmurar, dizendo que os Padres lhes lançavam a morte, e que antes de estar alli igreja não morriam tantos; com outras cousas, que o diabo lhes mettia em cabeça para que não fosse por diante a christandade.

“ Com esta tribulação, que era grande, recorreram os Padres a Deus, pedindo-lhe misericordia : ordenaram nove procissões á honra dos nove céros dos Anjos, em que iam todos os homens e mulheres com candêas accesas nas mãos, e entre elles os moços da escola seus filhos, disciplinando-se até derramar sangue, com o qual e com lhes dizer a miudo a verdade se satisfaziam, e começaram a sarar muitos com os curarem com caridade e diligencia, tirando o Padre Nobrega os escrupulos que os Padres tinham de os sangrar; porque, sendo disso avisado, lhes extranhou muito não os sangrarem, e mandou logo a alguns Irmãos que o fizessem, ainda que nunca o tinham aprendido.

“Assim os começaram a sangrar com um canivete, com que os mais delles escapavam. Neste officio, com lhes applicar as mesinhas para outras doenças, continuaram e continuam os Padres em toda a Costa com os Indios, com e que se fazem mais aptos para receberem a Fé, vendo a caridade com que os curam, sem esperarem d’elles premio algum, sómente a salvação de suas almas. E, para mais se assegurar o Padre Nobrega nisto das sangrias, o mandou perguntar a Roma; e nosso Padre Ignacio de Loyola, de boa memoria, o approvou, respondendo estas palavras: — Quanto ás sangrias, a tudo se estende a caridade. — E assim o Padre Nobrega o fazia por sua mão em alguma necessidade.”

Até aqui as palavras do Santo Padre Anchieta.

Desassustados os Padres d’este embaraço, com que o demonio ia enredando os pobres Indios, se viram logo em outros urdidos pelo mesmo inimigo do bem commum. Havia alli certos mestiços ou Mamelucos, a quem o demonio metteu em cabeça ser licito e cousa de honra saltar os Indios e fazel-os escravos seus, ou do seu povo e aldêa. Como os Padres, em especial o Padre Anchieta, se oppuzessem a esta loucura, os Mamelucos amotinaram os Indios, dizendo se acolhiam á Igreja por serem covardes; que, se tinham honra, se sujeitassem antes a elles, que eram homens de arco e valentes, e não aos Padres, que eram estrangeiros e covardes.

Não ha cousa que mais custe a estes barbaros, que pôr nelles nota de fracos. Com as palavras dos Mamelucos se tornaram tão ferozes, que os Padres os houveram de deixar esfriar, para depois os haver de pôr em razão.

De um grande perigo livrou Deus aos Padres Nobrega e Anchieta aqui em Piratininga; porque, indo os Indios á guerra, captivaram um dos Goyanás. Por julgarem ser cousa de sua honra, determinaram comel-o, dando-lhe a morte em publico terreiro com muitas cerimoniaes, que eram costume seu antes de serem christãos. O mesmo principal mandou alimpar o terreiro defronte da casa dos Padres, havendo grandes alaridos em signal da alegria de seus animos.

Vinha já em cordas o Goyaná; seguiam-no as velhas que, depois de morto, haviam de repartir as carnes cozidas; já se enfeitava mui arrogante o matador.

Neste fervor em que estavam, sahiram os Padres Nobrega e Anchieta, quebraram as cordas, soltaram o preso, fizeram fugir as velhas, quebraram as panellas de vinho; e desbaratarem as mais petrechos da festa. Tiraram da mão a propria massa, com que o matador se armava; e este é para os Indios o auge dos aggravos. Neste passo o principal, chamado Martin Affonso, acceso em colera, gritou, assobiou, bateu o arco e o pé, signaes todos de appellidar os sens contra os Padres; arremessou-se a uma foice, a qual os Padres lhe tiraram da mão. Estando assim o negocio em termos de haver algum desatino, poude tanto a eloquencia do santo Padre Anchieta e o zelo do Padre Nobrega, que o principal e os mais se foram corridos e envergonhados do seu furor, ficando os servos de Deus livres deste evidente perigo:

Entre estes e outros sobresaltos, que aqui teve no tempo que durou o seu magisterio em Piratininga, lhe quiz o Senhor dar uma grande consolação em dar ao céo um de seus discipulos feito Martyr do Senhor, e o primeiro da Companhia que houve no Brasil. Este foi o ditoso Irmão Pedro Corrêa, estudante, que com notavel resolução entrára na Companhia em o Brasil, o qual sendo mandado com o Irmão João de Souza, coadjutor temporal, fazer pazes com os Carijós, um perverso homem de nação Castelhana, a quem os nossos tinham tirado uma amiga, por este odio contra os da Companhia amotinou os barbaros, e romperam neste furor tão proveitoso aos dois servos de Deus, pois os fez Martyres do Senhor.

Que o Irmão Pedro Corrêa fosse estudante, é cousa que deixou escripta o santo Padre Anchieta. Faço esta advertencia, porque o historiador da nossa Provincia, na primeira parte, tem que era Coadjutor temporal. Todos os doze discipulos, que aqui teve o Padre Anchieta, foram grandes imitadores dos doze Apostolos do Senhor e homens de singulares

virtudes, como se pode ver no Padre Simão de Vasconcellos, no capitulo 8º do livro 1º da vida deste Santo Heróe.

Muitas cousas notaveis lhe aconteceram por este tempo, das quaes irei aqui apontando algumas. Na aldêa chamada Ibirapuera se havia de publicar e ganhar um Jubileu no dia do Orago daquella Igreja. Concorreu das povoações visinhas muita gente. Estavam ás vespervas e não apparecia a Bulla do Jubileu que se esperava de S. Vicente, e seria a falta de grandissimo dezar. Neste aperto se offereceu o Padre Anchieta a ir buscar esta Bulla. A distancia do caminho era de quinze leguas por serranias mui asperas. O dia estava no fim : parecia o offerecimento cousa de riso. Comtudo, pondo-se a caminho, no dia seguinte, a horas da publicação, estava na aldêa com a Bulla ; o que, a juizo de todos, não podia ser sem nisto haver algum modo superior, com quem tão pouco tempo, e o mais d'elle de noite, se andaram taes 30 leguas, que a fragosidade das serranias as fazia dobradas no trabalho de se andarem.

Por vezes o acharam transportado na oração. Uma vez, quando assistia ao abrir do caminho nestas serranias de S. Paulo para a villa de Santos, retirando-se ao matto a ter oração debaixo de uma arvore, sobreveiu uma grossa chuva. D'ahi a algum tempo entrou a gente ao buscar, e o achou todo enlevado em Deus, sem dar-se de chuva nem da gente que o buscava e lhe dava vozes.

Apagou-se uma noite a candêa ao Padre Amaro Gonçalves ; sahio a accende-la, quando advertiu que da camara do Padre Anchieta sahiam alguns reflexos de luz. Abriu a porta e viu ao Padre, no meio de muitos resplendores, enlevado todo em Deus. Assombrando-se com a extranheza, chamou a outros dois Padres, que foram testemunhas de vista, e todos louvaram muito ao Senhor, que assim se communicava a seu servo. Outra vez foi achado como meio covado levantado da terra.

Na oração lhe descobriu Deus muitas cousas, com a qual noticia se divertiram casos lastimosos. Um Pedro Collaço,

conhecido do Padre Anchieta, vivia muito mal. Sahindo elle pela meia noite a commetter certa maldade, se lhe fez encontradiço um menino, que lhe disse que o Padre Anchieta o chamava. Admirando-se de tal recado a tal hora, e sabendo quão affeiçoado lhe era o servo de Deus, e que o não chamaria a caso, cortou por si e seguiu o menino. Entrando em casa, achou ao Padre em oração no côro; o qual, vendo-o, lhe disse estas palavras: — “Recolhei-vos, recollei-vos, recollei-vos, Collaço.” Assim o fez, e no dia seguinte soube que dois homens o esperavam para lhe tirar a vida.

Indo de S. Vicente para S. Paulo, lhe anoiteceu no caminho e se recolheu na casa de certo homem, a quem não tinha visto, determinando passar alli a noite. Praticando com elle, lhe perguntou como lhe ia? Respondeu elle que tudo lhe ia a seu sabor e que abundava em bens. Ouvindo isto o Padre se despediu, dizendo ao companheiro: “Não dormirei eu em casa onde não ha ramas de Cruz.” Propondo-lhe o companheiro não haver outra pousada, insistiu no seu proposito e, caminhando alguma distancia da casa, voltaram a pôr nella os olhos e a viram arder e converter-se toda em cinzas.

CAPITULO IV

De uma carta que escreveu aos Irmãos enfermos de Portugal

Por este tempo, entre outras, escreveu uma carta aos enfermos de Portugal, a qual quero que faça este capitulo por estar cheia de espirito e santidade. Diz assim : “ *Pax Christi*. A graça de Nosso Senhor vos console, carissimos Irmãos enfermos, e vos dê obras conforme ao nome que tendes. Amen. Já escrevi outras, principalmente pelo Padre Leonardo Nunes, depois de cuja partida chegaram as vossas e nos deram grande consolação. As novas que por cá ha, nas quadrimestres se verão largamente. Nesta quero sómente dar-vos uma nova, e é que — *Virtus in infirmitate perficitur* ; a qual foi para mim assaz nova todo o tempo que ali estive. Muito tendes, carissimos Irmãos, que dar graças ao Senhor, porque vos faz participantes de seus trabalhos e enfermidades, em as quaes mostrou o amor que nos tinha ; razão será que o sirvamos algum pouco, tendo grande paciencia nas enfermidades, e nestas aperfeiçoar a virtude.

“ A larga conversação que tive nessas enfermarias me faz não me poder esquecer de meus carissimos co-enfermos, desejando vel-os curar com outras mais fortes mesinhas, que as que lá se usam, porque sem duvida, pelo que em mim experimentei, vos posso dizer que estas mesinhas materiaes pouco fazem e aproveitam. Por outras cartas vos tenho já escripto de minha disposição, a qual cada dia se renova, de maneira que nenhuma differença ha de mim a um são, ainda que algumas vezes não deixo de ter algmas reliquias das enfermidades passadas, porém não faço mais conta dellas que se não fossem.

“ Até agora sempre tenho estado em Piratininga, que é a primeira aldêa de Indios, que está dez leguas do mar, como em outras cartas tenho escripto, em a qual estarei por agora, porque é terra mui boa; e, porque não tinha purgas nem regalo de enfermarias, muitas vezes cra necessario comer folhas de mostarda cosidas com outros legumes da terra e manjares, que lá se podiam imaginar, junto com entender em ensinar grammatica em tres classes differentes: e ás vezes, estando dormindo, me yêm a despertar para fazer-me perguntas, e em tudo isto parece que sarô; e assim é, porque, em fazendo conta que não estava enfermo, comecei a estar são; e podeis ver minha disposição pelas cartas que escrevo, as quaes parecia impossivel poder escrever estando lá.

“ Toda a quaesma comia carne, como sabeis, e agora jejuo toda. O mesmo digo do Irmão Gregorio, o qual ainda que está tão são como eu, por ser de mais fraca compleição, todavia não quer elle dar-me a vantagem: ao menos vos sei dizer que, para um negocio de importancia ir d’aqui a Piratininga mui depressa, que é caminho mui aspero e, segundo creio, o peor que ha no mundo de atoleiros, subidas e montes, o escolheram a elle, como mais riço, havendo outros mais sãos em casa; e assim foi, dormindo com a camisa ensopada em agua, sem fogo, entre montes; *et vivit, et vivimus.*

“ Neste tempo que estive em Piratininga, servi de medico e barbeiro, curando e sangrando a muitos daquelles indios, de quem não se esperava vida, por serem mortos muitos daquellas enfermidades. Agora estou aqui em S. Vicente, que vim com o nosso Padre Nobrega para despachar estas cartas. Demais disto tenho aprendido um officio, que me ensinou a necessidade, que é fazer alpercatas; e sou já bom mestre, e tenho feito muitas aos Irmãos; porque não se póde andar de sapatos de couro pelos montes.

“ Isto tudo é pouco, para o que Nosso Senhor vos mostrará quando cá vierdes. Quanto á lingua, eu estou adiantado, ainda que é mui pouco para o que soubera, se não me occu-

pára em lêr grammatica; todavia tenho colligido toda a maneira della por arte, e para mim tenho entendido quas i todo o seu modo; não o ponho em arte porque não ha cá a quem aproveite; só eu me aproveito della, e aproveitar-se-hão os que de lá vierem e souberem grammatica. Finalmente, carissimos Irmãos, sei dizer que, se o Padre Miram quizer mandar-vos a todos os que andaes opilados e meidoentes, a terra é mui boa e ficareis mais sãos. As medicinas são trabalhos, e tanto melhores quanto mais conformes a Christo.

“Tambem vos digo que não basta com qualquer fervor sahir de Coimbra, senão que é necessario trazer alforge cheio de virtudes adquiridas, porque, de verdade, os trabalhos, que a Companhia tem nesta terra, são grandes, e acontece andar um Irmão entre Indios fieis, e sete mezes no meio da maldade e seus ministros, sem ter outro com quem conversar senão com elles; d’onde convém ser santo, para ser Irmão da Companhia. Não vos digo mais, senão que apparelheis grande fortaleza interior e grandes desejos de padecer de maneira que, ainda que os trabalhos sejam muitos, vos pareçam poucos.

“Fazei um grande coração, porque não tereis logar para estar meditando em vosso recolhimento, senão *in medio iniquitatis, et super flumina Babylonis*; e sem duvida, porque em Babylonia: *rogo vos omnes, ut semper oretis pro paupere fratre Joseph*. A meus carissimos Padres e Irmãos, em suas orações e particularmente a meu carissimo Padre Antonio Corrôa e aos Padres que foram e são meus paes, rogo e peço: se lembrem deste pobre, que engendraram em Christo, *e nutrierunt: opto vos omnes bene valere. Pauper et inutil à Joseph.*”

CAPITULO V

Dá se noticia da guerra, que houve com os Francezes no Rio de Janeiro, e guerra com os Gentios. O que nestas occasiões obrou o Padre Anchieta, e como tratou das pazes com os Tamoyos.

Corria o anno de 1556, quando começou um novo trabalho ao Estado do Brazil, e nelle havia de ter boa parte o Santo Padre Anchieta. Uma das boas enseadas que tem o Brazil é a que os Indios chamam Nitheroy e os nossos Rio de Janeiro. Toda ella está rodeada de medonha serrania ; tem como 8 leguas de diametro, e 24 de circumferencia. Ha nellas muitas ilhas, boqueirões e esteiros. Desemboccam nella muitos rios. E' o sitio por natureza mui reparado e forte. Até estes tempos não habitavam alli os Portuguezes, nem tinham fortificado a bocca da enseada.

Sabendo um Nicolao Villagailhon, homem nobre Francez, Cavalleiro de S. João, que os Tamoyos, gentios daquella enseada e costa, aggravados dos Portuguezes, tinham com elles guerra, fabricou uma armada e com ella entrou na enseada, querendo alli fazer nova colonia e estado de Francezes, porque ha capacidade no sitio e os interesses eram muitos. Para que ninguem resistisse a seus intentos, assentou pazes com os Tamoyos, e com dadivas os obrigou a se unirem com elle contra os Portuguezes. Logo, com ajuda dos Indios, fortificaram uma ilha, que ha na bahia, e hoje é seu

nome Villegailhon (1), tomado do General Francez que a fortaleceu.

Não trataram os Francezes mais que de seus commodos, carregando alli as fazendas da terra, indo e vindo náos de França, sem fazerem guerra offensiva aos Portuguezes. Não eram assim os Tamoyos; por mar e terra faziam crueis hostilidades, a que os afoutava muito a liga com os Francezes. Andavam os Missionarios em continuos sobresaltos.

De todas estas cousas se fez aviso a El-Rei de Portugal, e quanto convinha cortar em seus principios este damno, de que se viriam a seguir grandes ruinas, se houvesse vagares no remedio, por se ir muito engrossando e fortificando o inimigo. Para esta empresa foi eleito por Governador do Brazil Men de Sá, homem verdadeiramente nascido para cousas grandes e altas empresas, grande christão e grande soldado. Chegou á Bahia no anno de 1558. Promulgou leis mui proveitosas á liberdade dos Indios e ao bom governo politico e christão.

Governando já a Rainha D. Catharina na menoridade d'El-rey D. Sebastião, mandou novo soccorro a Men de Sá, e que fizesse o maior poder que pudesse ajuntar, e procurasse desaposar os Francezes do Rio de Janeiro. No anno de 1560 preparou uma armada de dez navios e muitos barcos cheios de Portuguezes e Indios. Chegou com vento prospero á enseada do Rio, levando comsigo ao Padre Manoel da Nobrega, como digo em sua vida (2). Vendo, porém, que tinha necessidade de

(1) O Visconde de Porto Seguro escreve fortaleza de *Villegagnon*, accrescentando "o que, adulterado pela nossa gente, se ficou dizendo, mais aporuguezadamente, *Villegalhão*; e é de parecer que se deve conservar este antigo nome e orthographia." (Hist. Ger. do Braz., I, pag. 277; Cartas Jesuiticas, I — Cartas do Brazil do Padre Manoel da Nobrega — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1886 — Nota 5 de Valle Cabral á Vida do Padre Nobrega.)

(2) Vide *Cartas Jesuiticas*, l. cit. — Franco, *Vida do P. Manoel de Nobrega*, Cap. V, pag. 22.

algumas embarcações pequenas e de homens praticos no paiz despediu mensageiros a S. Vicente a procurar esta prevenção a qual os Padres Nobrega e Anchieta puzeram brevemente corrente, e enviaram capitaneada por dois Religiosos da Companhia.

Assaltou o Governador a fortaleza e a rendeu. Por então se contentou com recolher o despojo, desbaratar o que havia de arte na fortaleza e retirar-se para a Bahia, por lhe parecer enfraquecia muito as forças, se por então as dividia em presidiar o Rio. De tudo fez aviso á Rainha, a qual ordenou que, em todo o caso, se fizesse no Rio colonia e fortaleza, pois era um dos logares mais importantes que havia em todo o Brazil, e era cousa precisa disporem-se as cousas de sorte que tirassem os Francezes d'alli o sentido.

Desassustados os Tamoyos do Rio da armada portugueza, cobraram nova coragem. Desinquietaavam sobremaneira a Capitania de S. Vicente, dando nella muitos assaltos, já por mar nas suas canôas, já por terra com seus arcs. Ninguem se dava delles por seguro. Não contentes com os assaltos, animados pelos Francezes, que se tinham recolhido a suas náos, eutraram em pensamentos de sujeitar com armas toda a Capitania de S. Vicente. Em todas estas perturbações o animo dos Portuguezes e dos nossos Indios eram os Padres Nobrega e Anchieta, que os esforçavam. A todos persuadiam o arrependimento de seus peccados, pois estes eram a causa de tão cruel castigo.

A este assombro, que causavam os Tamoyos, se accrescentou outro de novo. Os Tupis, nação dos sertões de Piratininga, com esta occasião se rebellaram, sendo antes amigos nossos. Determinaram com todo o poder e segredo assaltar de improviso a povoação principal de Piratininga e de uma vez acabar alli com os Indios, Padres e Portuguezes, e fazer-se senhores daquelles abundantes campos; cousa que grandemente desejavam. Porém Deus, que não queria acabar de todo os seus, moveu a um Indio, que fôra discipulo dos Padres, que lhes viesse contar o que estava disposto.

Neste repente se preparavam todos os Portuguezes e Índios, nos quaes se viu grande fidelidade em querer antes morrer com os seus Padres, que desamparar o porto. Em especial se viu um grande valor e christandade em um Martin Affonso, principal Indio de Piratininga; pois, requerido de um seu Irmão e sobrinho, que se lançaram com os inimigos, que tomasse melhor conselho, elle desprezou estes avisos, e a todos os outros Indios encheu do seu animo e santo furor.

Andando assim as cousas, no dia oitavo da Visitação da Senhora, ao romper d'alva, dão os inimigos de improviso sobre a villa, assombrando montes e valles com a multidão, com os gritos, com os assobios, com o bater do arco e pé, segundo nestas occasiões é seu costume. Sahiram os christãos a os receber. Travou-se uma brava peleja, na qual os Tupis com morte de muitos foram postos em fugida, sem dos christãos ficar um só morto no campo.

Este successo fez respirar em parte aos de Piratininga, mas não desassombrou de todo aos de S. Vicente, aos quaes por alli ficava aberta esta nova guerra, e pelos outros lados continuava a dos Tamoyos. Os Santos Varões Nobrega e Anchieta punham o seu empenho em mover á penitencia os Portuguezes, pois o terem elles captivado Tamoyos e quebrado as pazes era todo o principio destas perturbacões. Ate os Indios que viviam connosco estavam persuadidos que os Tamoyos tinham por si a razão e a justiça, e que Deus pelejava por elles.

Estas cousas traziam aos servos de Deus mui suspensos. Sentiam em seu coração, no tempo que tratavam com Deus, grandes impulsos de se ir metter entre os Tamoyos. ou para uma vez acabar uma vida cansada, ou effectuar uma desejada paz. Communicaram esta determinação com os do governo, os quaes, como iam nella tão interessados, e por este caminho se poderia tentar o váo sem perigo seu, todos a louvaram. Os dois servos do Senhor se puzeram logo por mar ao caminho para os logares fronteiros dos Tamoyos,

que distavam como 26 leguas ao norte de S. Vicente. Alli chegaram aos 4 de Maio de 1563, pelo modo que fica referido na *Vida do Padre Manoel de Nobrega*. (1)

(1) Vide *Cartas Jesuiticas* cit. — Franco, *Vida do Padre Manoel de Nobrega*, Cap. VI, pag, 24.

CAPITULO VI

Como foi em companhia do Padre Manoel de Nobrega fazer as pazes com os Tamoyos. Apontam-se tres prophcias suas.

Desta jornada direi o já escripto acima na Vida do Padre Manoel de Nobrega, e assim por não repetir tocarei sómente em grosso aquellas cousas, para dellas descahir nas que pertencem só ao Padre Anchieta, o qual, tornando-se o Padre Nobrega, ficou mais algum tempo entre aquellas gentes, onde lhe aconteceram cousas muito notaveis. Houve nos Tamoyos grande alvoroço com a chegada dos Padres, de quem era fama serem amigos dos indios; e, ouvindo fallar ao Padre Anchieta, cuja eloquencia enlevava, depuzeram sua fereza e deram refens, que foram para S. Vicente.

Os Padres sahiram em terra e se hospedaram na casa de Caoykira, Indio principal. Armaram sua Igrejinha, onde aos 9 de Maio houve a primeira Missa que se disse naquella terra. O Padre José, que era o lingua, tomou a seu cargo explicar os mysterios da Fé. Os Indios se lhe affeioaram tauto, que lhe descobriram o modo todo da guerra, que entre si estava disposta contra os Portuguezes.

Divulgado pela costa a vinda dos Padres a tratar pazes, concorreram Indios do Rio de Janeiro para as impedirem e matarem os Padres. Quando se ajuntaram os principaes a tratar das pazes, um, que tinha vindo do Rio com dez canoas de guerra, disse com resolução que, se queriam pazes, se lhe haviam de entregar tres Indios seus inimigos, que estavam em S. Vicente. A isto, depois de outras razões, dis-

seram os Padres que o negocio se propuzesse aos do governo de S. Vicente. Vindo nisto os Indios, quiz elle mesmo ir em suas canôas. Lá deram tão boas razões, e sobretudo lhe fizeram tão bom tratamento, que o barbaro se amansou e voltou mui outro.

Livres deste perigo, estiveram a ponto de serem mortos junto da praia pelos Indios, que vieram em uma canôa, com intentos de perturbarem o negocio das pazes. Delles era Capitão um filho do principal da aldéa em que estavam. Vendo os Padres a canôa e suspeitando o que seria, se retiraram, e tiveram nisto assaz de enfado, porque ao passar de um rio tomando o Padre José ás costas ao santo velho Nobrega, não podendo com a carga, o deixou cahir no meio da agua, e com grandissimo trabalho se puderam recolher na aldéa, em casa do Capitão della, que então estava ausente.

Logo se puzeram de joelhos a rezar; após elles entrou o indio da canôa, com intento de matar os Padres; mas, tanto que deu com os olhos nelles, Deus lhe infundiu um tal respeito, que ficou suspenso. Então, fallando-lhe o Padre Anchieta, ficou tão mudado que, confessando seus máos intentos, disse que taes pessoas não podiam vir com engano. Depois vindo o pae, contou ao filho a bondade dos Padres, com que se confirmou no conceito que delles fizera.

Uma cousa entre outras os tinha assombrado, e era a continencia que guardavam; pois, tendo-lhe os principaes offerecido suas irmãs e filhas, por ser este um dos seus barbaros costumes para com os hospedes, sempre os Padres se retiraram. Disto pasmavam, dizendo, como era possivel que homens rejeitassem o que os outros tanto appeteciam; e, como lhe perguntassem — que medo tinham para se conter, o Padre Nobrega, tirando umas disciplinas, lhes disse que magoando com ellas o corpo o tinham sujeito.

Como a cousa era tão nova, entraram em maior admiração, e se persuadiam ser homens que fallavam com o Creador de todas as cousas; e aos do Rio diziam que se lhes fizessem mal, viria sobre elles peste do Céu. Vivia Pindaboçú

que era o indio principal, tão certo deste castigo, que sempre defendeu aos Padres com os do Rio, que iam e vinham para os matar, e perturbar as pazes. Quiz Deus apremiar a lealdade deste Indio com lhe abrir os olhos e se fazer christão, e como tal viveu e morreu.

Entraram outra vez em conselho para se tomar a ultima resolução das pazes. Ás queixas dos Indios de terem os Portuuezes quebrado as pazes, respondeu o Padre Nobrega que por isso Deus os castigava e dava victoria aos Tamoyos; mas que se os Tamoyos faltassem a estas pazes, que agora se faziam, haviam de ser destruidos. O que tudo se veiu a cumprir, e os Indios ficaram por então mui certos que assim seria. Os desta aldêa nunca nisto faltaram; mas os do Rio, quebrando-as, vieram a ser desbaratados, como se dirá mais abaixo.

Dois mezes havia que os Padres estavam nos Tamoyos, sem acabarem as pazes de se concluir. Para o ultimo effeito julgavam os Padres ser sua presença necessaria em S. Vicente; assim lh'o tinham escripto os do governo de S. Vicente. O caso era difficiloso, porque, indo-se os padres antes de se tomar a ultima resolução, desconfiariam os barbaros. Encomendando a Deus o negocio, resolveu o Padre Anchieta que fosse a S. Vicente o Padre Nobrega, e que elle só ficarianos tamoyos. Este conselho, como vindo do Céu, foi o que se tomou por mais conveniente ao estado das cousas presentes.

Havendo o Padre Nobrega de se embarcar no dia seguinte pela manhã, o Padre Anchieta lhe descobriu tres segredos, que Deus na oração lhe manifestára. O primeiro, que aquella noite tinham os inimigos entrado a fortaleza de S. Vicente, morto o Capitão della e sua mulher, e levado captiva sua familia. O segundo, que certo homem, amigo do Padre Nobrega, era fallecido de um desastre, por ter passado um carro por cima delle. Terceiro, que dentro de poucos dias chegaria a S. Vicente um galeão de Portugal carregado de fazendas.

Chegando o Padre a S. Vicente, achou serem certas as duas primeiras cousas, e dentro de poucos dias se viu tambem a terceira, entrando no porto o galeão. Logo o Padre Nobrega

se applicou a compor com os do governo o tratado das pazes, em que se gastou algum tempo; e tudo se concluiu a desejo de todos. Fez grandes mimos aos Tamoyos; levou-os a novas aldeas; de tudo ficaram mui contentes e satisfeitos. Agora direi o que passou o Padre Anchieta só entre os Tamoyos, no tempo que gastou o Padre Nobrega em S. Vicente, pondo em feição estas pazes.

CAPITULO VII

Fica o Padre Anchieta só com os Tamoyos. Cousas notaveis que neste tempo lhe aconteceram, até de todo se effectuarem as pazes.

Ainda neste tempo não era o Padre José Sacerdote ; por isso lhe era este sacrificio mais pesado. além dos grandes perigos em que ficava com a conversação de gente tão barbara : os menores eram os da vida ; os outros eram viver um moço na flor dos annos entre a mesma impureza, onde as pessoas de diversos sexos eram neste vicio tão faceis, sem a honestidade dos corpos ter aquella gente algum resguardo, que a defendesse da vista ; pois, nesta materia, delles ás feras e brutos animaes ia pouca ou nenhuma differença. Comtudo, posto nas mãos de Deus, ficou só como outro Daniel no covil dos leões, cheio de confiança no mesmo Senhor e de desconfiança de si, que não os melhores defensivos nesta parte.

A primeira cousa que fez este santo homem foi castigar severissimamente seu corpo com cilicios, disciplinas e jejuns, gastando a maior parte da noite em oração, para que Deus o não desamparasse. Tomou por protectora da sua pureza a Mãe de Deus. Aqui fez voto de lhe compôr sua vida em verso. Havia nisto uma não pequena difficuldade, porque não tinha papel, nem penna, nem tinta. Descobriu sua devoção um novo invento. Ia-se junto das ondas do mar ; alli passeando ao som do brando sussurro das ondas, que lhe serviam de plectro, compunha os seus versos, e por lhe não esquecerem, fazendo da praia papel, os escrevia na branca areia.

Uma cousa se viu nestas occasiões, em si rara e maravilhosa, e vinha a ser que uma avesinha mui linda e de côres mui engraçadas era vista dos Indios, ora nos hombros, ora na cabeça, já nas mãos do Santo Varão, saltando de umas em outras partes do corpo, com um recreativo galanteio ; — cousa que fazia admiração nos que a viam. E se deixa bem ver quão agradaveis eram á Virgem Mãe os seus versos, pois com uma significação tão estranha os approvava o Céu.

Teve a Senhora tanto cuidado do seu devoto, que no meio de tanto fogo nem levemente se tismou sua pureza. Assim o confessou nos seus versos, e assim o disse a um Padre amigo d'alli a muitos annos, queixou-se-lhe este das tentações deshonestas que o affligiam. Aconselhou-lhe o Santo Varão que não pedisse a Deus lh'as tirasse, mas que lhe dêsse vencimento nellas. E acrescentou : *“Porque eu sei outro (é certo fallava de si) que o pediu desta maneira e foi ouvido ; porque, combatido largo tempo de semelhantes tentações, favorecido de Deus, e de sua Mãe Santissima, não só não cahiu, mas recebeu promessa segura de não cahir jamais.”* Fez aquelle Padre o que o Santo Anchieta lhe aconselhou, e dentro de tres dias o assegurou que cessariam d'alli por diante aquellas tentações ; e assim o experimentou.

Tambem lhe revelou a Senhora que entre aquelles barbaros passaria grandes assombros da morte, mas que o não matariam, porque elle queria que acabasse de compôr sua vida. Aconteceu que os Tamoyos, enfadados da tardança que havia na resposta, que acerca das pazes se esperava de S. Vicente, lhe disseram um dia : *“José, apparelha-te e farta-te de ver sol, porque em tal dia te hemos de comer, se não vier resposta dos teus.”* Elle lhes respondeu com a bocca cheia de riso : *“Não vos canseis ; eu sei mui bem que vós não me haveis de matar.”* Perguntado depois, porque fallava com tanta confiança, respondeu, porque a Virgem lhe dera palavra que não consentiria o matasse alguém, antes de acabar a vida que della compunha.

Neste meio tempo impacientes os Tamoyos de tardar

tanto a conclusão da paz, deram assalto em uma parte da Capitania de S. Vicente, e trouxeram alli alguns Portuguezes captivos. Traçou o Padre do seu resgate e, como este tardasse muito, resolveram os Tamoyos de matar e comer os captivos : quando assim o queriam fazer, elle os deteve, dizendo : *“O dia que vem, quando o sol chegar áquelle logar (mostrou-o com o dedo) hão de vir sem duvida alguma os que trazem o preço do resgate ; só até então peço que espereis.”* Disse-lhes os nomes dos homens que o traziam, as peças de panno e ferramenta ; e concluiu dizendo que, se assim não fosse, lhe quebrassem a cabeça. Com esta promessa, cujo cumprimento ou falta não era de muito tempo, detiveram os barbaros seu impeto, e no dia seguinte se viu tudo cumprido á risca, e elles recebendo o resgate entregaram os captivos.

Por certa occasião chegára áquella terra um Portuguez, amigo do Padre Anchieta. Trataram os Indios em segredo de o captivar e fazer d'elle um banquete. Sendo o pobre homem avisado do seu perigo, desejava fugir, mas não via quando, nem como. Deu conta ao Padre Anchieta, o qual lhe respondeu : *“Não tendes que temer, porque em tal parte, na praia, haveis de achar amanhã uma embarcação, e nella vos podereis retirar muito a vosso salvo.”* Como o disse antes, lhe succedeu no seguinte dia.

Não se descuidava o Padre de aproveitar os proximos. Todo o tempo que lhe sobejava do trato com Deus e com a Virgem, gastava em explicar aos Tamoyos as verdades da Fé : que havia outra vida, premio para os bons, castigo para os máos, especialmente para os homicidas e comedores de carne humana, vicio mui familiar a esta gente. Muitos com este medo se abstiveram por tempo destes peccados. Pudéra baptisar todas aquellas aldêas, se não fôra o perigo que corriam ficando sós. Baptisava sómente no artigo da morte.

Parira um India, e, como a creatura nascesse quasi expirando, a queriam sepultar. A este tempo chegou alli o Padre : pediu-lh'a entregassem, baptisou-a, cobrou logo vida, que era um filho do famoso Indio Pindoboçú, que tanta

amparava o Padre. Deste caso, e com razão, ficaram os Índios mui admirados.

Mais o foram do seguinte. Certa velha enterrou um menino, filho de uma sua nora, no mesmo ponto que o parira, por ser filho a que chamam Marabá (que quer dizer mistura abominavel entre esta gente) e era ser geração do primeiro marido, mas nascido em poder já do marido segundo. Foi o Padre avisado ; acudiu a tempo, que havia já meia hora que estava a criancinha debaixo da terra. Desenterrou-a e baptisou-a viva e sã ; entregou-a á mulher para que a criasse, deixando o seu abuso. Ajuntarei aqui outro semelhante, ainda que succedido em diverso logar. Em S. Vicente pariu uma India e, vendo ser o filhinho cousa monstruosa em algumas deformidades que tinha, envergonhada do seu parto o escondeu e enterrou vivo, Acudiu o Padre Anchieta, sabendo do maleficio ; desenterrou-o, deu-lhe o santo baptismo, o qual recebido expirou.

Grande era o odio que os Tamoyos do Rio de Janeiro tinham a estas pazes ; por isso puzeram seu empenho em as impedir. Vieram oito canôas cheias de Índios para o matar : saltando em terra cheios de ira, com os arcos feitos o buscaram. Chegando á sua presença, o Padre lhes fallou. Tiveram tal força suas palavras, que os Índios se amansaram e admirados o deixaram, dizendo que com razão se dizia delle que atava as mãos aos homens, pois não estivera na sua fazer-lhe algum mal.

Outro perigo maior veio após este. Chegaram de S. Vicente as canôas, que tinham ido com o Padre Nobrega. Diziam vir fugindo, por lhe ter dito um escravo que os Portuguezes os queriam matar, e que, com effeito, um Domingos de Braga matára um Indio da Companhia de Aimbiré, que era aquelle Indio principal, que atraz disse fôra em pessoa a S. Vicente.

Estas mentiras fizeram grande impressão nos do Rio, que tinham vindo matar ao Padre Anchieta ; quizeram fugir de noite e levar consigo o Padre ; mas Pindoboçú o defendeu e

os reprehendeu. Um delles cahiu no erro, dizendo ser cousa vergonhosa dar credito a um escravo em cousa de tanto peso ; e assim não quiz ir com os mais. Comtudo os mais fugiram e um principal, entrando de passagem onde estava o Padre, a modo de quem ameaçava, lhe disse : — “Eis aqui imos fugindo, porque os teus nos queriam matar ; e a isto nos mandaste a S. Vicente.”

Apenas se tinham ido estes, quando chegaram dez canoas do Rio. Logo toda esta gente foi buscar o Padre, fazendo grandes medos : chegando á sua presença, se não atreveram a pôr nelle as mãos ; fizeram só aquillo a que se estendia a licença que tinham da Virgem Mãe ; por cinco dias inteiros o assombraram, maltrataram e lhe roubaram a sua pobreza, querendo leval-o a suas terras, ou pelo menos a um Portuguez chamado Antonio Dias, que estava á sombra do Padre.

A todos estes intentos resistiram os da aldêa e o principal Pindoboçú, que, enfadado já da paciencia com que os soffria, por não perturbar as pazes, pegando a sua espada de páo se foi a elles, dizendo a grandes vozes que eram uns vadios, que não queriam senão quebrar as pazes com os brancos ; que soubessem que o Padre era conselheiro de Deus ; que, se alguem o offendese, teria sobre si e sobre os seus a morte ; e que o Portuguez Antonio Dias fazia as casas do Deus dos christãos (isto dizia, por ser pedreiro), e que, se alguem lhe fizesse mal, Deus se havia de voltar contra elles.

Fallou o Indio com tamanha braveza que todos os seus se puzeram em armas a seu favor, e os do Rio houveram de calar. Depois, indo ter com o Padre, lhe disse : “Filho José, não tenhas medo ; roga ao teu Deus que me dê larga vida : não te hão de matar, ainda que seja verdade que os teus tenham morto aos nossos em S. Vicente”.

Agradeceu-lhe o Padre José este com animo, e lhe disse que cedo veria ser mentira quanto se dizia dos de S. Vicente. Não tardou o Senhor em cumprir a palavra de seu servo, porque dentro de poucos dias chegou o Indio companheiro

de Aimbiré, que, com sua presença, mostrou a mentira, que se divulgára, de ser elle morto. Pouco depois vieram outros e disseram quão bem os tratara o Padre Nobrega, como os levava pelas aldêas dos nossos Indios, como na Igreja os fizera abraçar, para maior firmeza das pazes, que ficavam assentadas a contento de todos, com o que houve uma geral alegria, e ficaram os do Rio mui confusos de tão facilmente terem dado credito a mentiras.

CAPITULO VIII

Retira-se o Padre Anchieta dos Tamoyos : o mais que nisso houve. Como foi á conquista do Rio de Janeiro, e cousas maravilhosas que nella aconteceram.

Concluidas assim as pazes, tratou o Padre de se partir para S. Vicente, tendo assistido alguns cinco mezes entre aquelles barbaros. Tinham-lhe elles cobrado tanto amor e elle aos Indios, que houve muitas lagrimas de parte a parte : choravam por se haver de apartar delles o seu pai maior, que lhes adivinhava os successos futuros, que lhes ensinava cousas santas, que os curava e consolava em suas doenças. Chorava o Santo Varão, por ver ficar ao desamparo tantas almas tão bem dispostas para o santo baptismo. Tambem lhe fazia sandade o logar em que Deus tanto o consolara ; de que tem estas palavras, fallando em terceira pessoa :

“Assim estive o Iruão até meiado de Setembro entre os Tamoyos, entregue á providencia divina e muito consolado, passando muitos tragos da morte, que causavam os que vinham do Rio, e outros combates espirituaes, de que Nosso Senhor o livrou. Nunca fez instancia alguma aos Indios que o levassem, até que elles, estando de caminho para S. Vicente, ordenaram de o levar, porque não ficava seguro dos que vinham de fóra, ficando só. As mais das Indias requeriam que o não levassem, porque não lhes ficava troca das cabeças de seus maridos, que estavam em S. Vicente. Outras, que sentiam o perigo em que o deixavam, ficando só, insistiam que

o levassem, e estas venceram : assim o embarcaram comsigo em uma canôa de curca a 4 de Setembro."

Até aqui suas palavras.

Ja por Capitão da jornada um Indio principal, por nome Cunhambeba, grande amigo do Padre e que trouxera de S.Vicente as ultimas novas das pazes. Chegando a descansar na Ilha dos Porcos, acharam alli uma canôa de Indios do Rio, que fizeram novo esforço por perturbar as cousas. Disseram ao Indio que em boa se ia metter : que os de Piratininga tinham quebrado as pazes ; que elles vinham fugindo dos Portuguezes, que os queriam matar. A isso respondeu o Indio : "Se isso assim é, vós lhe darieis a causa ; que os christãos eu sei que são bons " ; e fez logo dar ao remo.

Continuando a viagem, sobreveio tamanha tempestade que, diz o Padre, se não vira até aquelle tempo tão perto da morte. Animou os Indios, assegurando-os de que haviam de ir a salvamento.

Brevemente chegaram ao porto e sahiram em terra no dia de S. Matheus do anno de 1563. Houve nos Portuguezes e naturaes da terra muita alegria, e o Indio achou ser mentira quanto os do Rio lhe tinham dito na Ilha dos Porcos. Logo o Santo Varão tratou, para cumprimento do seu voto, de aperfeiçoar a vida da Senhora, a qual toda tinha na memoria, pois não tivera outro papel em que a escrever : consta ella de 4172 versos elegiacos, e todos os restituiu a memoria, que era felicissima, como nella os tinha depositado na praia dos Tamoyos. Esta obra, que é mui culta, anda impressa assim na Historia da Provincia do Brazil, como na vida que deste servo de Deus fez o nosso Padre Simão de Vasconcellos, onde a podem ver os curiosos : della se vê quão excellente era o Padre José nesta faculdade.

Sabidas em Portugal as pazes com os Tamoyos, vendo a Rainha ser boa occasião para de todo lançar fóra do Rio aos Francezes, mandou armar dois galeões, e por Capitão delles a Estacio de Sá, sobrinho do Governador Men de Sá, com ordem cerrada que fosse á Bahia e alli estivesse ás ordens de seu

tio: a este ordenava que, ajuntando o poder que pudesse, mandasse com elle a seu sobrinho lançar fóra do Rio aos Francezes e povoar o Rio.

Da Bahia partiu para o Rio, Estacio de Sá, e alli achou terem os Tamoyos alterado as pazes e que tudo estava em guerra: tomadas as alturas das cousas, achou haver na empreza grandissimas difficuldades, e ser mais defençosa do que se imaginava. Temia a falta de mantimentos e de canôas; para se refazer de uma e outra cousa, tomou por conselho retirar-se á Capitania de S. Vicente. Assim o fez, e achou que os Tamoyos das terras onde assistira o Padre Anchieta estavam firmes nas pazes. Aqui recresceram as difficuldades, representando-se a empreza de cada vez mais ardua. Todas se venceram com o favor de Deus e boas agencias dos Padres Nobrega e Anchieta, em quem tinham todos grande fé, e elles, como quem tinha noticia superior do bom fim desta demanda, animaram ao Capitão com a esperança certa do bom successo.

Provida, pois, a armada assim de mantimentos como de canôas cheias de Indios guerreiros, mandou o Padre Nobrega que fossem em sua companhia para animar os soldados os Padres Gonçalo de Oliveira e José de Anchieta. No principio de Março chegaram a occupar a barra. Lançaram ferro junto das Ilhas que estão proximas a ella, esperando pela capitania, que vinha mais de vagar.

Aqui impacientes os Indios do Espirito Santo com a detença da capitania e falta de mantimentos, estavam amotinados para se fazer na volta de suas terras. Estando neste pensamento, teve o Padre Anchieta impulso de os vir visitar. Chegando á falla, sem delles ouvir nada, lhes extranhou a resolução. Vendo-se descobertos disseram que por causa da fome não podiam esperar mais. Respondeu-lhes o Padre, que estivessem de bom animo, que antes que o sol chegasse a tal parte do Céu (mostrou-lh'a com o dedo) chegariam os mantimentos e depois a capitania. Ditas estas palavras viram chegar-se os barcos que traziam os mantimentos, e, indo o sol

no logar que apontara, entraram no porto. Ficaram com isto muito attonitos e animados os Indios, e mais quando na manhã seguinte chegou a não capitania.

Junto que foi o poder, entraram pela barra; saltando em terra se fortificaram junto a um penedo altissimo, que, pela feição que tem, se chamava o Pão de Assucar, logar mui a proposito para a segurança dos nossos. Os Tamoyos e Francezes estavam mui fortes em suas trincheiras. Houve diversos acontecimentos, nos quaes sempre os nossos sahiram com a melhor. Viu-se em muitas cousas raras que o Céu tomára esta guerra á sua conta, porque, dando as balas a muitos dos nossos nos peitos, lhes cahiam amassadas aos pés.

Alguns recebiam feridas mortaes e eram curados com tanta facilidade, que se via obrar alli a virtude de Deus, e não remedios humanos. Direi com as palavras do Santo Padre Anchieta, que dão mais peso a esta narração, parte do muito que aqui passou, pois em tudo se reconheceu terem boa parte suas orações. “Nesta conquista, diz o Padre Anchieta, que durou alguns annos com guerra continua e muita fome, andavam os homens como religiosos, confessando-se e commungando muitas vezes, mui animosos e confiados em Deus com a presença dos Padres e do Capitão-mór Estacio de Sá, o qual, além do seu grande esforço e prudencia, era a todos exemplo de virtude e religião christã.

“ Bem mostrou Nosso Senhor que o Padre Nobrega foi regido em tudo isso por seu divino espirito nas muitas e insignes victorias que, por misericordia, tão poucos christãos Portuguezes e Brasis houveram de tanta multidão de Tamoyos ferocissimos e acostumados de tantos annos a ser sempre vencedores, e de alguns Francezes Lutheranos que comsigo tinham; nas quaes concorria Deus com muitos milagres, sarando muitos de frechadas mortaes com muito pouca cura. A outros davam pelouros nos peitos desarmados e cahiam-lhes amassados aos pés. Quatro accommettiam vinte, e vinte a duzentos e os faziam fugir.

“Algumas vezes deram assalto na cidade, que era então umas choupanas de palha com uma fraca cêrca de páo, especialmente um dia em que se ajuntou para isso grande multidão. O Padre estava na Igreja, diante do altar, em oração; as frechadas que vinham do alto furavam a palha do tecto e pregavam-se ao redor d'elle; os soldados defendiam a cêrca e, de quando em quando, acudiam alguns á Igreja e, vendo o Padre cercado de frechas, tomavam grande esforço e tornavam ao combate, até que os fizeram fugir a todos.

“Um Indio christão, por nome Marcos, valentissimo homem, pelejava nesta conquista em uma canôa e, depois da terra ficar quasi segura se tornou para Piratininga, onde tinha sua aldêa. D'ahi a alguns annos foi necessario soccorro para Cabo Frio e, andando alguns Padres com o Capitão de S. Vicente ajuntando Indios, deram com este, que eslava muito doente, o qual sem ser chamado, se convidou, e querendo-o escusar por estar enfermo, respondeu elle: — Eu ganhei o Rio de Janeiro e Deus nelle me livrou de muitos perigos. Uma vez me deu um pelouro de arcabuz nos peitos, como que déra numa rodila e cahiu amassado a meus pés; e por isso heide tornar lá assim doente como estou e acabar lá a vida, para que os meus com meu exemplo se movam a soccorrer os Portuguezes.

“Assim o fez, fazendo-se levar de Piratininga a S. Vicente aos hombros dos seus, e dalli se foi com a mais gente ao Rio de Janeiro, e, por estar muito fraco, não poudo passar ao Cabo Frio, porque no mesmo Rio o queria Deus salvar. E foi o caso que vinha elle em máo estado com uma India, e alli, por exhortação dos Padres, se casou com ella e se confessou inteiramente, e acabou, acabando-se de conquistar o Rio de Janeiro; porque daquella vez se deu fim á conquista, com se sujeitar o Cabo Frio.

“Das misericordias e maravilhas que Deus fez nesta povoação, que foram muitas, só direi uma: e foi, que os Tamoyes, vendo que levavam a peor em tudo, determinaram

de uma vez dar fim ao negocio, e assim se appellidaram e ajuntaram de vagar algumas 180 canôas, para todas juntas dar nos nossos e destruil-os de todo; e, para mais se ver a mão de Deus, permittiu elle que alguns mestiços dos mais valentes se enfadassem, e, ainda que estavam esperando por este ultimo combate, se foram escondidos em suas canôas a S. Vicente, deixando o Capitão-mór com cinco canôas sómente.

“Chegou, pois, o corpo das 180 dos Tamoyos, e não quizeram dar na Cidade, senão tomar os nossos fóra della em cilada, o qual para elles era mais seguro; e Nosso Senhor mostrou mais sua particular misericordia e providencia. Feita logo a cilada como uma legua da cidade. appareceram algumas canôas dos Tamoyos; sahiram os nossos cinco e o Capitão-mór nellas perseguindo-os, com o animo que sempre costumavam; começaram a entrar na cilada, em que estavam já quasi sem remedio, e indo a pôr fogo a um tiro, que levava a capitania, poz-se logo a polvora de tal maneira, que levou ao mar alguns meio queimados, os quaes logo tornaram a metter na canôa.

“Vendo os Tamoyos o fogo na canôa, deram a fugir, porque uma mulher do principal Capitão da guerra, que elles costumavam levar consigo, começou a bradar que ia grande fogo sobre elles a os queimar, e, virando elles as costas, appareceu toda a multidão das canôas, que estavam escondidas, e todos fugiram. De maneira que foi medo que Nosso Senhor lhes poz com a vista daquelle fogo, e juntamente particular favor do glorioso Martyr S. Sebastião, que alli foi visto dos Tamoyos, alguns dos quaes perguntavam depois: — quem era um soldado que andava armado muito gentilhomem, saltando de canôa em canôa, que os espantára e fizera fugir? Os nossos os seguiram um pouco, vendo a maravilha do Senhor, mas logo com muita prudencia se recolheram á Cidade; e dalli por diante cessaram os Tamoyos, até que foi soccorro da Bahia, com o qual se começaram a sujeitar e pedir pazes.”

Até aqui a narração com as palavras do Padre Anchieta, da qual se vê que toda esta conquista foi mais obra de Deus, que do poder humano. Este caso das canôas aconteceu em Julho de 1566, a tempo que o Padre Anchieta estava nas partes da Bahia.

CAPITULO IX

Ordena-se de Sacerdote ; assiste na conquista do Rio. Do que lhe succedeu em S. Vicente : como voltou a dar principio ao Collegio do Rio, e cousas que alli lhe succederam.

Eram os fins do anno de 1565, no qual continuava a guerra com os Tamoyos e Francezes no Rio, quando o Padre Manoel de Nobrega ordenou o nosso servo de Deus, que até este anno não era Sacerdote, que fosse á Bahia, assim para tomar ordens sacras, como para informar ao Governador Men de Sá do estado das cousas do Rio, como quem tanto as sabia e nellas tinha tão bôa parte. De camiinho, lhe mandou visitar a nossa casa do Espirito Santo e aldêas a ella annexas ; ás quaes muito consolou nos seus trabalhos de uma peste de hexigas, que vexára os moradores daquelle paiz.

Chegando á Bahia, em que foi recebido como homem de que já havia opinião de mui santo. contou tudo ao Governador e apontou os meios necessarios para concluir de toda a guerra, obrigando os Tamoyos a largar os portos de mar e a recolher-se ao sertão, e se poder fundar Cidade, como El-Rei queria e era preciso para a conservação do Brazil. Estes seus arbitrios foram os que seguiu o Governador, começando logo a se apresentar para ir elle em pessoa dar fim a esta empreza.

Ordenou-se logo de Sacerdote com o Bispo D. Pedro Leitão, seu conhecido já de Coimbra. Neste tempo, aos 24 de Agosto de 1566, chegou á Bahia o Visitador dos nossos, o Santo Martyr Ignacio de Azevedo, a quem Deus trazia para

ser também companheiro na conquista do Rio. Tendo o Governador Men de Sá disposto a armada, se poz á vela, indo em sua companhia o Padre Azevedo a visitar as casas da Companhia, e o Padre José de Anchieta. Chegou esta armada ao Rio aos 18 de Janeiro de 1567, tendo partido da Bahia em Novembro antecedente.

Resolveu o Governador de logo no dia do Martyr S. Sebastião, que era o padroeiro desta empreza, e que parecia tel-os trazido alli junto do seu dia para isto mesmo, dar nas principaes forças do inimigo, que eram duas aldêas mui fortalecidas com artilharia, fossos e outros defensivos assistidos de muita gente. O Bispo, o Padre Ignacio de Azevedo, o Padre Anchieta e outros tomaram á sua conta encomendar o negocio e successo a Deus, como o Senhor das victorias.

Amanhecendo o dia do Santo, Estacio de Sá com boa soldadesca deu na principal aldêa e, ainda que a resistencia foi brava, a escalou e a todos passou aos fios da sua espada e aos seus; alguns Francezes, que houve vivos, os mandou enforcar. Dos nossos morreram até 11 ou 12, e sahiu ferido mortalmente o Capitão Estacio de Sá, porque não houvesse boa fortuna sem sen dezar. Logo deram na segunda aldêa e a entraram com o n captiveiro e estrago. Vencidas as principaes forças, ficaram os inimigos mui atemorizados. Passado um mez, falleceu santamente Estacio de Sá, com geral sentimento de todos, por ser grande Christão e Capitão mui valente. Com estas victorias ficaram os Portuguezes senhores daquella formosa Bahia, a qual tem feito inexpugnavel em tal fórma que em guerra, que andando annos veio a ter o Brazil com gentes europeas, nunca lhes veio tentação entender com esta praça, posto que em nossos dias a ganharam os Francezes, e saqueada a deixaram.

Ficou por Capitão, em lugar do defunto, Salvador Corrêa de Sá, sobrinho assim do mesmo Governador. O Padre Anchieta com o Padre Visitador Ignacio de Azevedo e Luiz da Grã, Provincial, mais companheiros e o Bispo foram para S. Vicente, onde todos se consolaram com o santo velho

Manoel de Nobrega. Resolveram entre si passar o Collegio de S. Vicente para o Rio de Janeiro, assim por dar a presença dos nossos mais calor á nova Cidade, como por outra razão de grande importancia para o serviço de Deus.

Nesta occasião succederam aqui ao Padre Anchieta algumas cousas estranhas. Uma India casada fazia com outra sua irmã algumas velas de cêra; entre outras fez da mesma cêra duas para si. Perguntou-lhe a irmã, para que as fazia? Respondeu: — *Faço-as, para que o Padre Anchieta diga Missa por mim, quando eu fôr santa* (queria dizer Martyr). Deu-as ao Padre e lhe communicou o intento. Succedeu, pois, que os Tamoyos de Cabo Frio, que todavia estavam rebeldes, dando assalto em a Capitania de S. Vicente, captivaram esta India. Quiz o Capitão fazer-lhe força; a que respondeu, que ella era christã e casada; que antes perderia a vida que commetter tal offensa de Deus. Enfurecido por isso, o barbaro lhe cortou a cabeça.

Passava este Martyrio 30 leguas de S. Vicente, onde então estava o Padre Anchieta, o qual, tendo revelação do Céu, accendendo as duas velas, disse Missa de uma Santa Martyr, mettendo na oração o nome da India Martyr. Perguntou-lhe o Padre Nobrega que Santa era aquella? Respondeu, que era a India Fulana, que então acabava de ser martyrisada, e fôra logo ao Céu. Depois veio noticia ser tudo assim como o Padre Anchieta o tinha antes contado.

Outro dia, que era de S. João Evangelista, disse Missa de um defunto. Perguntou-lhe o Padre Nobrega a causa disso: respondeu-lhe, que a dissera por um Padre nosso, que naquella noite fallecêra no Collegio de Loreto, em Italia, e fôra seu discipulo em Coimbra e muito seu amigo. Perguntou-lhe mais, em que estado se achava aquella alma? Respondeu-lhe: — que depois do offertorio, quando chegou ás palavras: *Omnis honor et gloria*, entrára no Céu.

Querendo o Padre Visitador dar principio ao Collegio do Rio, partiu para lá em Julho de 1567, levando comsigo ao Padre Provincial Luiz da Grã e aos Padres Nobrega e

Anchieta. Nesta viagem aconteceu a estes santos homens o caso da baleia, que conto nas vidas dos Padres Azevedo e Nobrega; porque, estando ancorados defronte do porto chamado Biritioga, querendo sahir á terra todos quatro com outros passageiros para dizerem Missa, os seguiu uma baleia mui assanhada; chegando ao batel, metteu a cabeça debaixo da agua e levantou a cauda para descarregar o golpe. Todos se davam por perdidos: puzeram-se de joelhos; e o monstro, suspendendo o golpe, como detido com mão invisivel, se foi escoando pela prôa e os deixou livres da morte. Os quatro eram de tanta virtude que ás orações de todos se pôde attribuir a mercê, ainda que o Santo Varão em suas narrações a attribuiu somente á santidade do seu Visitador Ignacio de Azevedo.

Chegando á nova Cidade, escolheram sitio para o Collegio, cujo fundador era o Senhor Rei D. Sebastião. Ficou com este cuidado o Padre Nobrega, e por seu companheiro o Padre Anchieta. Por ser já o Padre Nobrega velho, cortado de annos e muito mais de trabalhos, cahia o principal trabalho sobre o Padre Anchieta. Ditoso Collegio, que se fundou com as industrias e virtudes de varões tão assignalados!

Acudia o Padre Anchieta a todos, e mais á instrucção dos Indios, que tinham vindo em ajuda da guerra; delles formou uma aldêa em terras do Collegio, e foi esta uma das principaes forças daquella nova colonia contra seus inimigos.

Um dos seus principaes trabalhos foi aqui a conversão de João Boles, hereje Francez: deste homem fallei já na vida do Padre Luiz da Grã, como, por não ser castigado do Capitão Villagailhon, no anno de 1559 fugira com outros, fingindo-se Catholico, para a Capitania de S. Vicente; como alli o fizera prender o Padre Grã, e fôra remettido á Bahia, d'onde fôra trazido preso, para ser ajustiçado no Rio de Janeiro; devia ter crimes, que pediam o castigo naquelle logar.

Passava isso no anno de 1567: vendo o Padre a pertinacia deste hereje, pediu lhe dilatassem a morte, por que se não perdesse esta alma; lidou, batalhou, finalmente o

co iverteu. Quando foi ao supplicio, que era de forca, por ser o official pouco destro, detinha o padecente na agonia com perigo de tornar atraz, por ser este homem naturalmente impiciente. Entrando o Padre em zelo, reprehendeu ao algoz, e o instruiu no seu officio, para que a morte se apressasse (1). Não ignorava o Padre o que em taes accelerações de morte dispõem as leis ecclesiasticas. Perguntado por que se atrevera a tal cousa? Respondeu que sua suspensão não era peccado e se podia remediar com a absolvição da Igreja; porém que a perda da alma do padecente era cousa sem remedio, e que a caridade nesta occasião estava em primeiro logar que o outro inconveniente, que podia ser remediado.

(1) Esta execução de Bolés “é simplesmente uma legenda.” Assim o prova evidentemente Candido Mendes, na luminosa dissertação que publicou no tomo 42, p. 2ª, da Revista Trimensal do Instituto Historico, pag. 154 e segs. O argumento decisivo está nas seguintes palavras de uma informação, attribuida a Anchieta: “Joannes de Bolés... em S. Vicente... começou a vomitar a peçonha de suas heresias, ao qual resistiu o Padre Luiz da Grã, e o fez mandar preso á Bahia; e d’ahi foi mandado pelo Bispo D. Pedro Leitão a Portugal, e de Portugal á India e nunca mais appareceu.” (Informações e fragmentos historicos do Padre José de Anchieta S. J., pag. 11 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional, 1886).

Como nota Capistrano de Abreu: “Candido Mendes com razão considera este trecho prova cabal de que não é exacta a execução de J. Bolés por Anchieta, que os seus biographos lhe attribuem.” (Informações e fragmentos cit. pag. 11, nota 12).

Brazilio Machado confirma isto mesmo, dizendo: “O que se apura da historia, e com vigor irrefragavel, é que nem João Bolés foi convertido por Anchieta, nem passou pela pena capital.” (Conferencias Anchieta, etc., já cit. pag. 40). Veja-se, a tal proposito, o escripto do P. Americo de Novaes S. J. publicado no *Jornal do Brasil* de 13 de Setembro de 1886, e que serve de appendice á 5ª Conferencia Anchieta, recitada em S. Paulo, a 30 de Novembro do mesmo anno.

Por este tempo mandou o Capitão Salvador Corrêa de Sá doze mancebos esforçados a certa funcção contra alguns Francezes, que no Cabo Frio contractavam com os Indios. Confessaram-se com o Padre, pedindo-lhe mais orações. Animou-os, dizendo que fossem e que haviam de obrar um feito honrado. Chegando ao Cabo Frio, cinco delles foram á Bahia Formosa, distante duas leguas; quando o não cuidavam, lhes sahiram de emboscada sete Francezes armados. Houveram-se os nossos tão bem que, mortos seis Francezes, captivaram um, sendo morto sómente delles um por nome Heleodoro Ebanos.

Voltaram contentíssimos: chegando á aldêa de S. Lourenço, perto da Cidade, os recebeu com festa o Padre Gonçalo de Oliveira, da nossa Companhia, dando-lhes o parabem e mostrando-lhes escripto do Padre Anchieta, em que lhe dizia os agasalhasse bem e lhe referia o successo, que d'alli 22 leguas tinha acontecido. Ficaram assombrados, e muito mais quando, chegando á Cidade, souberam que, pré-gando o Padre no dia de Santo Antonio, eu que a facção se obrára, dissera: "*Hoje passaram desta vida sete homens; um se salvou, e os seis se condemnaram.*" Tinham sido os seis Francezes, e o setimo Heleodoro Ebanos, a quem o Padre confessára.

Um João de Souza Pereira andava dois annos havia 300 leguas pelo sertão dentro. Vindo novas a S. Paulo de que era morto, se lhe fizeram suffragios e o pae da mulher a mandou a S. Vicente, porque queria que se casasse. Indo ella despedir-se do Padre José, lhe disse se não fosse, porque seu marido era vivo, e que antes de muitos dias chegaria são e salvo e com cabedal. Tudo se viu ser assim dentro de poucos dias. A certo homem, que casára com impedimento dirimente, lh'o descobriu o Padre e o remediou. Assim mesmo, indo á casa de outro, lhe disse: "*A mulher com que estaes casado não é vossa*" e, como respondesse, que elle a recebêra na Ilha Terceira, sendo o marido della dado juri-

dicamente por defunto, replicou o Padre :—*Que faremos ? Elle é vivo e chegou da India a Portugal ; manda-lhe sua mulher.*” Eram estas pessoas virtuosas, creram o Padre e, tendo-se tomado navio, chegou de Portugal precatório, em que o homem pedia lhe mandassem entregar sua mulher.

CAPITULO X

Como foi Reitor do Collegio de S. Vicente. Algumas das cousas muito notaveis, que nesse tempo lhe succederam, e da noticia de cousas occultas.

Corria pouco mais ou menos o anno de 1569, quando o Padre Anchieta foi mandado ser Reitor do Collegio de S. Vicente, ao qual governou até o anno de 1576, e depois viveu subdito naquella Capitania cousa dos dois annos seguintes. As cousas que alli lhe aconteceram foram muitas e mui raras. A primeira cousa que nelle resplandecia além de sua rara virtude era sua sabedoria. Não tinha elle em sua vida cursado outras escolas mais que as de Rhetorica e parte da Philosophia em Coimbra; comtudo na Theologia moral e especulativa era tão versado e certo, como se toda a vida versára as Universidades. Nas Santas Escripturas sua sabedoria mais parecia divina, que humana.

Ainda que seu engenho era mui subido e de grandissima percepção, e que por si se podia fazer senhor das sciencias, comtudo muitos tiveram para si que Deus lh'as infundira; nem isto era muito, considerado quanto Deus se communicou a este seu servo, e que cousas tão occultas lhe descobriu, e as maravilhas com que o illustrou. Era dicto commum que Deus lhe punha na bocca o que havia de prégar. O Padre Gaspar de Samperes, da nossa Companhia, homem de virtude, affirmou com juramento que, prégando o Padre Anchieta, se lhe poz no hombro esquerdo uma avesinha como canario, todo com meneios festivaes, e por mais que o Padre com o meneio das acções o despedia do

hombro, elle tornava a seu posto. Isto affirmou o Padre Samperes como testemunha de vista. No pulpito tinha muito espirito, e costumava dizer o Bispo D. Pedro Leitão que mais gostava de ouvir este só canario cantar em seus sermões, que todo o bando de prégadores.

Em muitas occasiões se viu o dominio que Deus lhe deu sobre as aves. Estando no refeitório algumas rolas a se aproveitarem das migalhas, o refeitoreiro as enxotou por enfa-douhas; porém, chamando-as o Padre Anchieta, como se tiveram entendimento, acudiram logo. Como corresse voz de que as aves lhe obedeciam, o Padre Samperes lhe perguntou o fundamento disto. Respondeu: — “Sabeis o que ha? Navegava eu uma vez, e um passaro marinho andava rodeando de um em outro bordo; eu então estendi o braço, para que nelle descansasse; assim o fez; imaginai que não houve outro mysterio, que se parára em uma das vergas do navio.”

Em diversas occasiões remediou Deus as faltas da casa. Uma vez lhe disse o refeitoreiro que não havia para a Com-munidade jantar, senão laranjas e farinha, que chamam de guerra, que é aspera e dura. Mandou-lhe que tocasse ao exame da consciencia, que fazemos antes do jantar. Elle se poz em oração. Acabado o exame, voltou o refeitoreiro, per-guntando o que havia de fazer? Respondeu, que tangesse á mesa. Assentaram-se os Religiosos; apenas iam comendo a laranja, quando tangeram á portaria; e, acudindo o Irmão, se achou com um cesto de mantimentos cosinhados e preparados, que mandava um José Adorno, Genovez, mui devoto da Com-panhia.

Na casa de Santos acabára o Padre Anchieta de dizer as Missas da noite do Natal, e querendo dizel-as outro Padre, acudiu o Sachristão, dizendo não haver vinho. Ouvindo isto o Padre Anchieta, disse; “*Ide, Irmão, trazei vinho, que está na botija.*” Respondeu que tinha já feito a diligencia, e estava certo de que não havia. Tornou o Padre: “*Ide, que o heis de achar.*” Obedeceu, e a botija estava cheia.

Faltava azeite na Capitania de S. Vicente, e se acabára no Collegio. Avisou-o desta falta o Irmão despenseiro, dizendo ser acabado um barril, de que se acudia ao Collegio e ás casas a elle sujeitas, e aos pobres. Respondeu o Padre: "*Irmão, nas necessidades não deixeis de acudir ao vosso barril, que Deus é pae, e fará que não falte azeite.*" Respondeu que já o tinha erguido sobre o torno, que estava secco e bem podia servir em outra cousa. Tornou o Padre: "Fazei o que vos digo." Obedeceu, e, em havendo falta, acudia ao barril; era cousa muito para louvar a Deus, que distillava de si quanto bastava para remediar a necessidade presente. Nesta fórma durou dois annos, até que chegou um navio, no qual se mandava ao Collegio de esmola uma pipa de azeite. Então cessou o barril de gottejar. Foi este prodigio cousa mui notoria e nomeada.

Estando o Padre na Igreja da Virgem da Conceição de Itanhaé, disseram-lhe os Mordomos que não havia azeite com que alumiar á Senhora, de quem o Padre era mui devoto. Respondeu-lhe fizessem diligencia; disseram que tinham voltado e escurrido bem a botija. Tornou o Padre que ainda assim a fossem vêr. Foram e acharam estar cheia. Proveram as lampadas, divulgaram a maravilha, a cuja fama concorreu muita gente do paiz visinho, trazendo suas botijas de azeite, para lhe darem por elle do milagroso, com que curassem suas enfermidades.

Em uma casa sujeita ao Collegio prendera o Superior em um cubiculo a um Irmão. Parece não era a causa mui provada. Teve o Padre Anchieta revelação da molestia do subdito. Acudiu logo, andando a pé descalço quinze leguas de caminhos asperrimos; tantas havia de distancia. Antes de meio dia chegou e mandou sahir ao Irmão do carcere, e que preparasse o jantar. Depois da mesa o reconciliou, e voltou para o seu Collegio, sem que em casa se sentisse a sua ausencia.

Outro Irmão assistia em uma Ilha a uma rossa; como não tivesse com quem desabafar, se lhe começou a cobrir o coração.

Andando nesta tristeza, vê vir andando pela praia ao Padre Anchieta, encostado no seu bordão. Ficou o irmão como se lhe nascesse uma alma nova. Chegando-se o Padre a elle, lhe disse mui alegre: "*Por vós, por vós sómente venho.*" Ouvidas estas palavras, respirou e abriu-lhe seu coração. O Padre o consolou e aquella negra nuvem desappareceu, como se nunca a houvera. O Padre se retirou; e o mesmo poder que allí o levára sem embarcação, o restituiu ao Collegio. Muitos outros casos podéra contar, em que Deus lhe descobriu nestes governos os interiores de seus subditos. Podem se vêr no Padre Simão de Vasconcellos, no capitulo 2º do livro 3º de sua vida.

Um anno antes de ser Provincial, estando ao fogo na Villa de S. Paulo, disse como por graça aos presentes: "Ora olhai vós outros, que dizem as velhas que hei de ser Provincial: vêde, que costas estas minhas para tal pezo. Dizem mais, que hei de ser Reitor da Bahia. Virá patente, porém eu o não hei de ser." Tudo aconteceu, porque, vindo-lhe patente para Reitor, não serviu o officio, e depois foi Provincial.

CAPITULO XI

De outras cousas mui raras e noticias que Deus communicou ao Padre Anchieta

A noticia de cousas occultas foi neste Santo Padre tão frequente, que, por mais que conte, sempre me parece dizer pouco. Despedia-se na Villa de Santos para outra parte de uma matroua devota da Companhia; rogou-lhe quizesse levar na embarcação certos mimos para um filho seu, que lá estava. Respondeu o Padre: "*Não se cause, que amanhã o terá consigo.*" Tomando o dicto em graça, imaginando ser escusa, instou. Então lhe disse o Padre: "*Emfim, Oliveira (este era o seu sobrenome) ha de acrescentar nossa matalogagem.*" Tudo se viu no dia seguinte: o filho chegou, e elle deu as conservas ao Padre para a viagem.

Queixava-se Ayres Fernandes de um pelouro, que trazia em uma perna desde a guerra dos Tamoyos. Então lhe disse o Padre: "*Este pelouro ha de cahir a vossa mercê, quando alguma hora estiver na lagem do Rio de Janeiro.*" (1). D'alli a muitos annos, indo este homem passando aquella praia, com ondas mui rijas, em uma canôa, as ondas o fizeram dar sobre a lagem prophetisada; com a pancada, ficando a perna apertada, despediu de si o pelouro. Então cahiu na prophecia do Padre Anchieta.

Indo os nossos fazer una guerra aos Tamoyos, havia dois mezes que andavam na empreza sem se saber delles:

(1) A actual fortaleza da Lagem.

o que fazia no povo grandes temores. Prégando o Padre Anchieta na Villa de Santos, parou na prégação por espaço de tempo, cobrindo o rosto com a mão; e toruando em si, disse: “*Rezemos um Padre Nosso e uma Ave Maria pela victoria, que agora alcançaram os nossos dos Tamoyos.*” Depois, vindo os soldados, se achou fôra a victoria naquelle mesmo tempo.

Na Villa de Santos, estando Philippa da Motta para casar com José Adorno, se desfez o casamento com muito sentimento de seus paes. Houve o Padre de os ir consolar, e lhes disse: — “Não se desconsollem por sua filha não se casar com Fulano, porque não era sua; seu marido ha de vir de Lisboa, e a capa que trazer sobre os hombros, ha de ser sua (significando com isto estar o outro individuo). E accrescentou: — “Hade ter tantos filhos, que não saberá quaes são as camisas de uns e de outros.” Tudo como o disse se viu cumprido.

Vindo um dia do campo, passou por casa de um Braz Gonçalves, cujos escravos sabia terem fugido; de que andava o homem muito triste, pela grande falta que lhe faziam. Disse-lhe o Padre; — “Andai commigo, que assim vos importa.” Não sabendo para que, duvidou. Tornou-lhe a dizer o Padre, que assim lhe importava, que se não havia de arrepender. Embarcaram-se em uma canôa rio abaixo, e remaram até o pôr do sol; queria Braz Gonçalves parar em certo porto. Disse-lhe o Padre; — “Avante, avante, não é este o porto que convem.” Como replicasse que o sol se ia pondo, disse o Padre: — “Remai, remai, que eu vos darei sol; e mais vos importa a vós, que a mim.” Continuou o homem até ao segundo porto, cuja distancia era tanta, que, por via natural, não podia haver sol até chegar a elle; e comtudo não faltou sol. Tomando terra, lhe disse o Padre: — “Ide áquella choupaua que vêdes; dissei a vossa escrava que vos prepare fogo.” Era esta um dos escravos fugidos. Então acabou o homem de entender aonde atiravam as palavras do Santo Padre, e que toda a viagem fôra ordenada em bem seu.

Prégando na Villa de Santos, disse do pulpito aos do Governo: — “ Eu sou cão da casa do Senhor; não hei de deixar de ladrar; digo-vos, da parte de Deus, que não deixeis sahir deste porto uns dois navios, que estão de verga d'alto para fazer viagem aos Patos, Indios que estão em paz conosco e são amigos nossos, a captival-os com suas costumadas e injustas troças; de outra sorte, hão de vêr os que forem a ira do Céu sobre si, e hão de morrer miseravelmente.” Levados de sua cobiça de terem escravos, não deram pelo aviso do Padre; e de ambos os navios só dois homens escaparam, que trouxeram a nova de todos os mais serem mortos.

Avisou elle a um Balthazar Fernandes, que andava mal com certa mulher casada, e dizendo-lhe que o haviam de matar. Respondeu elle desaforadamente estas palavras: — “ Morra gato, morra farto.” — “ Pois assim é (disse o Padre), apparelhai-vos, que d'aqui a cinco dias heis de morrer.” Como lhe disse, se viu cumprido aos cinco dias.

Prégando a festa de Nossa Senhora da Conceição na sua Igreja de Itanhaé, em um grande concurso, de repente se encostou no pulpito, como desmaiado com accidente. Perturbando-se o auditorio, continuou dizendo: — “ Quereis saber as mercês da Virgem? Pois ainda agora veio de fóra de acudir a uma devota sua, que tinha chamado por ella; por signal que traz os vestidos molhados de orvalho,” Acudiu o povo a ver, e acharam que assim era.

Em Itanhaé, havia tres dias estava em passamento um Castellhano, sem poder expirar. Chegou esta nova ao Padre, que estava em Santos. Entendeu o Padre serem peccados encobertos, porque tendo mulher em Castella, havia 35 annos estava alli casado com filhos e netos. Andou o Padre estas dez leguas. Chegando ao enfermo lhe disse que Deus o mandava alli, para que reconhecesse seu mal e o chorasse: tornando em si o miseravel, confessou o peccado encoberto e o chorou muito; absoluto de suas culpas, expirou logo.

Um Manoel Velloso andava com pensamento de ir captivar Indios aos Patos, que estavam de paz com os Portuguezes.

Por esta razão não ousava despedir-se do Padre, de quem era mui amigo. Estando nestes pensamentos, lhe disse o Padre: — “ Senhor amigo, não vos convem a viagem que traçaes, que não ha de ter bom successo. ” Sentiu o homem vêr-se descoberto, mas, cego com o interesse, se embarcou ás escondidas. A poucas leguas, na metade do dia, lhe sobreveio um grave somno, e nelle se viu cercado de demonios, que o queriam levar ao Inferno. Acordou cheio de horror, dando gritos que o lançassem em terra, que ia ao Inferno, e que o Padre José o livrára. Era isto mui difficiloso aos mais. Instou, dizendo o lançassem em terra, que elle lhes dava sua fazenda. Movidos do interesse, assim o fizeram. O navio foi, e nunca mais se soube delle. Deixo outros muitos casos, por não fazer escriptura immensa, e andarem impressos no Padre Simão de Vasconcellos, que os recolheu dos processos que se tiraram para sua canonisação.

CAPITULO XII

Refere-se o caso notavel de um Indio resuscitado, que baptisou. E como livrou a dois Indios da morte.

Vence todas as admirações o caso do Indio, por nome Diogo, que resuscitou. Teve por testemunha de vista a muitos, que o juraram, e se vê d'elle a providencia especialissima que Deus tem dos seus. Na villa de Santos um Indio, por nome Diogo, tido e havido por Christão, enfermou e morreu em casa de Domingos Dias, homem nobre naquella Villa. Foi amortalhado. Estando o corpo cosido na mortalha, e já para ser levado á sepultura, de repente foi visto mover-se e dar signaes que queria falar. Chegou-se a elle a senhora da casa, por nome Gracia Rodrigues, e ouviu que dizia o desatassem da mortalha. Feito isto, disse em voz clara:—“Vão-me chamar o Padre Anchieta para me baptisar.

Pareceu sonho. Respondeu-se-lhe que o Padre estava em S. Vicente, distante duas leguas. Replicou que o fossem chamar, que tinha já chegado a Santos, porque elle viera em sua companhia a tal ribeiro, que corre junto á Villa, e que d'alli o mandára que viesse diante a entrar no seu corpo, para o baptisar. Foi-se buscar o Padre e, achando-o, se lhe deu o recado da parte de Diogo, com os signaes do que passaram no caminho. Vindo o Padre, lhe disse Diogo, se trazia consigo o relicario que lhe mostrára no caminho? Respondendo o Padre que sim, o tirou do peito, e ficou o Indio com a vista mui alegre.

Então lhe disse o Padre que, para gloria de Deus, contasse em presença de todos o mysterio de sua resurreição.

Respondeu, dizendo :— “ Eu parti desta vida, e á primeira entrada da outra ouvi uma voz, que me dizia que não caminhava ao Céu pelo caminho real e direito, porque não havia sido baptisado. O que, em verdade, assim era, porque, quando vieram os Portuguezes á minha terra, me ensinaram a Fé e deram por nome Diogo. mas não o baptismo, que eu, por erro, não cuidei ser necessario. Só tratava de guardar os mandamentos, como os mais christãos. Esta foi a causa que tive para tornar ao corpo. Foi tambem ordenado do Senhor que encontrasse ao Padre José no caminho para me baptisar ; a quem peço que pelo baptismo me receba na Igreja de Deus, para entrar no Céu. ”

Dicto isto, o servo de Deus o catequisou e, feito o conceito necessario naquella hora, lhe administrou o santo baptismo, havendo nelle e nos presentes muitas lagrimas de consolação. E affirmou o Padre que só por este baptismo dava por bem empregada sua vinda ao Brazil, e os mais trabalhos de sua vida. Baptisado Diogo, pediu licença para partir para a outra vida, e juntamente pediu á senhora da casa dêsse seus pobres vestidos a um necessitado, e lhe fizesse dizer duas Missas em honra e culto de Deus, e lhe mettesse na mão uma candêa de cêra benta ; e voltando-se ao Padre Anchieta lhe pediu assistisse alli até dar a alma a seu Creador. Dictas estas palavras, pondo-se os circumstantes em oração, aquella ditosa alma se foi a gozar da vista de Deus, para que fôra creada. Este caso estupendo se authenticou nos processos para a canonisação do Padre Anchieta.

Tambem ha muita estranheza nos dois casos seguintes, em que livrou da morte a dois Indios, que estavam para ser comidos de seus inimigos. No Collegio de S. Vicente chegou o Padre á janella do seu cubiculo e disse a um mancebo, que alli se criava e costumava ser nas viagens seu companheiro : — “ Pascoal, atrevei-vos a me fazer companhia esta noite até Nossa Senhora da Conceição, a salvar uma alma ? ” Respondeu-lhe que sim, partiram á noite e caminharam nella oito ou nove leguas, até um rio, que divide a aldêa ; neste

acharam como de proposito canôa e aprestos para poder passar.

Chegados á aldêa, viram estar os Indios em grandes festas, mettendo no terreiro a um seu inimigo, para o matar e comer, segundo seu barbaro costume. Todas as cousas estavam a ponto. O estylo é ir o Indio atado com cordas, seguirem-no sete velhas com panellas, em que hão de coser as carnes, e ellas as hão de repartir; sahe um valente Indio todo empennado e galante, com uma massa de pão na mão e, no meio do apparatus, lhe dá com ella na cabeça e lhe quebra. Nestas occasiões o concurso é immenso, os gritos enchem os ares, a espectação é summa: por isso o tirar-lhe então a presa das unhas é facção assombrosa. Entrou o Padre no terreiro, cheio de confiança em Deus; fallou a uns e a outros, e, como senhor do campo, tira o seu Indio das cordas e se retira com elle, sem haver quem ousasse o impedir. Impedindo Deus com poder occulto, ao que parece, a furia dos Indios, que em taes occasiões costuma ser indomavel.

Em outra occasião, indo a uma aldêa, achou estar um Indio em prisão a engordar, para ser comido com semelhante solemnidade. Como o visse o preso, lhe disse:—“Oh! pae, se eu soubera agora a lingua dos Christãos, houvera de pedir ao vosso Deus me livrasse do estado em que me vejo. Responden o Padre. —“Filho, pedi a Deus na vossa lingua, porque elle sabe todas. Eu vos ajudarei e rogarei por vós.” Disse tambem a Belchior, seu companheiro:—“Vós, fazei tambem oração e me ajudai a livrar este pobre homem.” Foi cousa notavel que, entrada a noite, as cordas por si se quebraram, e poudo fugir o Indio, que depois buscou ao Padre e lhe pediu o santo baptismo.

CAPITULO XIII

De como, fazendo certa jornada, estive no fundo de um rio, sem lhe fazer mal. E do baptismo que fiz de um Indio, que guardára a lei natural.

O cuidado que o Padre Anchieta teve do bem do proximo, com nenhuma palavra se pode explicar, nem os perigos a que por esta causa se expoz, que a nenhum costumou perdoar, por acudir ás almas alheias. No anno de 1570, na Villa de S. Paulo, dois homens, ambos com familia, depois de matarem um seu contrario e fazerem outros insultos, temendo o castigo da justiça, se foram com suas familias para o sertão metter com os barbaros, que estavam em guerra com os Portuguezes, estimulando-os aos assaltos ; com o que toda a Capitania estava cheia de assombro.

Vendo o Padre este perigo, fez com os do governo que dessem aos culpados o perdão, que elle com todo o risco se iria buscar. Alcançada esta segurança, se poz a caminho com o Padre Vicente Rodrigues e um Manoel Velloso, secular, e alguns poucos Indios, pondo toda sua confiança em Deus ; pois, a olhos humanos, a empreza era um monte de difficuldades e um mar de perigos. Mettem-se todos em um canôa de casca de arvore. Vão rio abaixo. Indo não longe do lugar destinado e os Padres resando pelos Breviarios, sem que se advertisse antes, cahê a canôa de uma cachoeira, faz-se em pedaços, todos se vão com o impeto ao fundo.

Os mais sahiram a nado, sem apparecer o Padre José, que não sabia daquelle arte. Aqui um dos Indios, por nome Araguaçu, se lançou de mergulho em sua busca ; não o

achando, depois de longo espaço, volveu acima a tomar respiração. Tornou outra vez a mergulhar e foi dar com o Padre, que estava assentado no fundo do rio: pegando-lhe da roupa, o trouxe acima, bom e com o seu Breviario enxuto, depois de haver mais de meia hora que estava no fundo, sem perder o sentido, o qual tinha em tres cousas, em Jesus, em Maria e em não beber agua. Perguntado d'ahi a tempos pelo Padre Pedro Leitão acerca deste successo, respondeu: — “Eu não adverti quando a canôa se virou, porque estava rezando as horas de Nossa Senhora da Conceição, e, assim assentado como estava, me fui ao fundo, e continuei com a mesma reza, sem que a agua me fizesse mal.”

Passado este trabalho, com as roupas molhadas como sahiu do rio, foi proseguindo o caminho com seus companheiros. Logo os tomou uma noite escura e chuvosa, por mattas fechadas, sem saberem por onde iam, guiados porém da Providencia Divina, porque alta noite deram com umas choupanas, e nellas estavam os homens, que vinham buscar. Aqui houve outro susto, porque os Indios, sentindo no logar gente extranha, tocaram alarma; porém, ouvindo-se naquella confusão ser o Padre José, de quem havia fama que era sanot, se aquietaram. Os culpados ficaram pasmados de tal caridade e, sabendo do perdão, se voltaram em sua companhia. Com sua vinda houve geral alegria, por se verem fóra do susto, que a todos causavam aquelles homens entre os Indios inimigos.

Semelhante em parte foi a este outro naufragio no rio Beritioga, junto a Santos, no qual virando-se a canôa e sahindo os mais do rio molhados, só o Padre sahiu enxuto e com o seu Breviario na mão, tambem livre de lhe fazer mal a agua.

Ilanhaó, que por causa de um templo da Senhora se chamava tambem a Conceição, é uma das principaes Villas da Capitania de S. Vicente. Este nome tem todas aquellas oito leguas de costa. E' a praia desta costa tão dura, que as rodas de um carro carregado não fazem nella impressão. Este

caminho andou muitas vezes a pé descalço, que era o seu ordinario modo de andar nas missões. A esta terra ia muitas vezes, assim por doutrinar aos Indios, como aos Portuguezes.

Por estas praias caminhava um dia, quando, sem saber a que fim, entrou pelo matto: indo assim caminhando, achou um Indio muito velho, assentado ao pé de uma arvore, o qual, vendo ao Padre, começaram a dizer:—“Chega, chega com pressa, que muito ha que aqui te espero.” Perguntou-lhe quem era, de que terra, e d’onde viera ter alli? Respondeu que sua patria estava sobre o mar, e disse taes cousas della, que o Padre entendeu não ser de Itanhaé, nem ainda de todo o Brazil, e que por virtude divina fôra alli trazido, e não por forças humanas pois em tanta idade as não havia.

Tornou a perguntar-lhe que fim o movêra nesta sua vinda? Que era o que vinha buscar? Respondeu que vinha em busca do caminho direito da vida boa. Aqui entendeu o Padre que a força da predestinação o trazia. Examinando sua vida, achou que nunca tivera mais que uma só mulher, que nunca fizera guerra, senão em justa defeza, e outras cousas tão conformes á lei natural, que achou a não quebrára em sua vida. Achou mais nelle que por razão, ainda que confusamente, alcançava haver um Autor da natureza, que criou as cousas visiveis e julgava do bem e do mal; penetrava alguns principios moraes da distincção entre vicio e virtude.

Explicando-lhe o Padre alguns mysterios da nossa santa lei, respondeu que assim o sentia em sua alma, mas que o não sabia explicar. Feito este exame, o instruto quanto bastava. Logo recolhendo agua da chuva, que estava nas folhas de uns cardos silvestres, por não haver alli outra, o baptizou, pondo-lhe por nome Adão. Sendo baptisado, levantou as mãos e os olhos aos Céos, deu as graças a Deus e ao Padre do bem que alcançára; e logo, como quem só isto esperava, entregou sua hemdita alma a seu creador. Ficando

o Padre sumamente consolado, e admirando os altos juizos de Deus, e modos com que a si recolhe os que tem escriptos no livro da vida.

Com singular devoção lhe deu sepultura naquelle mesmo logar, aonde espera o dia glorioso de sua resurreição.

CAPITULO XIV

De muitas cousas notaveis que aconteceram ao Padre Anchieta nas terras de Itanhaé e caminhos a Piratininga

Em toda a terra e costa chamada Itanhaé parece não ha palmo de terra, que não fosse muitas vezes sanctificado com seus pés, e que não visse alguma cousa rara obrada por este servo de Deus. Indo por esta praia acompanhado de um moço, por nome Estevão Ribeiro, lhe perguntou se tinha alguma cousa de comer em um cestinho, que levava. Respondendo que nada, lhe disse:—“Tende confiança em Deus, que elle sustenta a seus servos. Tende tento, cedo vereis na praia um peixe, mas este não será de comer; depois achareis outro; mettel-o-heis na cestinha; nella o cosereis para comermos.”

Ficou o moço enleado; o que mais o embaraçava era como havia de coser o peixe na cestinha. Tudo foi logo vendo. D’ahi a algum espaço encontrou na praia a um baleoto, vomitado alli pelas ondas; bem entendeu ser peixe que se não comia. Indo adiante, achou na mesma praia uma tainha; recolhendo-a na sua cesta. Só lhe dava cuidado cosel-a-na cesta, quando mais adiante vê uma India, que fervia uma grande caldeira de agua do mar para tirar sal. Aqui acabou de entender o enigma; metteu a cestinha na caldeira de agua fervendo, coseou o peixe, e comeram ambos, dando graças a Deus por assim lhes acudir com tudo.

Nestas mesmas praias levava consigo um moço com um cesto de peixe, que lhe deram de esmola. Ficou-se atraz em

companhia de uns Indios, que lh'o comeram. Chegou confuso ao Padre, contando a traição dos companheiros e mostrando o cesto vazio. Respondeu o Padre—“Andai, não vos enfadeis; Deus, que deu esse, dará outro.” O caso foi que indo assim andando algum pouco, se achou com o cesto cheio de peixe. Foi correndo ao Padre com a nova, e mui admirado; elle lhe disse:—“Irmão, algum devoto vos metteu ahí esse peixe”; não se dando por entendido do modo extraordinario da provisão.

Partira o Padre de S. Vicente com um irmão nosso e um moço secular. Andadas cousa de oito leguas, pediu o Padre ao Irmão o Breviario para rezar. Respondeu, que por descuido lhe ficára em casa; quiz o moço secular desandar o caminho em busca do Breviario. Não o consentiu o Padre no fim da jornada: entrou na Igreja a fazer oração; depois, sem saber como, foi visto com o seu Breviario; resou e, entregando-lhe ao Irmão, lhe disse:—“Não se descuide outra vez.”

Em outra occasião, indo pela mesma praia a dizer Missa em certa festa na Igreja da Conceição, se adiantou com outro Sacerdote nosso e alguns seculares, ficando atraz outros, que em um carro vinham á mesma festa. Junto da Igreja se advertiu que as hostias vinham no carro, o qual por seus vagares não podia chegar a horas. Vendo-se o companheiro confuso pelo seu descuido, lhe disse o Padre:—“Ide até a Villa, que eu voltarei a buscar as hostias.” Foi a ida e volta com tal pressa, que olhando para traz o viram já consigo e com as hostias, sendo que o carro ficava cousa de duas leguas, que de ida e vinda faziam quatro. O que mais é, não o viram os do carro, nem abrir o bahú. Fallando-se nisto, lhe disse o Padre:—“Não me vistes? Pois eu bem vos vi, que estaveis bem devagar, matando gallinhas para comer.” E individuou outras acções, que todas eram assim.

Na mesma praia disse a um Luiz Mallio:—“Haveis de encontrar uma cobra; vêde não vos morda, que é peçonhenta.” A poucos passos deu com ella. Tratava de a matar, receioso não o mordesse. Então lhe disse o Padre:—“Deixai-me

com ella." Chegando, lhe tocou sómente com o bordão, e logo ficou morta.

Armando-se a Igreja da Conceição para certa festa, se achava o Padre presente. Succedeu, pois, vir cahindo uma escada com o armador. Então, fallando o Padre com a escada, lhe disse: "Tente, tente" algumas vezes; assim como lh'o dizia, ia parando, e desceu pausadamente até pôr o homem no chão, com tanta suavidade, como se por ella descêra muito de seu vagar.

Voltando de Itanhaé por um rio abaixo rezando seu officio, veio uma pomba e á vista de todos se lhe poz sobre o Breviario. Tomou-a na mão, afagou-a e mandou-a ir seu caminho. Em outra occasião, fazendo o caminho por terra no termo da mesma Villa, voando um bando de passaros bravos, um delles, apartando-se dos mais, veio pousar no seu bordão; afagou-o e o mandou ir.

Indo de S. Vicente para Itanhaé, em tempo de grande calma, os companheiros com ella se assavam; pediram ao Padre algum remedio. Respondeu-lhes:—"Tende animo, que haveis de ter sombra." Apenas disse isto, quando vêm vir uma nuvem de aves, que fizeram pausa sobre elles. Detiveram-se a esta sombra meia hora desencalmados continuaram o caminho, sem mais sentirem calma alguma, sendo que iam ao sol descoberto.

Indo o Padre de noite por esta praia em companhia de alguns, que iam visitar a Senhora da Conceição, viram diante de si um homem monstruoso, armado entre fogo, mettido entre cadêas e grilhões tambem de fogo. Cheios os companheiros de horror, se pegaram ao Padre que lhes acudisse. Então elle dizendo certos exorcismos, desapareceu o monstro, mettendo-se no mar.

. Assim como as praias de Itanhaé viram muitas cousas admiraveis neste Santo Varão, assim tambem viram outras os asperrosos caminhos de S. Vicente para S. Paulo em Piratininga. Indo de S. Vicente para S. Paulo com o Padre Vicente Rodrigues, cuja vida fica acima descripta, lhe revelou o Senhor

a vinda de certos homens de S. Paulo para S. Vicente, e como determinavam passar a noite debaixo de certas arvores; mandou logo um Indio, dizendo que em tal parte acharia uns brancos; que da sua parte lhes dissesse que, se não queriam morrer debaixo daquellas arvores, se viessem logo para onde elle estava.

Considerando elles que quem ao Padre dissera sua estada naquelle sitio lhe diria o seu perigo, se vieram para o Padre. Recebeu-os com cortezia, mas com condição que se haviam de confessar logo com o Padre Vicente Rodrigues. Assim o fizeram. Só um, sem disso fazer caso, entrou para onde o Padre estava, o qual lhe disse que se sahisse d'alli, se não queria que por culpa de um morressem todos.

Estando alli, alta noite se levantou tal tormenta de vento e raios, que parecia desencadear-se todas aquellas pene-dias e voarem ellas e as arvores pelos ares. Passada assim a noite no meio de muitos assombros, os hospedes continuaram seu caminho para S. Vicente e o Padre o seu para S. Paulo; chegando ao logar onde os homens a noite antes tinham armado sua choupana, se viram arvores grandis-simas postas por terra, e a choupana desbaratada debaixo dellas.

Neste mesmo caminho, em outra occasião, indo com o Padre Vicente e outros, andadas sete leguas, chegaram a uma ermida onde, por ser dia de festa, queriam dizer Missa. Tendo o mais, acharam o esquecimento de não trazer Missal, o que muito os entristeceu. Offereceu-se o Padre a ir buscar o Missal; partiu, e dentro de meia hora voltou com elle, sem ser visto em S. Vicente, nem alli se achar na sacristia a falta do Missal.

Estando em S. Vicente, teve impulso interior de ir a S. Paulo. Tomou por companheiro um Indio pequeno. Como no caminho certos homens o vissem tanto á pressa, lhe perguntaram onde e a que ia? Respondeu: "Vou a S. Paulo, que anda lá o diabo solto e abraza em odio dois homens principaes." Chegou duas horas antes do sol posto, compoz entre

si os inimigos, e no mesmo dia tornou ao seu Collegio. Tambem se conta que muitas vezes no mesmo dia fôra visto juntamente na Villa de S. Paulo e na de S. Vicente. Assim, além de outros, o affirmou o Padre Rodrigues.

Em outra occasião ia para S. Paulo com cinco homens regulares, e caminhava pelas serranias chamadas Parana-piacaba, que são mui fragosas: tres dias puzeram no caminho. Levaram consigo para matalotagem um cabaço de vinho, que lhes havia dado de esmola um Nicolau Grillo. Deste beberam todos os tres dias ao jantar e ceia. Acabado de beber, o mandava o Padre encher de agua, e sempre achava melhor vinho que antes. Foi este caso mui notorio e ainda festejado dos que o souberam, e cuidado que mais dos que o gostaram.

Vindo por estas mesmas serranias acompanhado de muita gente, foram milagrosamente por suas orações livres de um cruel perigo. E' este caminho de muitos precipicios; é necessario grandissimo tento, por não resvalar. No meio delle se fechou tudo com nevoa tão espessa que se não viam uns aos outros. Logo se levantou uma medonhissima tempestade, que ainda em plano não consentiria andar em pé, quanto mais em caminho onde a gente anda como pendurada no ar. Todos se davam por perdidos. Acudiu o Padre por remedio á Virgem Senhora. De improviso, suspensa a tempestade, viram que no ar se ia abrindo uma como via de luz, que lhes mostrava o caminho; seguindo-a, chegaram sãos e salvos ao fim da serra.

Encontrando os Indios com uma cobra mui peçonhenta, como andam sem vestido, deram em fugir, porque os não mordesse. Então o Padre José a chamou para si; veio ella, afagou-a, fazendo aos Indios uma pratica do poder do Creador. Depois lhe lançou a benção e a deixou ir. Em outra occasião, vendo seu companheiro outra tal cobra, deu em fugir. O Padre o deteve; chegou a ella e lhe poz o pé em cima, dizendo que mordesse. Torcia-se ella de uma e outra parte, sem o morder. Logo dizendo, á cobra que a nenhuma

creatura racional empecesse, levantou o pé e a deixou ir em paz.

Indo de S. Vicente em uma canôa, e desembarcando, continuou por terra algumas leguas, em companhia de um Antonio de Souza; ia sempre o Padre diante, como nas jornadas tinha de costume por sua ligeireza. Chegado a certo posto o esperou. Aqui viu o homem que lhe faltava uma faca, de que fazia estimação. Disse ao Padre a sua perda, e que podia continuar seu caminho, porque elle havia de tornar atraz. Respondeu o Padre:— “Porque vos não canseis muito, ide, e em tal parte a achareis, que eu vos fico esperando.” Tornou atraz, e a achou naquelle logar que lhe dissera.

Estes caminhos todos eram em bem do proximo. Nelles se tratava com aspereza, porque não andava a cavallo, nem em rede, modo mui usado no Brazil, mas sempre a pé, com seu bordão na mão: posto que começava os caminhos calçado, em passando logares publicos de gente, tirava os sapatos e caminhava á pé descalço. Ou por praias, ou desertos, ou logares fragosos andava com tal pressa, que os Indios velozes em andar se admiravam, dizendo que voava.

Era fama publica que, ficando muitas vezes atraz resando ou orando, dizia aos companheiros que fossem andando; e, quando elles cuidavam ir muito adiante e o queriam esperar, o viam diante de si. Por causa destes grandes caminhos que fazia a pé, trazia os pés cheios de callos asperos e duros. Quando os outros descansavam, gastava elle a maior parte da noite em oração. Sua caridade com os companheiros era grande: nos tempos frios, que nas partes da Capitania de S. Vicente são rigorosos, andava pela noite fazendo fogo e mettendo as brazas debaixo das redes dos Indios, para que com o calor tivessem a noite mais alliviada.

CAPITULO XV

Da conversão dos Miramomiz e de cousas raras que aconteceram ao Padre Anchieta

No Brazil, além dos Indios que têm lingua commum e habitam junto do mar, ha muitas nações que vivem pelo sertão dentro, a que chamam com o nome de Tapuyas, que é o mesmo que selvagens, por viverem mais a modo de feras que de homens. Entre estas ha uma, que chamam Miramomiz na Capitania de S. Vicente, e se estendem por uma parte 200 leguas pela terra dentro. Prezam-se de não comer carne humana; têm uma só mulher. Sempre foram amigos dos Portuguezes e se chamam seus parentes. No seu arco têm a sua vida, que toda é andar á caça; por isso é mais difficiloso unil-os em aldêas.

Esta nação começou a entrar na Igreja por meio do Padre Anchieta. Quando era ainda Irmão em Piratininga, os Indios tomaram um destes Miramomiz em guerra e estavam para o comer em terreiro. Acudiu o Padre Anchieta, e fez com o principal, que o vendesse a um Portuguez, que o tratou bem. Comtudo, tendo occasião, fugiu para os seus, entre os quaes esteve vinte annos. Depois, inspirado por Deus, se partiu com outros mancebos a ter trato com os Portuguezes.

Apparecendo na praia, quatro leguas da Villa de Sautos, foram levados ao Capitão e ao Collegio. Conheceu logo o Padre Anchieta ao Indio, que divrára da morte. Foram bem tratados: voltando aos seus, tornaram trazendo muitos outros com suas mulheres e filhos. O Padre Anchieta com o Capitão

e o Padre Manoel Viegas lhes repartiram terras em que vivessem. Entre elles assistiu o Padre Anchieta quinze dias, dispondo suas cousas, edificando-lhes Igreja. Por meio de um interprete fez boa parte de um vocabulario, e arte da lingua desta nação. Por não o deixarem suas occupações alli o continuar ficou com o cuidado delles o Padre Viegas.

Aqui aconteceu ao Padre Anchieta uma cousa mui notavel. Foi uma, entre outras vezes, a visitar a primeira aldêa destes Indios, situada junto a Beritioga. Havia defronte uma ermida da Senhora; pediu ao hospede que queria alli passar a noite; vindo nisso, elle e um seu genro o acompanharam e deixaram na ermida só ás escuras. Lá alta noite, dormindo os mais, a mulher do hospede viu estar a ermida cheia de luz que sahia por porta e janellas. Além disto ouviu uma suavissima musica de Anjos.

Despertou o marido, que viu e ouviu o mesmo. Quizeram ir ver o que era, mas foram impedidos de um pasmo e tremor de membros, que os retardou enlevados na suavidade da harmonia. No dia seguinte, vendo-se o Padre descoberto, lhes mandou por obediencia, por serem seus filhos de confissão, que tal cousa não dissessem, emquanto elle vivesse. Assim o fizeram; mas, depois de morto, a juraram. Por diversas vezes foi este hemdito Padre visto estar arrebatado entre luzes do Céu, já achado do Irmão porteiro, já de outros Padres, que de repente entravam em o seu cubiculo.

Não pararam só nas cousas dictas as que lhe aconteceram nesta Capitania de S. Vicente os annos que alli foi Reitor e subdito: outras muitas tenho que dizer, e dellas vou deixando não poucas, por abreviar o mais que me fôr possivel.

Indo um dia para S. Vicente, encontrou no seu caminho uma Catharina Gonçalves, que levava ao peito uma menina, que o Padre tinha baptisado. Disse-lhe ella:—"Padre, não me dançará a benção a esta sua afilhada?" Respondeu:—"Não; antes espero que ella me lance a mim d'aqui a poucos dias, porque já não é vossa, mas de Deus." Ficou perplexa; mas d'ahi a poucos dias morreu a criança, e o Padre consolou a

mãe, dizendo-lhe que sua filha estava no Céu, em companhia de Nossa Senhora.

Uma Catharina Monteiro chorava o seu marido, cuidando ser morto no sertão, onde fôra. Disse-lhe o Padre :—“ Não choreis, que vosso marido não é morto; eu tive um sonho, que elle fôra frechado em um braço; mas não é ferida de perigo.” Veio o marido, e se achou fôra frechado no braço.

Foram muitos aquelles, a quem descobriu peccados que encobriam, e a que disse antes as mortes que teriam. A outros livrou de evidentes perigos de vida. De muitos ausentes disse o dia e o tempo em que chegariam, e como eram vivos os que eram chorados por mortos. A outros como teriam filhos. De todas essas cousas ha casos, que vou deixando. Até os Genticos o tiveram por grande propheta de Deus. Estando entre elles, metteu-se-lhes em cabeça que mandára aos laços, que elles armaram ás feras, que não tomassem nada. Entrados desta opinião, vendo-se morrer de fome e que nada cahia nos laços, o buscaram afim de o matar. Tendo o Padre noticia dos seus intentos, se foi a elles e lhes disse :—“ Ide, vós outros, correr vossos laços, e achareis a caça que desejais.” Foram elles e vieram carregados das especies de animaes que desejavam. Pasmaram e disseram que o Padre era propheta do bem e não do mal.

Descendo um dia as serras de S. Paulo, achou um Indio, Gentio ainda, ao parecer valente e bem disposto. Tanto que o viu, disse ao companheiro :—“ Irmão, este Indio ha de morrer cêdo, é necessario baptisal-o.” Assentou-se com elle, catequisou-o e baptisou-o. Depois de receber o santo baptismo em breve deu a alma nas mãos do seu creador. Ditoso Indio e feliz encontro!

Sete annos havia que os moradores de S. Paulo andavam em guerra pelo sertão. Já os davam por mortos. As mulheres choravam seus maridos, e outras tratavam de se casar. Faziam-se inventarios dos que se cuidavam ser mortos. Tudo era confusão. Vendo isso o Padre, subiu ao pulpito : disse que passassem com as lagrimas e outros cuidados, porque os conquis

tadores eram vivos ; que d'ahi a pouco chegariam ; mas que os encomendassem a Deus, porque lhes faltava ainda um perigo. Tudo se viu com geral alegria. O perigo fôra uma cilada, que os Indios lhes armaram no caminho. Antes desta succeder, vendo o Padre duas mulheres vestidas de dó por seus maridos, lhes disse : — “ Essa dó é côdo ” ; porquanto ainda eram vivos seus maridos, que foram mortos depois na cilada.

Não faltou um, que por curiosidade quiz examinar este seu espirito de prophacia, in-lo-se confessar com elle, com intenção de encobrir um peccado, por ver se lh'o descobria. Chegando a seus pés, o Padre o reprehendeu severamente, por ir alli com tal curiosidade, nomeando-lhe o peccado que determinára encobrir. A reprehensão foi de tanto effeito, que foi Deus servido abrir-lhe os olhos, e sahio da confissão arrependido.

A varios disse que desistissem dos máos intentos em que andavam, que só a elles e a Deus eram conhecidos : a outros, que se confessassem de peccados em que estavam, cuja noticia só Deus podia ter dado ao Padre Anchieta.

Indo de S. Vicente para Santos, passou pelos engenhos de S. Jorge : aqui foi importunado que rogasse a Deus que a terra dos cannaviaes daquelle engenho não corresse mais, como fazia todos os annos em occasiões de chuvas, e ficasse firme, sem desamparar as plantas. Pondo-se o Padre em oração, deu a entender que tinha satisfeito ao que se lhe pedira. O caso foi que a terra d'alli por diante não correu mais.

Navegando em uma canôa de Beritoga á Villa de Santos com alguns Indios e outros da Companhia, queixaram-se da calma que os molestava. Compadecido o Padre, chamou um bando de passaros, por nome Goarazes, e fallando com o Capitão delles, que vinha diante, lhe disse na lingua Brasilica : — “ Faze parar teus companheiros aqui sobre nós. ” Assim o fez, e foram todos em ordem andando um bom espaço sobre a canôa, até que, encobrendo uma nuvem ao sol, o Padre os despediu.

Fallando elle de Deus a certas mulheres devotas, se enlevaram tanto na pratica, que disseram queimar o pão que no forno tinham. Acudindo e vendo-o perdido, o disseram ao Padre. Compadecido, chegando á bocca do forno, lhe lançou a benção, e de queimado se tornou molle e como as mulheres o desejavam.

Nos processos para sua canonisação depoz um Matheus Luiz Grou que, sendo elle moço e indo o Padre visitar a casa de S. Paulo, e chegando a um lugar chamado Ibirapuera, vira elle e outros muitos florescer a hortelã que estava no sitio onde o Padre foi recebido e elle pisára com seus pés. Isto aconteceram de repente, á vista de todos.

Um menino, brincando com outros que lhe queriam tomar um anzol, o metteu na bocca e, incautamente engolindo-o, se lhe ferrou na garganta. Levou-o sua mãe ao Padre Anchieta; mandou-lhe que o apresentasse diante do Senhor na Igreja; alli lhe disse o Padre algumas orações, e sem outro remedio ficou livre.

Nisto de livrar da morte a pessoas desconfiadas da vida foi raro como nas mais cousas. A uma mulher entrevada de tres annos, como lhe lançou a benção com o seu Crucifixo, a sarou. A outra, que tinha o marido de cama mui enfermo, disse que no mesmo dia havia de cear, levantado e são, com ella á mesa; mandou-a seu companheiro que lhe rezasse o Evangelho, e logo ficou são em tal forma que, levantando-se ceou com sua mulher e com os Padres á mesa; e o Padre Anchieta attribuia esta saúde á obediencia dos companheiros.

A diversas pessoas, quando já as choravam por mortas, deu vida; como tambem a muitas mulheres que tinham os partos atravessados. Vendo em Beritioga cahir um menino de uma alta torre, disse:—"Dou-te a Deus, creatura." Desceram os paes, cuidando estava em pedaços e o acharam brincando com as ondas, que chegavam á torre.

Tendo se fabricado uma náó mui grande, querendo-a lançar ao mar, não dava pelos instrumentos que a puxavam.

Então acudiram os donos ao Padre, o qual chegou á não e, tocando-a com o bordão, começou a correr e entrou no mar. Suas cartas e as cousas que lhe serviam eram de remedio a muitos, sendo elle ainda vivo. Na noite de Natal, á mesma hora, foi visto dizendo Missa em S. Vicente e na Villa de Santos. Foi voz commum daquelles povos que diversas vezes estivera no mesmo tempo em S. Vicente e S. Paulo, que distam entre si quinze leguas.

CAPITULO XVI

*Passa para o Collegio da Bahia : cousas que alli lhe
succe leram. De como foi eleito Provincial, e modo
de seu governo.*

Não eram as maravilhas do Padre Anchieta só para a Capitania de S. Vicente, onde obrara as que nestes capitulos ficaram referidas, e outras muitas que fui deixando e só tocando por clausulas geraes : queria o Senhor fosse tambem maravilhoso nas partes da Bahia, cabeça do Estado do Brazil. Irei referindo o que d'elle sabemos desde o anno de 1578 até o de 1585, pois esta é a ordem que tem em contar suas cousas o Padre, que lhe escreveu a vida.

Pelo fim do anno de 1578, acabando o Padre Ignacio Tolosa, Provincial, de visitar as terras de S. Vicente, levou consigo para a Bahia o Padre Anchieta.

Entrando no Collegio da Bahia, entre os mais que concorreram a o abraçar, segundo é caridade entre nós para com os que veem de novo, veio um Irmão que o não conhecia ; o qual, vendo-o corcovado, roto, humilde e de semblante e feições menos airozas, começou a dizer entre si : “Que vem agora cá fazer isto?” tendo-o dentro de si por um homem inutil e de pouca serventia. Chegando o Padre Anchieta a o abraçar, lhe disse com rosto benevolo : “Assim é, assim é, meu Irmão, que entre tantos só vós me conhecestes : a que venho eu aqui, homem inutil e de nenhum proveito?” Ficou o Irmão muito admirado de lhe ser tão evidentemente descoberto o seu interior, e o venerou como o homem de Deus.

Quando houve de partir, tomou algumas medidas para mandar na Bahia fazer ornamentos para a casa de S. Paulo. Estas medidas, que tomou por sua mão, entregou ao Irmão Antonio Leão, para lh'as entregar quando se embarcasse. Succedeu esquecer-se o Irmão e tambem o Padre. Depois de partir, cahiu o Irmão no seu descuido e o manifestou ao Superior, doendo-se da falta dos ornamentos, que eram precisos, e sem as medidas não se fariam. A mesina pena teve o Padre Anchieta. Recorreu a Deus, e achou-se com as medidas. Mandou cortar a obra, e a seu tempo a enviou.

Achando-se na cosinha, succedeu que, tirando o Irmão uma panella do fogo, a fervura lhe escaudou a mão esquerda com grandes dôres. Então o Padre, tomando-lhe a mão magoada com a sua esquerda e fazendo-lhe com a direita o signal da Cruz, lhe disse:—"Ora basta, não vos dôa mais." Assim foi que, logo são e sem dôr, continuou seu officio.

Tinha elle muita caridade com os enfermos e, como este mesmo Irmão cosinheiro estivesse doente e com fastio, lhe perguntou o Padre:—"Que comereis vós agora?" Respondeu que um pequeno pedaço de lacão. Mandou por elle á despensa: não se achou. Então o Padre foi em pessoa, tirou um pedaço de peixe assado, o qual em suas mãos se converteu em perfeito lacão. Comeu delle o enfermo muito a seu sabor, e guardou ainda parte, que lhe cresceu. D'ahi a pedaço, vindo o despenseiro ao cubiculo do enfermo, lhe perguntou este, que causa tivera para não mandar o lacão, e obrigar ir lá o Padre buscar-o? Respondeu que o Padre trouxera um pedaço de peixe: então, vendo-se o que se guardára e crescêra, se achou ser tambem peixe, porque tornou ao que antes era.

Ao mesmo enfermo trocou em suave um vinho aspero, que não podia beber, só com o locar com a bocca. Estando o Padre Anchieta enfermo, trazendo-lhe um frangão concertado, disse:—"Levem-no a tal doente, que tem fastio; e digam-lhe que digo eu que o coma e não tenha mais fastio." Comeu o enfermo, foi-se-lhe o fastio e achou-se logo bem.

Fôra o Padre confessar um negro de Angola a um lugar

distante uma legua da Cidade ; voltando alta noite, chegando a um pequeno lago, na paragem onde chamavam o logar da Mineira, soavam grandes prantos, como de almas mettidas em penas. Arripiaram-se de medo os cabellos ao Irmão Pedro Leitão, seu companheiro. Então lhe disse que não tivesse medo, e, parando um pouco, disse estas palavras :—“Oh eterno Deus, quão grande é o vosso poder ?” Chegando ao lago, disse para o Irmão :—“Rezemos de joelhos cinco Padre-Nossos e Ave Marias pelas almas do Purgatorio, e não ouvireis mais estas vozes, ainda que por aqui passeis muitas vezes.” Rezaram, e nunca mais alli se ouviram taes prantos.

Indo confessar uma mulher fóra da Cidade, lhe sahio o marido ao encontro, dizendo que chegasse para a ajudar a bem morrer, que estava expirando. O Padre, vendo-o magoad, lhe disse :—“Consolai-vos, que tendes mulher para toda a vossa vida ; e ella ha de vos prantear a vós.” Entrando em casa, tomou um pucaro de agua, benzeu-o, e com elle ficou a mulher sã. Viveu depois quarenta annos, fallecendo primeiro o marido.

Andreza Dias, dando uma quéda, com a violencia despediu de si uma filhinha, que havia sete mezes era concebida ; ficou mui mal a mãe, e se persuadiam morreria a criancinha. Indo visital-a o Padre Anchieta, lhe rogaram a baptisasse logo. Respondeu que melhor seria baptisal-a na Igreja principal, com o devido apparatus, e acrescentou :—“Digo isto, porque ella não ha de morrer ; ponham-lhe por nome Maria, visto nascer em dia da Senhora ; criem-na, que será a alegria desta casa ; chegará á idade de 11 annos. Morrerá no mesmo dia da Senhora em que nasceu, posto que não na mesma Cidade.” Tudo se foi cumprindo á risca. E mudando-se os pais para a ilha de S. Sebastião, lá morreu de onze annos, dia da Senhora.

Por este tempo se começou a dar cumprimento ás duas prophecias, que atraz ficam ditas, ácerca de ser Reitor do Collegio da Bahia, de que disse teria patente, mas que o não governaria ; e que de Provincial viria patente e faria o officio.

Sucedeu, pois, que nosso Padre Everardo lhe mandou patente de Reitor do Collegio da Bahia. Foi a cousa inesperada, como mostram as contradicções que isso teve. Alguns Padres, ou porque sabiam pouco o muito ser de virtude, que no Padre havia, ou porque se moveram dos exteriores do Padre, que não eram quaes requeria o principal Reitorado da Provincia, replicaram a Roma, dizendo não ter o Padre presença que enchesse a occupação, porque era corcovado e de presença desprezível, e que seria ludibrio da occupação.

Estas e outras semelhantes razões tão fóra estiveram de mudar o proceder do Padre Geral, que logo despachou patente, pela qual o mandava ser Provincial. Andava elle em missão na Ilha Taparica, tres légoas da Bahia : estando ouvindo de confissão uma India enferma, lançada em uma rede que tinha junto ao fogo, para melhor a ouvir, se assentou em um madeiro, que servia de tição. Quiz o dono melhora-lo de assento, não o consentiu o Padre, dizendo :—“Outro assento me está esperando, para que serei chamado antes que d'aquí me levante, o qual será de menos gosto para mim.” Assim foi, porque antes de acabar a confissão lhe metteram na mão carta do Provincial, em que lhe ordenava que, recebendo aquella, se recolhesse logo á Bahia, que assim importava. Em chegando, fez o Padre Provincial ajuntar a Commuidade, e leu a patente, em que nosso Reverendo Padre o constituia Provincial do Brazil. A primeira cousa que fez foi lançar-se por terra e beijar a todos os pés com muitas lagrimas, por se vêr em tão honrada occupação. No dia seguinte fez o mesmo, pedindo a todos o ajudassem com as suas orações, para levar o peso, com que a santa obediencia o carregava.

Sucedeu ao Padre Ignacio Tolosa e foi o quinto Provincial do Brazil. O seu governo foi de santo ; elle em sua pessoa era regra viva dos subditos. O seu exemplo era tão admiravel, como o foram sempre suas obras. Estando doente, lhe levou o enfermeiro uma dieta de abobora ; sentiu ser amargosa como fel ; então poz os olhos no enfermeiro e continuou. Imaginou o Irmão era fastio ; e o caso fôra que, em lugar de abo-

hora comestível, preparou outra de certa casta que se não come, por ser tão amargosa como fel. Depois de comer, perguntou ao Irmão se tinha outro enfermo, a quem houvesse de dar também dieta? Respondendo “que sim” lhe disse: — “Pois não lhe deis desta abobora, sem primeiro a provar.” Entrando o Irmão em suspeita, a provou e achando o erro deu um grito dizendo: — “Ai Padre, que matei a Vossa Reverencia.” Acudiu o Padre: — “Não matastes, Irmão; antes é o Senhor servido de me querer dar saúde, por tomar esta semelhança de fel, que elle por mim e por vós gostou na Cruz.” Não foi o dicto acaso, porque pouco depois se levantou são.

O seu governo era todo uma violencia amavel, com o qual a todos captivava. O modo de mandar não era; “Fazei isto, ou aquillo”; mas “Podeis fazer isto? Será bom que façaes isto.” Fugia de accrescentar rigores a rigores. Ouviu um dizer a um Padre, que quem governa a outros não deve dissimular falta alguma que não castigue, reprehenda, ou avise. A isto accrescentou o Padre Anchieta: — “E também nenhuma falta ha de saber o Superior de seus subditos, que, primeiro que os chegue a avisar uma vez, não tenha chorado duas e tres vezes, diante da divina misericordia.”

Viu um dia que o Padre Ministro tratava com aspereza um subdito; perguntou-lhe a causa; respondeu; — “O Superior, que me encarregou o officio, me disse que não deixasse passar occasião de exercitar a paciencia dos subditos.” A isto disse o Padre Anchieta: — “Pois eu, em nome de Deus, lhe ordeno, Padre meu, que se dispa desse affecto e se vista do da mansidão, emquanto puder, e procure não dar occasião de desgosto a subdito algum.” Não se esqueceu o Ministro do aviso, e assim o fez d’alli por diante.

Disse um Padre que quem quizesse na Religião ser bom subdito e ter paz, se havia de descuidar de si e pôr-se todo nas mãos do Superior. A isto acudiu o Padre Anchieta: — “Eu de mim digo que jamais tive cuidado de occupação alguma, que o Superior me houvesse de dar; quando Irmão, nunca imaginei que podia ser Sacerdote, nem quando Sacer-

adote, que podia ser professo, nem quando professo que podia ser Superior ; porque nunca senti em mim as partes necessarias para o ser."

Dizia que o Superior não é seu, senão dos subditos. Por isso a qualquer hora estava prompto para ouvir suas necessidades, e os consolar. Succedeu-lhe, estando já revestido para a Missa ser chamado para consolar algum subdito ; largou as vestiduras sacerdotaes, e foi cumprir com esta caridade, dizendo que era a Deus mais acceita a misericordia, que o sacrificio. Costumava dizer que nenhuma cousa ha de trazer ao Superior mais em seu coração, que o allivio e amor dos subditos.

Por fim deste capitulo direi o que lhe succedeu dizendo Missa na Capella interior do Collegio. Chegando ao primeiro *Memento*, ficou em extase, e o corpo se levantou no ar ; durou isto tanto tempo, que o ajudante o foi dizer ao Padre, Ignacio Tolosa. Sabendo serem aquellas as delicias do Padre, se deixou ficar ; comtudo, continuando, foi o Padre Tolosa á Capella, pegou nelle e o fez tornar em si, dizendo que era tempo de continuar a Missa, porque havia muito tempo que se detinha. Assim o fez. Estes arrebatamentos na Missa e oração eram já nelle tão ordinarios, que não faziam espanto.

CAPITULO XVII

Cousas raras que na Bahia succederam ao Padre Anchieta, em que se viu seu espirito de propheta.

E' cousa mui notavel considerar como todas suas disposições eram misturadas com noticias superiores ; assim se foi vendo no seu governo. Viera ordem do Padre Geral para fazer profissão solemne o Padre Gregorio Serrão, então Reitor do Collegio da Bahia. Assentou-se em consulta que o Padre fizesse sua profissão em dia de Paschoa, por ser dia mais festivo que os dias quaresmaes. Estando nesta determinação, o Padre Anchieta, amanhecendo o primeiro Domingo da Quaresma, de repente, sem consulta, no fim da oração da manhã, quando o Padre Serrão ia dizer a Missa, em que commungam os Irmãos, lhe mandou recado que a não dissesse, porque Sua Reverencia havia de fazer profissão e commungar na Missa do dia.

Ficou o Padre suspenso e disse a quem déra o recado, que lembrasse ao Padre que o dia de Paschoa estava determinado. Respondeu : — “Dizei ao Padre Reitor que leve bem o que digo, porque se hoje não fizer profissão, não a ha de fazer depois.” Não quiz o Padre declarar mais, e logo no mesmo dia aclarou tudo, chegando um navio, em que vinham cartas de como era morto o Padre Geral, com cuja noticia devia cessar o mandado da profissão ; o que então era estylo, ainda que depois a Congregação 4^a, decreto 3^o, dispoz outra cousa. E isto é o que o Santo Padre previra, e todos ficaram entendendo a causa desta mudança, e devia ter a revelação na oração da manhã.

Estando enfermo o Padre Pedro André e indo visitá-lo de manhã o enfermeiro, o achou quasi para expirar: correu ao Padre Provincial, a dizer o que passava, e para que mandasse confessar o doente. Abrindo a porta, antes de pronunciar palavra, lhe disse o Padre Anchieta:— “Ide, ide depressa ao Padre Ignacio Tolosa, que deixe a confissão, que está fazendo na portaria, e que em meu logar vá confessar ao Padre Pedro André, que eu não posso ir.” Acudiu logo o Padre Tolosa e, pouco mais que se detivera, o doente morreria antes de se confessar.

Por este tempo lhe chegou uma carta das Canarias; entregou-lh'a o Irmão Pedro Leitão. Tomando-a o Padre e vendo ser de uma sua Irmã, a deu assim fechada ao Irmão, dizendo:— “Contém, que está doente de uma grave enfermidade, mas mui conforme com a vontade divina: muito me alegro com isso; eu a encomendo a Deus.” Aberta depois a carta, se achou não haver nella, senão o que o Padre dissera.

Um dia estava o Irmão Pedro Leitão escrevendo para Lisboa; entrando o Padre no seu cubiculo, lhe disse:— “Escrevo á minha Irmã, que tenho em Lisboa.” Replicou o Padre:— “Fazei o que haveis de fazer, e á vossa Irmã mandai-lhe recados ao Céu.”

Não teve o Irmão o dicto por acaso; comtudo, escreveu e notou o tempo deste dicto. Depois lhe veio nova ser morta, o que acontecera tres dias antes do dicto do Padre. Logo se foi ter com o Padre, e lhe pediu Missas pela alma da defunta. Respondeu:— “Já lhe disse tres, quando vos disse que lhe mandasseis recados ao Céu; não ha mister mais.” Alegrou-se muito o Irmão, tendo por certo estar sua Irmã na gloria.

Á vista das muitas cousas que succediam, já os Padres e Irmãos costumavam observar suas palavras, como se ffssem de oraculo. Despedindo-se dos Noviços, disse a um:— *Fagundes* (este era o seu sobre-nome) *Multi sunt vocati, pauci vero electi.*—A outro disse:— *Qui perseveraverit usque in finem.*—Logo fizeram muito conceito, que não haviam de perseverar

na Companhia. E assim foi, que um atraz do outro foi despedido.

Como os Padres e Irmãos se preparassem para ir celebrar a Apresentação da Senhora na Igreja de Tapagipe, foi o Padre visitar ao Irmão Francisco Fernandes, que estava em cama doente de febres. Disse-lhe : — “Por que não ides vós também a celebrar a festa da Senhora ?” Respondeu :— “Vossa Reverencia bem vê que estou doente, e este é o dia da sezão.” Então replicou o Padre :— “Ide festejar a Virgem e dexai lá a febre, de tal maneira que não torne mais.” Cumpriu o Irmão com a obediencia ; estando lá o assaltou a mais forte sezão que tivera ; com ella entrou na Igreja e, prostrado diante da Senhora, lhe disse, em como viera mandado da obediencia, que lhe ordenára não tornasse mais com a febre para casa. Tudo houve por bem a Senhora, e o Irmão ficou de todo livre.

O Padre Gregorio Serrão, por se achar muito mal de desmaios na Bahia, foi mandado ir para o Rio de Janeiro ; ao despedir-se do Padre, lhe disse :— “E’ possível que Vossa Reverencia me aparte de si ?” Respondeu elle :— “ Isso não, *vade modo, Pater, quia postea locus nos conjunget.*” Que quer dizer :— “Ide meu Padre, que depois uma mesmo logar nos ha de ajuntar.” Imaginou o Padre que o logar seria o Rio ; mas succedeu que o navio tomou o porto do Espirito Santo, e foi o Padre obrigado ficar alli por causa da doença, e alli morreu, e depois, junto á mesma cova foi enterrado o Santo Padre Anchieta.

Manoel Francisco e Antonio Nunes se foram despedir delle, pedindo-lhe suas orações, porque partiam para o Reino, e, por haver muitos Corsarios, era a viagem perigosa. Perguntou-lhes em que não das duas iam ? Respondendo que na mais pequena, chegando a uma janella d’onde se viam, lançou uma benção á pequena e disse :— “Ide, que heis de chegar a salvamento.” Da grande não disse nada, o que fez logo suspeita. Partiram. Em altura dos Ilhéos os accommetteram tres náos de Corsarios : a tempo que já se davam

por rendidos. invocaram o nome do Padre Anchieta e, sem saber como, se escapou a não pequena e a grande ficou presa.

Chegando ás Ilhas de Bayonna, foram alli quatro vezes accommettidos de Corsarios, e outras e tantas calinou o vento, quando os inimigos já estavam junto ; o que acontecia invocando da não o nome do Padre Anchieta. Entraram finalmente o porto de Vianna, o que se teve por milagre, porque em quatro mezes tinham os Corsarios tomado não menos de quarenta navios.

Estava o Collegio falto de peixe : esperando pelas redes, que mandára lançar, voltaram sem nada. Acudiram ao Padre, dizendo-lhe a falta. “Não vos molesteis,” respondeu o Padre ; e mandou lhe chamassem o pescador, o qual dava muitas escusas de não ser opportunidade. Levou-o o Padre a uma janella e lhe mostrou com o dedo um lugar, dizendo-lhe : — “Ide, lançai alli as redes ; não seja mais que um lanço ; enchei o barco e vinde, que ha em casa necessidade.” Obedeceu o pescador ; fez o seu lanço, e com elle encheu o barco : e cheio de mais alegria que o barco de peixe, se veio para o Collegio.

Ajuntarei aqui outra pescaria, ainda que em outra parte. Achando-se o Padre na aldêa do Espirito Santo, distante seis leguas da Bahia, advertiu que os Indios estavam ociosos e tristes. Perguntada a causa, responderam que não tinham que comer ; que foram ao mar e nada tomaram, nem o tempo estava de vez. Disse-lhes o Padre que preparassem as canôas e redes, e sahisses com elle ao mar. Tomaram o dicto em graça ; porém o Padre os assegurou que todos haviam de voltar contentes. Sahiram por demais. Estando no mar, elle se começou a embravecer. Então os Indios, enfadados, lhe disseram : — “Não vês agora, Padre, com teus olhos, como é impossivel o que nos dizes ?” Aqui replicou o Padre : — “Que peixe quereis vós outros ?” Responderam, por zombaria, que queriam xaréos (é peixe exquisito, e naquelle tempo não costumava apparecer) : então, mostrando-lhes certo ponto, disse que lan-

çassem alli suas redes pequenas. Assim o fizeram, e foi tanta a multidão que, não só com redes, mas até com as mãos, o tomavam ; de que ficaram mais contentes do que antes estavam tristes, e reconheceram quanto podia com Deus este seu servo.

CAPITULO XVIII

De algumas prophecias do Padre Anchieta, com successos notaveis de dois officiaes, que entraram na Companhia, e da saúde do Padre Francisco Pinto, que morreu Martyr.

Entre as cousas mais engraçadas que houve nas prophecias deste Santo Padre foram os successos, de que ha de tratar este presente capitulo. Acaso passava o Padre Anchieta por uma varanda do Collegio, e viu que João Fernandes, official de pedreiro que trabalhava nas obras do Collegio, estava pendurando um sino no campanario. Pondo nelle os olhos, lhe disse com voz que todos ouviram :—“João Fernandes, segurai-o bem, segurai-o bem; que vós heis de ser o primeiro da Companhia, em cujo enterro se ha de dobrar esse sino.”

Parecia cousa humanamente fallando impossivel, porque o homem era casado em Portugal, onde tinha sua mulher; e havendo isto de ser por sua morte, parecia muito não haver até então fallecido outro no Collegio, por quem o sino se dobrasse.

Com esta prophecia se encadeou outra. Instava o tempo de ir visitar o Collegio de Pernambuco, e apertavam os Padres que partisse. Houve de dispôr a jornada, por se accommodar ao parecer dos Padres, não por voto seu; antes sahiu nestas palavras :—“Os Padres me dão pressa que parta a Pernambuco; porém não sabem que é vontade de Deus que eu me ache na Bahia dia de Nossa Senhora da Conceição.” Embarcou-se; ao despedir-se do Padre Luiz da Fonseca, lhe disse :

—“Fique-se embora, meu Padre companheiro, espere-me aqui enquanto v. lto, que Vossa Reverencia ha de ir commigo á Pernambuco. Eu o hei de tornar a buscar e levar commigo.”

Estas cousas, que todas pareciam então sonho, se foram cumprindo á risca. Navegando o Padre para Pernambuco, foi obrigado a arribar por causa dos tempos contrarios. Entrou no Collegio, foi visitar o Santissimo e, quando o queriam encaminhar para o seu cubiculo, se foi ter com o pedreiro João Fernandes, que neste tempo estava de cama mui enfermo, e avisado juntamente da morte de sua mulher: tudo o Padre sabia por revelação. Consolou-o assim da doença como da morte da mulher, e lhe disse assim:—“João Fernandes, a Virgem Mãe nossa me manda cá para que vos admitta na Companhia, e para que connosco estejais entre os mais Irmãos até o fim de vossa vida. O agradecimento que eu vos peço deste beneficio, que por amor da Senhora vos faço, é que tendes lembrança de mim, quando d’aqui a sete dias vos vejais assistir na presença da mesma Virgem.”

Então, pasmando todos, foram entendendo o que na Bahia tinha que fazer no dia da Conceição. Mandou logo que o enfermo fosse levado como Irmão nosso á enfermaria do Collegio, e que se tratasse de sua cura. D’ahi a tres dias o tornou a visitar e lhe disse:—“Irmão João, uma nova vos trago mui alegre: vossa boa mulher vos espera diante da presença de Deus.” E voltando-se para os outros, disse:—“Mulher de tão bom homem não se podia perder.” Aos sete dias, assistindo-lhe o Padre e os mais Religiosos, se despediu aquella bendita alma do corpo.

Logo que acabou de expirar, se levantou em pé o Santo Padre Anchieta, e, com sentimento e modo ponderoso, disse aos presentes:—“Meus Padres e meus Irmãos, este homem que a vossos olhos acaba de dar a alma a Deus, official toda a sua vida, e grande parte della casado, dentro em sete dias tem alcançado o premio de Religioso, porque fez entrega de si ao Senhor de todo o seu coração: para que no ultimo dia de juizo universal justifique a causa do mesmo Deus, e jun-

tamente a condemnação de muitos Religiosos descuidados em sua profissão, e alguns destes estão aqui, que tendo muitos annos gastados nella, jámais chegariam a entregar-se a Deus de todo; estes justissimamente hão de perder o premio da Religião.”

Dito isto, sahiu da enfermaria, deixando a todos assaz temerosos com tal arrazoado e a tal vista. O que o tempo veio a mostrar foi que dois dos presentes não perseveraram na Companhia. Logo se dobrou o sino por João Fernandes, em cumprimento de que elle havia de ser o primeiro por quem se houvesse de dobrar.

Quanto ao que dissera o Padre Luiz da Fonseca havia de ser o seu companheiro, se cumpriu, achando, quando arribou, cartas do Padre Geral, que declarava ao dito Padre por companheiro do Padre Provincial.

Tambem foi admiravel o chamamento de Luiz Fernandes, discipulo do Irmão João Fernandes. Logo que o Padre Anchieta mandou passar para a nossa enfermaria ao ditoso Irmão João Fernandes, se lhe lançou a roupeta, e raparam a barba em signal de que era já da Companhia. Neste tempo em que assim estava rapado, presente o Padre Anchieta, chegou o porteiro e disse ao Padre, em como alli estava Luiz Fernandes, particular amigo e discipulo do enfermo, que se queria despedir d'elle.

Entrando Luiz Fernandes, vendo o amigo sem os seus bigodes, de que muito os homens se honravam naquelle tempo, lh'o extranhou. Aqui o Padre Anchieta, voltando-se para elle, lhe disse:—“E vós, Luiz Fernandes, extranhais? Pois deixai as vossas barbas de remolho, que pelo mesmo escamel hão de passar.” Pareceu graça; e entendendo Luiz Fernandes onde o remoque ia dar, respondeu:—“Tem isso, meu Padre Provincial, dois grandes impedimentos.” Entendendo o da mulher, porque era casado, e o de uma filha, por nome Maria.

•Tornou-lhe o Padre:—“Olhai, Luiz Fernandes, esses dois impedimentos se hão de tirar, quando Maria fôr para

a praia e o diabo vos quizer levar." Não soube o homem que responder, porque não entendia o enigma, que o tempo veio a declarar; porque Maria casando foi inorar á praia, onde o marido tinha sua casa. O segundo impedimento se tirou, representando Luiz Fernandes em uma tragedia figura de homem escandaloso, a quem arreinetteu o diabo no theatro para o levar; porque neste tempo ouviu dobrar os sinos por sua mulher, que deixára enferma e de repente entrára no ultimo artigo.

Recolhendo-se á casa, vendo tirado um e outro impedimento, bem como o Padre lh'o prophetisára, entendeu que Deus o queria tambem como a seu Mestre, foi-se ao Padre Anchieta, lançou-se-lhe aos pés, dizendo:—"Vossa Reverencia tem trespassado meu coração com as palavras que me disse; está descoberto o sentido dellas: Maria é ida para a praia, o diabo me quiz levar por zombaria; não quero que o faça devéras; receba-me na Companhia; acompanharei na vida e na morte a meu bom Mestre."

O Padre o recebeu; viveu na Companhia com grande exemplo, e nella morreu santamente.

Foi tambem pasmosa a saude, que alcançou ao Santo Martyr Francisco Pinto, e a prophesia com que predisse seus muitos trabalhos. Este Padre estava tanto nas ultimas, que tinha o enfermeiro preparado o necessaric para ser unguido. Entretanto o Padre Provincial ao visitar, lhe deu um abraço e disse:—"Vossa Reverencia queria-se ir ao Céu a mãos lavadas? Pois não ha de ser assim: *Longa tibi restat via*; tem muito que passar primeiro; não ha de morrer morte folgada; antes della ha de padecer muitos trabalhos, fazer a Deus muitos serviços, salvar muitas almas; levante-se Vossa Reverencia, vá ao côro dar graças ao Santissimo Sacramento, que elle é servido conceder-lhe saúde." E ao enfermeiro disse:—"Irmão, dai-lhe seu vestido, e não torne este Padre mais á enfermaria."

Ditas estas palavras, o Padre se achou de repente são; foi dar graças ao côro, nem mais voltou á enfermaria, com

assombro de todo o Collegio, que olhava para elle como para homem resuscitado. Este Padre entrando no sertão a converter os Genticos, elles, em odio das verdades que lhes ensinava, o mataram com morte cruel no anno de 1608. Sua vida e morte traz o Padre Simão de Vasconcellos no capitulo V do livro IV da Vida do Padre Anchieta. e o Padre Alegambe nas Morte Illustres dos da Companhia. Foi natural da Cidade de Angra, na Ilha Terceira.

CAPITULO XIX

*Vai o Padre Anchieta visitar o Rio de Janeiro :
m travilhas que no caminho e lá obrou*

Da Bahia passou a visitar Pernambuco. Só do que obrou nesta Capitania não temos memoria. Depois foi ao Rio de Janeiro e mais partes do Sul; por ellas o irá seguindo a narração dos oito annos que foi Provincial. Nestas suas viagens era o seu cuidado que nada faltasse aos companheiros. De si era descuidado, fiado só na Providenciã Divina. O seu camarote era aquelle onde havia necessidade de sua assistencia. De ordinario assistia no convéz, ou fosse tempo chuvoso, ou de sol, abrigado com um roupão velho. Vigia e acudia ás obras do navio como qualquer marinheiro, em que era tão destro como se em sua vida não tivera outro exercicio.

O somno tomava ou encostado no bordo do navio, ou sobre a caixa de algum passageiro. O comer era grosseiro. Acudia aos doentes. Todos os dias fazia praticas e doutrinas. O navio em que ia parecia casa de religiã. Chegando a visitar a casa de Porto Seguro, sahiu doente em terra o nosso Irmão Francisco Dias, piloto do navio, de um cobrelo, por outro nome fogo de Santo Antão. Sentindo-se o Irmão affligido, pediu ao Padre fosse com elle, na manhã seguinte, dizer uma Missa a Nossa Senhora da Ajuda, que alli é de muitos milagres e tem uma fonte milagrosa.

Deu-lhe o Padre palavra de ir, mas acrescentou :—
“Para remedio dessa noite, untai a inflammação com azeite

da lampada do Santissimo, que não deve sentir-se a mãe, que recorráis primeiro ao filho." Assim o fez, e cessou a dôr, porém parou o cobrelo. Na manhã seguinte, depois de dizer a Missa, mandou ao Irmão que fosse lavar com a agua da fonte milagrosa a parte lesa. Foi cousa que todos viram e admiraram, que, assim como a lavou, totalmente se extinguiu aquelle fogo, sem delle ficar nem ainda o minimo signal.

Nesta mesma Igreja, ou nesta occasião, ou em outra, dizendo Missa, foi visto de todo o povo levantado em extase no ar, como se diz nos processos para a sua canonisação. Chegando uma vez a este Porto Seguro, soube que d'ahi a quatro leguas estava em perigo de vida um Irmão de prestimo; sem demora o Padre andou logo a pé descalço aquellas quatro leguas, e só com sua vista o subdito ficou bom, e como homem que tornára da morte á vida.

Continuando sua viagem, chegou á barra da Villa do Espirito Santo, fazendo-se todos já como em seguro, largaram a mão á pipa de agua, bebendo sem regra, como si acabada a viagem não fosse já necessaria. Vendo o Padre essa pouca cautella, disse em voz alta:—"Não desamparem a chave d'agua, que ha de ser necessaria." Não fez disso muito caso a gente, por estarem junto de terra e o tempo sereno. Indo assim com bonança, de repente se mudou o vento e andaram no mar; o que bastou para ver que a agua lhes era ainda necessaria.

Vindo outra vez em demanda da barra, se tornou a pôr vento contrario, que os lançava ao mar. Aqui pondo-se o Padre no convéz e chamando a todos, disse:—"Neste navio vem um homem excommungado, por cuja causa nem entra, nem entrará na barra; quem é venha-se a mim, que eu tenho poder para o absolver." A esta voz sahio mui magoado um homem, dizendo em publico que na Bahia tomára um livro da casa de Nossa Senhora de Monserrate, e, tirando-se carta de excommunhão, elle o não restituira e o trazia consigo. Entregando o livro e sendo absolto, parou a tormenta e entraram na barra.

D'aqui pisson ao Rio de Janeiro, onde foi recebido como um anjo. Entre as pessoas que de fóra o vieram visitar foi um Francisco Domingues, que por andar aleijado, vinha em muletas. Vendo o Padre o seu trabalho, lhe disse:—"Francisco Domingues, não andeis mais nessas muletas." Respondeu—"Isso é impossivel; porque sem ellas não dou passo."—"Ora troquemos, replicou o Padre; dai cá as muletas, e tomai lá o meu bordão." Fizeram a troca, e logo o homem começou a andar expeditamente, com o bordão, e em breve se viu são de todo e sem necessidade de arrimo.

Uma vez descia do côro da Igreja deste Collegio, onde tivera oração; encontrando o enfermeiro lhe disse:—"Tomai a capa, vamos á casa de Isabel Affonso, que está unvida; applicando-lhe lá algum remedio, sarará." Perguntou o Irmão que mészinha queria lhe applicassem? Respondeu:—"Qual vós quizerdes, porque ella ha de sarar." Entrando em casa, achou tudo em fórma de pranto; depois de saudar a todos, voltando-se para o marido, que já estava com carapuça de dó, lhe disse:—"Tirai isso d'ali, que agora não tem logar."

Chegando-se ao leito, tocou com a mão a cabeça da enferma, rezando sobre ella o Evangelho. Logo disse ao Irmão:—"Dai a mészinha que vos disse." Então lhe deu um pucaro de agua com assucar. Bebido elle, disse o Padre á enferma:—"Bebestes já?" Responderem que sim.—"Pois levantai-vos, acudiu o Padre, que já estais sã." E disse ás filhas que dessem de vestir a sua mãe, para se levantar. Assim o fizeram, e a enferma se levantou sã de todo.

Visitando a outra, que estava sem falla, em sua presença logo fallou, e, deitando-lhe a benção, ficou sã. Como um asthmento lhe manifestasse o seu achaque, lhe disse:—"Bebei em tal fonte (que lhe mostrou), e rezaí cinco Padre Nossos e Ave Marias á honra do Senhor, e ficareis livre de todo." Tudo fez e com o successo desejado.

Na fazenda de Magé havia um boi bravissimo; querendo-o metter na moenda do engenho de assucar, o não

puderam fazer muitos homens juntos, por ser ferocissimo. Sabendo isto o Padre Anchieta, lhe lançou a benção, e ficou tão manso, que um só negrinho o amarrou ao engenho.

Vindo de S. Lourenço para a Cidade, acharam aquella travessa do mar cheia de cardumes de baleias, que alli vão em certo tempo parir. O perigo era evidente de encontrar alguma, que os mergulhasse. Neste aperto e temor o Padre lhes lançou a benção, e logo todas mergulharam e se foram ao fundo do mar.

Um Religioso nosso, por nome Estevão da Grã, assistia na aldêa de S. Barnabé, distante sete leguas da Cidade do Rio ; alli teve uma importuna e forte tentação contra a pureza ; não se sabia dar a conselho. Eis que, quando menos o cuida, vê diante de si ao Padre Anchieta : fallou-lhe, mostrando que sabia do seu trabalho ; consolou-o, e deixando-o fóra da tentação, se despediu. Pasmou o Padre com vinda e ida tão de repente, e mais quando soube não viera alli canôa alguma. Depois, escrevendo ao Collegio, soube que no mesmo tempo em que lhe apparecêra, estava o Padre Anchieta no Collegio da Cidade.

CAPITULO XX

*De outras muitas maravilhas deste admiravel Padre,
assim em S. Vicente como no Rio*

Do Rio de Janeiro foi o Padre visitar a Capitania de S. Vicente, theatro antigo de seus prodigios passados, e que ainda o havia de ser de outros muitos. Quando estava já embarcado para fazer viagem, chegou a bordo uma canôa, e deu por novas que na Ilha de S. Lourenço, distante uma legua, estava morrendo um Indio. Logo parando com a viagem, mandou lançar fóra o batel, foi consolar e confessar o Indio, e se recolheu ao navio. Quando estava para partir, offereceu ao Governador do Bispado, que tambem ia para S. Vicente, o seu navio, dizendo ser capaz para todos e bom de vela. Não se aproveitou do offerecimento, dando por razão que a sua embarcação tinha vela e remos. Foi porém o successo que, partindo ambos do Rio, o Padre José chegou em 24 horas ao posto e o Governador depois de cinco dias, bem enfadado da jornada ; e ficou entendendo que não fôra sem mysterio o offerecimento do Padre Anchieta.

Desembarcou em Beritioga, visitou aos seus Miramomiz, que alli tinham sua aldêa. Em dois dias, que aqui esteve, foi visto e observado do Capitão e soldados da fortaleza andar mui triste ; perguntando-lhe a causa, respondeu só estas palavras:— “Neste dia se apparelham trabalhos grandes ao mundo.” Notou-se o dicto e o dia. Passado tempo, chegou navio com a triste nova da ruina d’El-Rei D. Sebastião em Africa, a qual fôra naquelle dia.

Esta mesma desgraça contou depois, quando já estava morador no Espirito Santo, a seu amigo o Capitão Miguel de Azevedo, relatando o successo della, bem como lhe fôra revelado. Perguntou-lhe o Capitão se El-Rei morrêra na batalha? Respondeu o Padre, que não. Instando, se era vivo? deu por resposta, que isso eram segredos, que Deus guardava para si.

Em Beritioga quizeram dois mancebos, em cuja casa se hospedára, experimentar se era o Padre tão santo, como diziam; para isso, a horas de comer, fingiram deixar recado ás Indias, que dessem de jantar ao Padre, que elles iam a negocios de importancia. Logo se esconderam em lugar secreto, d'onde, sem ser vistos, o pudessem observar; para mais metter em tentação mandaram servir á mesa Indias moças e descompostas. Assentou-se o Padre á mesa e, vindo ellas com os pratos, antes de tocar bocado, lhes perguntou por seus senhores; responderam segundo a instrucção que tinham, ser idos fóra a negocios, que pediam pressa. Respondeu o Padre:—"Não é assim: ide áquella camara" (e apontou com o dedo) "e chamai cá Paschoal Barrufo" (era este o nome do principal no enredo.) Deu-lhe a India o recado, sahiu elle mui corrido do seu escondrijo, lançou-se aos pés do Padre, pediu-lhe perdão: elle com boas palavras lhe extranhou aquella temeridade, mostrou-lhe a sua pouca consideração em commetter tal culpa.

Estando na Villa de Santos e na portaria do Collegio, chegou a ella homiziado um Jeronymo Ortega, para se pôr em salvo. Antes de dizer cousa alguma do seu caso, o Padre lh'o contou todo e com suas circumstancias, dizendo que podia andar seguro na terra e fazer seu negocio; assim o fez; e, sendo o morto mui aparentado, ninguem se atreveu a lhe fazer mal.

Uma India se fingiu mui devota, e assim enganava aos Padres, que a tinham pelo que parecia. Como vindo confessar-se, não achasse a seus confessores em casa, mandou chamar ao Padre Anchieta, o qual se escusou, mandando-lhe

dizer deixasse por então aquelle intento. Foi-se confusa. Fingiu-se doente: como era tida por santa, os Padres lhe assistiram com alguns presentes: o que sabendo o Padre Anchieta, disse:—“Debalde se cansam os Padres; debalde se cansam.” Ficaram suspensos com o dicto, porque tinham os seus por mysteriosos. O caso foi que em breve tempo a santa fingida entrou em dôres terriveis, e, arrebatando pelas ilhargas, despediu de si uma criança morta, e acabou sua miseravel vida com esta infeliz morte.

Um Fulano de Pancas se foi uma noite com gente de armas á casa do Capitão-mór de S. Vicente, para o matar a punhaladas. Acudiu gente e o aggressor, sem fazer o que intentava, foi preso. Sabendo este desaforo o Alcaide da fortaleza da barra, veio logo á Villa, com intento de enforcar o delinquente, para que pela manhã, quando se soubesse o seu crime, constasse o seu castigo. Teve o Padre Anchieta revelação dos intentos do Alcaide, e sendo depois da meia noite, foi á casa do offendido, pediu perdão para o aggressor, descobrindo-lhe os intentos do Alcaide. Era o Capitão de animo christão e generoso, e perdoou logo. Ambos foram ter com o Alcaide, dizendo o offendido que lhe perdoava; portanto, que desistisse dos intentos, que alli o trouxeram. Com a proposta ficou pasmado o Alcaide, pois não tinha descoberto seus intentos a creatura viva, e logo desistiu delles.

Visitando a casa de Piratininga, mandou a um menino da escola colher seis limas á horta, para premiar a outros meninos da escola. Elle, além das seis, colheu para si outras seis e as escondeu em certo lugar, até sahir da escola. Tanto que entregou as seis, disse o Padre a outro menino:—“Ide a tal parte, e trazei as seis limas, que este menino lá deixou escondidas.” Vieram logo; deu-as ao ladrãozinho, dizendo-lhe:—“Tomai-as, e aprendei a não furtar.”

Voltando desta visita para o Rio, chegaram á barra junto da noite, havendo grandissima cerração e tempestade desfeita. Fazer-se ao mar era notavel perigo: maior o

era acconimetter a entrada da barra. Nestes apertos fez o Padre uma breve oração junto ao mastro grande, e logo, animando os marinheiros, disse que accommettessem a barra. Assim o fizeram, e entraram sem perigo ; o que elles, consideradas as circumstancias, tiveram por cousa milagrosa. Era noite ; chovia com excesso ; mandou que todos se recolhessem ; só elle se deixou ficar em oração junto ao mastro, dando graças a Deus pela mercê recebida ; e succedeu outra maravilha : que pela manhã estava tão enxuto, como se estivesse toda a noite debaixo da coberta.

Na aldêa de S. Lourenço, uma legua da outra parte da Cidade, tinha um nosso Irmão preparado uma representação sancta. Concorreu muita gente, porém era a chuva muita e não cessava. Disse o Irmão queixoso ao Padre Anchieta, que lhe parecia não haveria representação por causa da chuva. Riu-se o Padre, e disse-lhe:—“Antes, Irmão, mandai buscar muitas palmeiras, que façam sombra aos ouvintes, que não ha de faltar calma.” Assim o fez, porque já sabia a certeza, que o Padre tinha em seus dictos. E foi a calma tal, que os muitos ramos não bastaram a defender della, enquanto durou a representação.

Não só parou a chuva dentro no tempo que se fez a representação, mas, acabada ella, tornou a continuar e durou todo aquelle dia e o seguinte. O que mais é, que no tempo do acto se via chover nas partes á roda, estando livre o logar da representação

Havia na Cidade do Rio um homem perdido. O Padre se lhe fez amigo e o metteu por mordomo na Confraria das onze mil Virgens. Os mais o sentiram, dizendo :—“Padre, como admitte Vossa Reverencia na Confraria a um desalmado?” Respondeu :—“Faço-o para que tenha alma.” Assim foi, que o homem se mudou tanto nos costumes, que lhe chamavam o convertido do Padre Anchieta.

Fabricando-se sobre viva rocha a fortaleza da Cidade do Rio, que depois se chamou Santa Cruz, disse o Padre que o trabalho era debalde. Pareceu cousa de sonho ; porém

Depois de feita, o mar a levou com artilharia e casas, que nella havia. Seria nunca acabar, se houvera de referir por miudo os mais prodigios; mas alguns, por serem cheios de circumstancias que contêm especialidade, não os posso deixar em silencio, por que os leiam neste compendio aquelles, a quem não chegar á mão o grande livro que de suas cousas anda impresso.

CAPITULO XXI

Do que obrou o Padre Anchieta com uma armada, que chegou ao Rio. E dos prodigios na pesca feita na lagôa Mariacaá.

No anno de 1581 appareceu sobre o Rio de Janeiro uma armada de dezeseis velas, que poz a cidade em grandissimo cuidado, por ser cousa que se não esperava. Todos tratavam de pôr em seguro o precioso e cousas sagradas. Nestas perturbações chegou o Padre a uma janella do Collegio e disse :— “Ninguem se desinquiete, que a armada não é inimiga ; antes vem nella um homem, grande carpinteiro, que ha de entrar em nossa Companhia ; nella servirá muito e será de grande virtude.”

Brevemente se desenganaram, porque era de Castelhanos ; o Capitão della era Diogo Flores Valdez, a quem El-Rei mandava com 3,000 homens para assegurar o Estreito de Magalhães. Entrou de paz, e teve nella um bom theatro de sua caridade o Padre Anchieta, por haver nella muitos doentes. Fez com que se determinasse casa de hospital, que até então não havia naquella cidade, e que fossem alli trazidos os enfermos, a que assistiu o Collegio com Medico, Cirurgião e mésinhas, tendo nisto grande despeza. Para os pobres sãos e necessitados mandava dar todos os dias na portaria uma arroba de carne ou peixe, com a farinha necessaria para quantos viessem. O mesmo Padre ia pelas casas dos que não podiam vir á portaria, e lhes levava esmola, consolando a todos.

O carpinteiro, que disse, se chamava João Escalante; este, sahindo em terra, foi buscar logo a nossa portaria, pedindo-lhe chamassem ao Padre Provincial. Dando-lhe recado o porteiro, o Padre deu a entender sabia quem era o que o chamava, e para que vinha. Vendo-o o Padre, lhe disse:— “Vós já estais recebido na Companhia, e nella haveis de morrer.” Entrou, e foi nella Irmão de rara virtude.

Entre as 16 náos vinham quatro carregadas de mantimentos. Succedeu recolherem-se em uma estancia pouco segura, e a Cidade as viu a ponto de se perderem, com geral sentimento de todos. Vendo o Padre Anchieta tamanho perigo, recorreu á oração; e o mesmo foi começar elle, que começarem tambem as náos a sahir do perigo e todos da tristeza em que estavam. Correu logo ao cubiculo do Padre Anchieta para lhe dar a nova o Padre Estevão da Grã; entrou e achou-o arrebatado em oração. Despertou-o, e, antes que abrisse a bocca, lhe disse o Padre:— “Estevam, não ha mal algum; sómente se perdeu um batel, mas não a gente delle.”

De todas estas cousas teve noticia o General da armada; começou a o tratar e lhe cobrou extranho amor e respeito. Tinha elle preso um Inglez, que achára no Rio de Janeiro, por dizerem que havia passado o Estreito de Magalhães para onde ia o General, e parece o queria por guia; pediu-lhe um nosso Padre que o soltasse sobre fiança, para arrecadar dividas, em que lhe estavam na Cidade. Sentiu o General pedir-se-lhe isto, e se começou a mostrar agastado. Desculpou-se o Padre com dizer que o seu Padre Provincial lhe mandára fazer aquella petição.

Tanto que o General ouviu o nome do Padre Anchieta, de repente se mudou e respondeu dizendo:— “Se o Padre José o manda, faça-se; não queira Deus que eu obre contra o que elle sente; porque a primeira vez que o vi, nunca cousa mais desprezível se me representou, mas ouvindo-o e tornando a olhar para elle, nunca em presença de alguma Magestade me senti mais apoucado e reverente.” Assim fallou este

fidalgo, e este era o conceito que formou deste admiravel heróe.

No anno de 1584 foi mui espantosa e celebrada a pescaria da lagôa chamada Mariacaá. Dista sete leguas do Rio; a tempos se abre e entra nella o mar e se toma dentro infinito peixe. Mandou alli o Collegio alguns Indios com o Irmão Pedro Leitão, para fazer seu provimento. Quiz ir tambem o Padre Anchieta para lhes dizer missa e os confessar. Estê era o pretexto; mas o intento primeiro era entregar-se mais a Deus naquella solidão.

Foi caminhando por terra com os companheiros, e fizeram noite junto a um grande penedo, que chamam Itaipuig. em uma choupana de palha. E' o logar infestado de onças e tigres. Sendo alta noite, sentiu o Irmão que o Padre sahira fóra, quanto conjecturou, a'ter oração. D'ahi a largo espaço voltou e tomando um cacho de bananas, as lançava poucas a poucas para fóra, dizendo; — “Tomai, tomai vós outras vossa porção”; sem verem com quem falava. Perguntou-lhe o Irmão: — “E Vossa Reverencia a quem lança estas bananas?” Respondeu-lhe:— “A estas minhas companheiras.” Entendeu o Irmão serem onças, que o acompanharam, e de manhã se viu o rasto e as pégadas, e na areia viram os Indios as pégadas do Padre e as das onças, que lhe fizeram companhia.

A pescaria foi qual nunca alli se viu, e de peixes que não se viram em outras occasiões naquella lagôa. O Padre lhes mostrava os postos, onde haviam de lançar. Encheram-se as praias; apenas podiam abranger ao salgar. Ao cheiro do peixe concorreram nuvens de aves de rapina. Não se sabiam os que salgavam dar a conselho o tempo se lhes ia em as enxotar.

Queixaram-se ao Padre, o qual as reprehendeu, e as mandou, em lingua brasilica, que sem demora se fossem, que não impedissem os trabalhadores, que, acabada a pescaria, voltassem, que achariam o seu quinhão. Todas logo desapareceram, buscando umas o mar, outras o seu matto. Acabada a pescaria, tornaram e aproveitaram da sua porção.

Andando a gente no seu trabalho, appareceram duas onças algum tanto desviadas; disse o Irmão ao Padre que gostaria de as vêr mais de perto sem perigo. Respondeu o Padre:—“Assim será.” Falou ás onças e lhe disse que tornassem pouco depois, que alguns as queriam ver de perto. Acabado o trabalho do dia, se metteu o Padre com os mais em uma canôa, e foram andando junto da praia. Então saltaram as onças do matto, e se chegaram á praia com meneios apaziveis, e se deixaram ver muito á vontade dos que estavam na canôa. O Padre lhes lançou da canôa sua porção de peixe, e foram continuando adiante.

Não é menor o prodigio que se segue, antes mais estupendo. Um destes dias, enquanto os Indios se occupavam na pesca, o Padre se retirou a ter oração em uma retiro da praia. Como se fizessem horas de tomar alguma refeição, e não apparecesse, o foi buscar o Irmão, seguindo as pisadas da areia. Caso portentoso! Eis que o vê estar assentado lá pelo mar dentro, havendo uma estrada secca até o logar onde estava: fôra o caso que, vindo enchendo a maré, foi formando umas como paredes de agua á roda do Padre, e, d'alli até o secco da praia, ia formando uma estrada entre duas paredes de agua.

Ficou assombrado o Irmão; não se atrevendo a metter em tal estrada, começou a dar vozes; mas o Padre estava tão absorto em Deus, que as não ouviu. Aqui o Irmão, confiando em os merecimentos do Padre, entrou, chegou a elle, despertou-o, dizendo ser tempo de se recolher. Acordou daquelle suavissimo somno e começou a ir para terra. O Irmão, usando do respeito que devia, deixou ir diante o Padre: assim como abalou, tambem as oudas se moveram a occupar o logar que o Padre deixava; porém não guardavam o mesmo respeito ao Irmão, e assim, cheio de medo, se parou adiante do Padre; o qual, vendo sua desconfiança, lhe disse —“Irmão, não sabeis que os mares e ventos obedecem a Deus?” Chegando fôra, se acabaram

de unir as ondas entre si, e continuaram seu modo e curso natural.

Estando aqui mesmo nesta pescaria ceiando uma noite, disse ao Irmão que guardasse uma posta de peixe. Perguntando-lhe o Irmão para que? respondeu que havia de servir a uma pessoa necessitada. E logo, indo-se pôr em oração, disse:—“Encommendemos a Deus uma pessoa que está em perigo.” D’ahi a cousa de duas horas, chegou da Cidade um moço muito cansado, que trazia cartas para o Padre, o qual disse ao Irmão:—“Ora, dai a esse moço o peixe que vos mandei guardar.” Antes de abrir as cartas, disse em como continham a petição de um homem nobre, que lhe rogava fosse acudir a Ayres Fernandes, amigo seu, que estava no ultimo perigo da vida. E accrescentou:—“Isto é o que pede; mas eu de mais proveito lhe hei de ser cá.” No dia seguinte teve oração, e disse por elle Missa. O Irmão lhe perguntou, se morreria ou não? Respondeu que passaria mal, mas que escaparia. Tudo assim aconteceu.

Não pararam ainla os prodigios desta pescaria, em que elles foram a montes, como os peixes. Concluida a pescaria, se houve o peixe, que era muito, de levar á aldêa de S. Barnabé, que distava tres leguas, para d’alli o ajudarem a levar os Indios. Havia de ser a partida na manhã seguinte, e como fosse muita a chuva, disse o Irmão ao Padre:—“Bom tempo escolhe Vossa Reverencia para partirmos! Como ha de ir esta gente por aguas e lamaças?” Respondeu o Padre:—“Ah! Irmão, assim nós nos lembramos de Deus, como elle se lembra de nossas cousas: não nos ha de chover amanhã, e já desde agora Deus nos prepara o caminho, porque em tão grande tempestade de chuva, nem gota cahiu em toda a estrada, por onde havemos de passar.” Assim o viram todos, porque o caminho por onde iam trinta pés de largura estava enxuto, sendo que nos lados deste espaço havia muitas poças d’agua, e o mais molhado da chuva que cahira,

Além deste allivio teve o caminho outro mui engraçado. Appareceu um mono grande barbado, gritando a outros e fazendo gestos ridiculos do braço de uma arvore, onde estava assentado. Depondo sua carga um dos pescadores, frechou o mono, o qual veio abaixo enchendo os ares de uns gemidos; a estes acudiu infinidade de bugios, como sentidos do desastre deste, a quem por suas barbas e annos deviam ter por senador seu e pae da sua republica. Aqui os Indios, vendo tanta caça junta, e a quem o sentimento fazia descuidada, frecharam grande numero para os comer.

Tendo bastante caça, mandou o Padre que não matassem mais, e fallando com os bugios, lhes disse em lingua brasilica:—“Fazei, fazei vós outros as exequias, que eu vos dou por seguro.” Foi muito para vêr como, levantando um a voz muito sentida, como antiphona, os mais o iam seguindo em tom triste e magoado. Depois de todos com esta vista terem grande contentamento, disse aos bugios que se podiam ir a seu salvo. Assim o fizeram.

Chegando a S. Barnabé, trabalhavam os Indios por lançar uma grande canôa ao mar; era o sitio pouco ageitado, e por isso suavam de balde: pediram ao Padre lhe lançasse a benção; respondeu:—“Não só a benção, mas ajudarei tambem com estas mãos.” Lançou a benção e tocou a canôa com a mão, e logo foi ao mar, com assombro dos Indios, que se têm elles pôr mui forçosos e o são.

Partindo d'alli para o Collegio, vinha um homem com suas redes a pescar na mesma lagoa; rogou-lhe que lhe lançasse a benção ás suas redes; assim o fez, e a pesca foi copiosissima. Destes effectos nascia chamarem-lhe os Indios senhor das pescas; e, quando as haviam de fazer, o consultavam, tomando o que dizia como palavras de um oraculo.

Continuando o caminho por agua, chegou a certa paragem do rio da Aldêa, que desemboca em um braço do mar. E' o sitio de si alegre, povoado de arvores, que chamam mangues, e de aves, que chamam guarazes; estas nascem

brancas, depois se fazem pretas ; despida esta côr, tomam a de uma carmezim mui vistoso ; são do tamanho de uma gallinha. Neste lugar era a calma excessiva ; os Indios se abraçavam : disseram ao Padre o seu trabalho, ao qual acudiu na forma seguinte : Viu tres ou quatro guarazes sobre um mangue ; disse-lhes em lingua brasilica :—“Ide vós outros ; chamaí vossos companheiros, e vinde aqui fazer sombra a estes encalmados servos do Senhor.”

A esta voz estenderam o pescoço, como em signal de que obedeciam ; foram e voltaram brevemente com uma nuvem de guarazes, a qual se poz sobre a canôa, e por espaço de uma legua fizeram sombra, até que, entrando viração fresca, não sendo já necessarias, o Padre as mandou ir ; e ellas, fazendo applauso com a tosquidão de suas vozes, se tornaram aos seus bosques, d'onde tinham vindo. Cousas são estas tantas e tão juntas, que mais parecem sonho que verdade ; mas, quem sabe que Deus tem em suas obras fins mui profundos, nem as tem por ociosas, nem ha por que se cuidem ser fingimentos, pois foram á vista de tantas testemunhas e as escrevem homens de grande virtude e verdade, e constam de processos authenticos, que se fizeram em ordem á canonização deste santo Padre, ao qual parecia ter Deus vinculado a sua omnipotencia, para com estes prodigios confirmar na fé aquella primitiva Igreja do Brasil.

CAPITULO XXII

Como voltou á Bahia. Da efficacia de suas orações em dois perigos, e outras diversas cousas raras, que obrou Deus por elle na Bahia.

Corria o anno de 1585, quando se embarcou do Rio para a Bahia, em companhia do Padre Visitador Christovão de Gouveia e outros Religiosos nossos. Sendo os tempos adversos, passado com trabalho o Cabo Frio, foram obrigados a lançar ferro junto da Ilha Ancora, não mui distante do Cabo. Estando aqui em socego, sahiu do seu camarote o Padre Anchieta e disse ao Piloto que a toda pressa levantasse ancora e dêsse á vela. Não vendo o Piloto signaes de mudança, dissimulou. Instou o Padre, que se o não fazia logo, depois, quando quizesse, não o poderia.

Palavras não eram dictas, quando entrou vento sul tão furioso, que o Piloto se viu em aperto, não sabendo se acudiria á vela, ou á ancora. Valeu-se da vela, por não ir naufragar nos arrecifes, e foi arrastando a ancora. Com trabalho sahiu do perigo, ficando certo que sem revelação não podia o Padre conhecer esta mudança de tempo.

Na mesma paragem cahiu enfermo com doença perigosa o Padre Ignacio Tolosa, da nossa Companhia. Consultaram os Padres se havia por esta causa de tornar ao Rio, para allí ser curado; ou, se morresse, fosse enterrado em nossa casa. Encommendou o Padre Anchieta este ponto a Deus, e disse ao Irmão que tratava do enfermo, que lhe dêssem alguma mésinha, que sararia e continuariam a

viagem. Perguntou-lhe o Irmão, se era certo que não havia de morrer? Respondeu, que sim, mas que lhe dêsse a mésinha. A mésinha não foi outra mais que um caldo de gallinha, com o qual ficou de repente são, com assombro de todos, e alegres continuaram seu caminho.

Por força dos ventos foram descahindo até a enseada chamada Vasabarris, deixando por pôpa a Bahia. Esta enseada é mui occasionada a naufragios e, por ser então habitada de Indios comedores de gente, era mais formidavel. Aqui lhes deu tal tormenta, que nem se podiam fazer á capa, nem ir ao mar: dar na terra e ser comido era o mesmo. Tres dias durou; já Piloto e marinheiros e os mais tratavam só da confissão, que o mais julgavam por acabado. Todos estes tres dias o Padre Anchieta passou no convéz, amarrado com os braços ás cordas do mastro grande, em oração.

Sahindo um Irmão debaixo da tolda, se lhe abraçou com os pés, pedindo confissão. Olhando para elle o Padre lhe disse:—“Não é necessario.” Instou o Irmão:—“Pois não é verdade que morremos aqui?” Respondeu:—“Ninguem ha de morrer.” Tornou o Irmão:—“Vou dar uma nova aos Padres, que se têm por acabados?” Respondeu:—“Deixai, que nada perdem em encomendar-se a Deus, e vós, ide descansar.” Jurou este Irmão que lhe deram estas palavras tal confiança, que, sem cuidado algum, se fôra encostar a dormir. D’ahi a pouco abonçaram ventos e mares, e entraram no porto da Bahia.

No Rio lhe tinha pedido a Companhia um Vicente Gomes. Respondeu o Padre que o receberia na Bahia, depois de concluidos os seus negocios. Com isto ficou satisfeito. Vindo á Bahia e correntes seus negocios, se esqueceu do seu proposito. Passado tempo o encontrou o Padre Anchieta, e lhe perguntou se estava desembaraçado do mundo? Respondeu:—“Sim, estou; mas mudei de conselho; quero ir a Portugal; lá serei da Companhia e morrerei.” A isto, batendo-lhe o Padre com a mão no hombro, lhe disse com rosto severo:—“Vicente Gomes, a Portugal ireis vós; mas

a morrer não será lá, nem na Companhia, mas cá no Brazil, e da maneira que merece quem vira as costas a Deus." O caso foi que este homem houve em Portugal provisão de levantar povoação no Cabo Frio, em que havia de ter mando. Estando alli, em Cabo Frio, se entrou nos mattos, que eram cerrados, e perdendo-se dos companheiros, sem atinar com o caminho, d'ahi a um anno o foram achar morto e mirrado na lapa de um penedo.

Indo da Bahia para Jacaréacanga, se agasalhou em casa de um homem nobre. Fizeram-lhe cama apparatusa. Vendo-a o Padre, disse que se não cansassem, pois não havia de dormir nella, senão em uma rede de Indios. Responderam que não havia alli escápulas, em que a armar. Pondo o Padre os olhos na parede, viu uma argola e disse :—"Já aqui temos uma escápula ; em logar da outra busquem-me um prego, e deixem-me com isto." Achou-se o prego, mas não havia martello. "Nada importa", respondeu o Padre ; tomou-o com os dois dedos pollegar e indice, mettu na parede como se fosse de manteiga. Atou-lhe a rede e dormiu nella. No dia seguinte, querendo arrancar o prego com uma torquez, o não poderam fazer, e ficou por memoria naquelle logar, onde o iam ver, como a uma das maravilhas do Santo Padre Anchieta.

Mais avultada foi a seguinte maravilha. Fôra o Governador Lourenço da Veiga com outros Ministros d'El-Rei fazer certa diligencia no districto de uma aldeia nossa, chamada do Espirito Santo. Honveram de ir com elles o Padre Provincial José de Anchieta e os Padres Vicente Rodrigues e Gaspar Lourenço. Chegando ao Rio, que chamam Jeanne, o acharam mui crescido com as aguas do sertão.

Emquanto passavam por uma ponte de varas, os Indios a nado levavam os cavallos pelas redeas. O do Governador, que era brioso, fez no rio taes bravezas, que houve o Indio de o largar ; foi-se elle embaraçar com a redea em a rama de umas arvores, e morria á vista de todos, não havendo quem

ousasse lhe acudir. Ia o Padre Anchieta então na ponte, e o Governador, e atraz o Padre Gaspar Lourenço: vendo o perigo do cavallo, disse ao Padre Gaspar: —“Padre, lance-se ao rio; vá livrar o cavallo.” O obediente Padre, sem ver o seu perigo, obedeceu sem demora. Assim vestido se botou da ponte abaixo, e indo-se ao fundo, em breve foi surgir onde estava o cavallo, desembaraçou-lhe a redea e sahiu com elle para fóra do rio. Estando todos entre admirações do succedido, disse o Governador a seus criados, que déssem ao Padre outros vestidos. A isto acudiu o Padre Anchieta dizendo: —“Não é necessario, que o Padre não vem molhado.” E assim era, sendo que vestido andára em o rio á vista de todos. Tanto poude neste servo do Senhor a obediencia cega com que, sem tratar do seu perigo, só poz os olhos em obedecer; e nos deixou um dos portentosos exemplos que ha nesta materia, em que Deus concorreu com milagre, como em Santo Amaro, quando entrou na lagôa por mandado de S. Bento.

Deixo outras muitas cousas raras, como ser visto levantado no ar em Nossa Senhora da Escada, no Pirajá; e tambem com azas de Serafim, tendo oração no côro, diante do Senhor. Assim mesmo passo em silencio, quando, acompanhando ao Bispo D. Antonio Barreiros, ficando muito atraz, chegou primeiro a outra aldeia, e o sahiu a receber; o que, segundo as circumstancias, não podia estar com modo natural de fazer o caminho. Não digo como, para consolar um doente, fez haver doces, d’onde havia certeza não estavam. Não fallo em como da Bahia mandou dizer ao Padre José Morinello, que estava no Rio de Janeiro entrevado, que sarasse porque tinha uma viagem comprida que fazer; e dado o recado, sarou logo sem outra mésinha; e depois foi do Brazil á Italia. Deixo, digo, estas cousas, por ter referido já muitas a ellas semelhantes.

CAPITULO XXIII

Acaba de ser Provincial. E' mandado para o Rio de Janeiro, e d'alli para o Espirito Santo; e algumas das cousas que obrou naquella Capitania.

Oito annos havia que era Provincial; achava-se mui cansado; rogo constantemente ao Padre Visitador Christovão de Gouveia que o alliviasse desta carga, pois suas enfermidades não eram já para tão grande peso. Ouvidas suas razões, que eram efficazes, foi posto em seu logar o Padre Marçal Beliarte. E o Santo Padre Anchieta, no anno de 1586 passou a viver no Collegio do Rio de Janeiro. Era alli Reitor o Padre Fernão Cardim, os Sacerdotes poucos e muito que fazer, assim na Cidade, como nas aldéas; por isso o logar não foi de descanso para os seus achaques:—“A saúde do corpo (diz elle em uma carta para o Padre Tolosa) é fraca; mas tal que, ajudada das forças da graça, dura: que Deus não falta, se primeiro eu me não deixo a mim.”

Por este tempo padeceu uma tão grave doença, que todos se persuadiram ser a ultima. Era em todos muita a desconsolação, e mais no enfermo, pela que via terem seus Irmãos. Querendo-os tirar do susto em que estavam, chamou a alguns dos mais sentidos e disse-lhes:—“Ninguem se desgoste no Collegio, porque eu não hei de morrer desta, nem nesta Cidade: no Espirito Santo, me esperam os meus ultimos dias.”

Este seu dicto os alliviou, porque viram pouco depois sua melhoria, e a seu tempo falleceu onde tinha dito.

Do Rio foi mandado para a Capitania do Espirito Santo, a qual fica no meio de S. Vicente e da Bahia, em igual distancia de uma e outra. Fez residencia na aldeia chamada Beritigba. D'aqui escreveu a seguinte carta ao Padre Ignacio Tolosa, que, por ser breve e conter grandes exemplos, não é razão a passe em silencio.

“O Padre Provincial (diz a carta) me mandava licença para que estivesse em qualquer parte da Provincia que quizesse; não quiz tanta liberdade, porque vae ser causa de teagueira e errar o caminho, não sabendo o homem escolher o que lhe convém. E fôra grande desatino, havendo eu 42 annos que deixei em tudo a livre disposição de mim na mão dos Superiores, querer agora no cabo de minha velhice dispôr de mim.

“Puz-me nas mãos do Padre Fernão Cardim, Reitor do Collegio do Rio de Janeiro, e ordenou Nosso Senhor que acompanhasse ao Padre Diogo Fernandes nesta aldeia de Beritigba, para o ajudar na doutrina dos Indios, com os quaes me dou melhor que com os Portuguezes, porque áquelles vim buscar ao Brazil, e não a estes; e já poderá ser que ordene a Divina Sapiencia que acompanhe ao mesmo Padre em alguma entrada ao sertão, a trazer alguns delles ao gremio da Igreja: e, pois não mereço por outra via ser Martyr, ao menos me ache a morte desamparado em alguma destas montanhas—*Ubi possam animam meam pro fratribus meis.* A disposição corporal é fraca, mas esta basta com a força da graça, que da parte do Senhor não faltará; e porque eu da minha parte não falte—*Possige tu dextram, et benedicte mihi filiolo tuo in Christo JESU Domino Nostro.*—
JOSEPH.”

Esta sua carta, sua indifferença, seu zelo das almas. Caminhava um dia a pé descalço desta para outra aldeia com o Padre Jeronymo Soares, ao qual disse estas palavras: — “Padre Soares, alguns desejam que os colha a morte em algum Collegio ou Residencia, para passar aquelle transe

com maior animo, ajudados de seus Irmãos; porém eu vos digo que não ha genero de morte melhor, que deixar a vida por estes montes e por estas lagôas, por obediencia a soccorrer os proximos."

Aqui nesta aldeia fazia o Padre Anchieta mais vida de Anjo, que de homem. Quatro eram os Sacerdotes; dizia elle a sua Missa e ouvia as outras tres de joelhos. De noite era ouvido em suas orações dar muitos suspiros, como se não lhe coubesse no peito o seu fervor. Em si andava sempre alegre, e infundia em todos esta mesma alegria.

Muitos casos maravilhosos de prophecias e revelações teve nesta aldeia, das quaes foi uma a com que livrou de afflicção a certo Padre, que com elle rezava. Viera-se com este Padre confessar uma India, e se accusou ter commetido peccado carnal com um Religioso dos que alli viviam. Ficou o Padre mui sentido da desgraça de seu Irmão, de quem tal não podia sonhar. Penetrado desta magua, a revolvía dentro de si, pois a não podia communica'r a outrem, nem desabafar. Andando assim, foi rezar com o Padre Anchieta, o qual, pondo nelle os olhos como quem conhecia sua tristeza, lhe disse:—"Padre meu, não se desconsolle, porque o mesmo que agora lhe aconteceu, passou por mim em Piratininga: que confessando uma India, se accusou seriamente de que tivera peccado semelhante com outro Religioso: examinando eu bem o caso, achei que fôra entre sonhos; torne a examinar a cousa, e achará que foi o mesmo, e sahirá desse cuidado." Com isto se alliviou o Padre, e achou ser assim. Tão rude é aquella gente, que não distingue o sonho da realidade. E se este e semelhantes casos não tivessem já de aviso os confessores, a cada passo se veriam em desconsoiações, os que andam entre aquelles Indios.

Deste seu retiro foi o Padre José de Anchieta obrigado a ir á Bahia, como foi, para assistir á Congregação Provincial, em que sahiu eleito por Procurador a Roma o

Padre Luiz da Fonseca, que fôra seu companheiro. Era de poucas forças e achacado. Teve sentimento da eleição um Padre seu amigo, que estava em Pernambuco, por lhe parecer que morreria na jornada. Escreveu ao Padre Anchieta, notando-o que consentisse nesta eleição; mas, já que era feita, lhe rogou lhe dissesse, se havia de tornar ou não com vida. Respondeu estas palavras:—“O Padre Fonseca vai aonde Deus o manda; e supposto que até a Congregação andava com pouca saúde, comtudo na mesma viagem, quando avistou Pernambuco, estava já melhor, e ainda que com grandes incommodos chegará a salvamento a Roma, concluirá os negocios a seu gosto e com approvação de todos, e tornará aonde Deus lhe tem assignalado o fim ultimo de suas jornadas: assim que pois o Senhor o tem ordenado, é necessario que nos ajustemos com sua santissima vontade.” Estas suas palavras; tudo se viu cumprido. O Padre foi a Roma, fez seus negocios; voltando, falleceu em Madrid.

Tornou-se o Padre Anchieta a recolher á sua aldeia de Beritigba, e a continuar em ajudar aos proximos, ora discorrendo pelas fazendas dos Portuguezes, ora pelas aldêas dos Indios. Trazendo o Padre Diogo Fernandes, que era seu companheiro, grande numero de Indios do sertão, entre elles veio um, que só podia andar sobre pés e mãos, como bruto. Os seus lhe chamavam por isso o veado; e nesta fórma andára muitas leguas. Sahiu o Padre a os receber, deu a boa vinda e parabens da colheita ao Padre, e logo aos Indios, dizendo-lhes o grande bem, a que eram chamados. Como todos o onvissem de pé e só aquelle estivesse assentado, querendo-lhe o Padre extranhar o modo, os mais se riram, dizendo ser aleijado. Aqui o Padre, compadecido e sabendo como assim andára tantos caminhos, o chamou a si; deu-lhe seu bordão, dizendo que, pois nascera para o Céu, andasse em pé e direito. Em pondo a mão no bordão, o ditoso Indio começou a andar em pé, e ficou de todo livre do seu aleijão.

Na aldeia de Nossa Senhora da Conceição alcançou vida com suas orações a um Indio já pranteado por morto. Em Beritigba, não podendo os Indios lançar ao mar uma canôa, tanto que o Padre a tocou com a mão, despediu da terra e entrou na agua.

CAPITULO XXIV

E' feito Superior da Casa do Espirito Santo, e cousas que alli obrou

Ia o Padre José de Anchieta, sendo subdito, passando seus cansados annos na Capitania do Espirito Santo, quando lhe chegou carta do Padre Provincial, em que lhe ordenava que, por serviço de Deus, tomasse á sua conta o Governo da casa do Espirito Santo e suas residencias. Andava então em missões com o Padre João Fernandes; mandou-lhe o Superior sómente um recado, dizendo era necessario achar-se Sua Reverencia em casa, sem lhe declarar cousa alguma. Ouvindo-o, disse para o companheiro:—“Padre João, sabe-o que é? Chamam-me para Superior. Veja em que estado!” Entregou-se-lhe a carta: com toda a submissão se sujeitou ao trabalho.

Quatro aldeias de muitos Indios estavam ao cuidado dos nossos. O Padre se achava muito debilitado de forças corporaes, velho, enfermo e quebrado. Então, por assim poder consolar a todos, permittiu ser levado pelas aldeias em uma rede, ao modo que se via no Brazil; cousa que até este tempo nunca quizera usar, fazendo sempre a pé seus caninhos.

Foi continuando em o seu tracto com Deus e com o proximo. Ouviu-se-lhe dizer que nenhum pensamento o divertia da meditação. A's vezes, estando á mesa, rompia falando com Deus, como se estivera em algum retiro, não podendo conter dentro o santo calor em que ardia. O rigor, que ainda nesses

annos e achaques usava consigo, era mais que muito. Viam-se as abstinencias; ouviam-se as disciplinas; sabia-se da aspreza dos cilícios. Sempre tomava o somno vestido. Em velar sobre os enfermos de casa, se os havia, nenhum era mais cuidado.

No cubiculo não permittia roupa senão a precisa, e essa remendada e a peor da casa. Não se via alli escrivanhinha, nem pennas para escrever; folgava de as pedir emprestadas. As peças do seu thesouro eram cilícios, discip linas e semelhantes instrumentos de rigor. Fazendo tantos caminhos, nunca jámais andou a cavallo. Perguntando-se-lhe a causa, respondeu com donaire, que lhe fazia mal ao desconcerto das costas. A outro, falando-lhe nisto, disse:—“Que vos parece; como iriam airosas as minhas costas?”

No trato com os subditos e proximos, sempre guardava a mesma igualdade, sem os aggravos o fazerem sahir de si um só ponto. Em certa controversia com um visinho, que com o seu edificio nos queria tirar a vista das janellas, falou o Padre Anchieta com mais efficacia. Depois, julgando ter excedido os limites, disse a um Religioso nosso, como sentido daquillo, que tinha por excesso:—“Peza-me de ter dado áquelle homem causa de se enojar; mas eu lhe darei satisfação.” Elle a deu tal, que o homem de nosso desaffeioado se tornou grande amigo da Companhia, e se confessou geralmente com o Padre, sendo assim que antes se não confessára em nossa casa.

Neste povo aconteceu que uma mulher, fingindo-se enferma, mandou chamar nomeadamente a um nosso Padre para se confessar. Tendo-o no seu aposento, lhe descobriu sua infernal paixão. Assustou-se o castissimo Religioso e, com arte e manha, se livrou daquelle perigo, dizendo-lhe que mandasse trazer um pucaro de agua: vindo a criada, fez o Padre reverencia á enferma e se despediu, ficando ella mais tola do que era. Voltou-se o Padre á casa assombrado com o susto. Ao recolher-se, passou pela sachristia, onde se estava revestindo o Padre Anchieta para dizer Missa; o qual, pondo os olhos no Padre, lhe disse estas palavras:—“*Petre* (este era o

Seu nome) *ego rogavi pro te, ut non deficeret fides tua.*—Eu roguei por Vossa Reverencia para que não faltasse na fé, que devia á Religião.”

Ficou certificado o Padre de que Deus revelára a seu Superior o seu perigo. Depressa o soube mais claramente. Veio a mesma mulher á Igreja; pediu um Padre para se confessar, a tempo que este Padre rezava o officio divino com o Padre Anchieta. Deu recado ao sacristão. “Em acabando a reza (diz o Padre Anchieta) irá Vossa Reverencia fazer aquella confissão.” Ficou assustado e respondeu:—“Vossa Reverencia sabe onde me manda?”—“Sim, sei, disse elle: vá remediar esta alma; da parte de Vossa Reverencia não ha inconveniente, e ella a nenhum outro ha de descobrir o seu peccado.” Foi o Padre e achou vir a mulher contricta, e assim a remediou.

Certa Dona não achava um escripto de divida, para em juizo convencer o credor. Recorreu ao Padre, o qual lhe mandou dizer que buscasse nas dobras do seu manto, e o acharia. Tinha ella, já depois de o buscar, sahido com o manto fóra de casa, e lhe pareceu cousa que não podia ser. Com tudo foi, e alli estava.

Oito dias havia que uma mulher estava á morte, padecendo grandes dôres; diziam ser espasmo, que lhe tomava a fala. Recorreu-se ao Padre Anchieta, que, sabendo por revelação o que era, disse a um Padre:—“Vá Vossa Reverencia; diga áquella coitada em segredo, que o Padre José não póde ir lá, e lhe manda confesse tal peccado, que fez, sendo moça, ha trinta annos, e o encobriu por vergonha; e logo sarará.” Dando-lhe o Padre o recado, deu um ai, dizendo:—“Esse é todo o meu mal.” Confessou-se e de repente ficou sã.

A um nosso Religioso, que vinha das aldeias, ao primeiro abraço disse:—“Ah! Manoel Quintal, quantos trabalhos vos esperam em toda a vossa vida!” Ficou elle perturbado; temeu e treneu, foi despedido da Companhia e padeceu grandes e continuos trabalhos.

Neste seu governo teve por subdito e discipulo ao Santo

Padre João de Almeida, homem em virtudes e prodigios admiravel, como testemunha sua vida, que ainda impressa. Aqui o fundou o Padre Anchieta em rara humildade e nas outras virtudes, com o que foi o segundo assombro da America. Digno discipulo de tal Mestre, e o Eliseu deste Elias! Reconhecia elle ter neste magisterio aprendido quanto era. Em todas as occasiões que lhe falavam em moderar rigores, logo se valia do exemplo de seu santo mestre, dizendo que assim o fazia. Enfim, o Padre João de Almeida é um valente elogio do Santo Padre Anchieta.

De muitos perigos livrou aquella Villa do Espirito Santo. Passando em uma varanda, de onde se descobre o quintal da casa, ás dez horas, chamando um moço de casa, lhe disse: —“Ide a toda a pressa ao Capitão, que digo eu, mande tocar caixa e prepare as cousas em ordem á defensa, porque hão de vir corsarios francezes.” Preparou-se; vieram os corsarios e, achando a terra com prevenção, se foram sem poder fazer mal.

Em outra occasião, estando tudo em bella paz, o Padre mandou ao Porteiro que, subindo á torre do sino, dêsse rebate. Perturbou-se a terra; vieram saber que fosse. Respondeu o Padre que estivessem de aviso em arma, porque na manhã seguinte viriam inimigos. Logo se repararam. No dia seguinte entraram no porto inimigos, saltaram em terra; mas, achando as cousas como não cuidavam, se houveram de retirar.

Não tendo chovido de Março até Agosto, recorrendo ao Padre, mandou fazer procissão; e tanto que ella começou, se desfez o Céu em chuva. Não havia aperto nem doença em que não tivessem nelle soccorro os affligidos. São muitas as pessoas a quem tirou das mãos da morte, alcançando-lhes de Deus saúde repentina. Seria cousa importuna, se houvera de individuar todos esses casos.

CAPITULO XXV

De algumas cousas que obrou neste tempo. Como foi para Beritigba e tornou a ser Superior; e o mais que lhe succedeu.

Tendo os moradores da Capitania do Espirito Santo guerra com os Goytacazes, nação por extremo feroz e barbara, que vivia entre lagôas e charcos, logares inacessiveis, o Padre Anchieta a muitas pessoas, que pranteavam por mortos aos seus, assegurou que eram vivos e os tirou dos seus prantos. Uma vez no pulpito, em o meio do sermão, parou e pediu um Padre Nosso e uma Ave Maria pelos da guerra, dizendo estarem naquelle ponto em um grande perigo : depois se soube que assim fôra.

Aqui tambem se viu muitas vezes obedecerem-lhe as aves e animaes. Uma mona brava chamada por elle, lhe acudiu e ficou mansa. Dois passaros chamados Canindés, quando havia de prégar em outras Igrejas, o acompanhavam a pé e voando; quando subia ao pulpito, pousavam no campanario; sendo longo na prégação, grasnavam, como fazendo signal que acabasse. O Padre lhes respondia do pulpito:— “Logo acabaremos.” Outra vez disse para os ouvintes:— “E’ bem que acabemos, porque têm razão”; alludindo ao grasnar dos passaros.

Desejava Miguel de Azevedo certa lagem grande para mesa do seu engenho de assucar; porém toda a sua gente a não podia abalar.

Achando-se o Padre junto a ella com o dito homem, e contando-lhe o seu desejo e impossibilidade, lhe disse o Padre

que mandasse vir a gente, que elle ajudaria e esperava em Deus teria effeito.

Vieram homens, e tocando-a o Padre, a foram logo movendo. Porque se visse mais que era força sobrenatural, chegando á porta do engenho ficou immóvel, sem a poderem mais abalar. Tornou o Padre a tocal-a, e logo a puderam mover e assentar no logar onde queriam. Por memoria do milagre se chama ainda hoje a lagem do Padre José de Anchieta.

Fizeram-se festas de cavallo na aldeia de S. João: assistia o Padre Anchieta; houve controversia sobre a quem dos cavalleiros pertencia um pato: tomaram por juiz ao Padre. Por que se visse ser desinteresse, chamou para si um menino de cinco annos, mudo de seu nascimento, dizendo:—“Este dará a sentença.” Estando todos á roda, por ser o menino mui bem conhecido e notoria a sua mudez, elle, falando mui expedito, disse:—“O pato é meu, e a mim se me ha de dar, para que o leve á minha mãe.” Houve entre as admirações do prodigio grande applauso com a sentença, e o menino se foi para a casa com a fala e com o pato.

Como o Padre andava tão cortado, se procurou alliviar do governo e se tornou a Beritigba. Sahiu na rede a hombros de Indios, como já então por sua muita debilidade tinha em costume; mas logo que se viu fóra do logar, como envergonhando-se do regalo e descanso da rede, se poz a pé, e Deus lhe deu tal alento, que os mais valentes andadores o não podiam alcançar.

Nesta aldeia se foi vendo que andava já proximo á jornada da immortalidade, como quem sabia o dia em que havia de ser. Aos achaques que pedia costumava chamar mensageiros da morte. Aqui se deu a escrever vidas dos Religiosos da Companhia, que no Brasil eram mortos. Os achaques o apertaram em fórma que cahiu em a cama. Cuidou-se ser esta a ultima doença; mas logo com o successo seguinte imaginaram os Padres que desta não acabaria. Foi o caso que o Padre Jeronymo Rodrigues, muito seu amigo, lhe entrou no eubiculo a tempo que o enfermo tinha na mão um pedaço de

espelho, que o mesino Padre Jeronymo para outra cousa alli tinha deixado. Em se chegando a elle o Padre Jeronymo, disse assiu o enfermo, falando em verso portuguez :

“ Padre Jeronymo,

Vi-me agora neste espelho,
 E comecei a dizer:
 Corcóz, toma bom conselho,
 E faze bom apparelho,
 Porque cedo has de morrer.
 Mas, com juntamente ver
 O beijo um pouco vermelho,
 Disse : fraco estás, e velho ;
 Mas pode ser, que Deus quer,
 Que vivas para conselho.”

Por estas palavras entenderam os Padres que não morreria da presente doença, e que viver para conselho denotava algum segredo, que então lhe não occorria. Brevemente se viu o mysterio, porque lhe vieram cartas do Superior, que fosse Admonitor, e que quem governava a Casa nada fizesse sem seu consellio.

Recebida esta carta, lhe escreveu o Superior da Casa que, visto sua doença e o desejo grande, que tinha de o ter consigo, para se valer do seu conselho, lhe pedia quizesse ir para a Villa, onde teria mais remedio e todos mostrariam o desejo que tinham de o servir. Quando chegou esta carta, estava tão fraco que julgaram os Padres correria sua vida perigo, se bolisse consigo. Com ser isto assim, entrou em escrupulo se faltava á obediencia, porque, ainda que o Superior o não mandava, não se podia negar ao signal de sua vontade. Levado do escrupulo, mandou chamar assim os Padres de casa, como de outra aldeia visinha ; propoz-lhes o seu escrupulo. Resolveram que havia perigo. Ficou quieto aquelle dia e noite : mas como o escrupulo

lhe piasse, disse ao Padre que delle tinha cuidado :—“Padre Jeronymo, eu estou determinado de ir para a Villa, porque não quero deixar aos moços exemplo de pouca obediencia, e que se diga que sendo eu desta idade, deixei exemplo menos bom. Busquem-me alguns mancebos, que me possam levar.” Tal exemplo em taes circumstancias se póde bem contar entre os admiraveis prodigios deste grande servo de Deus.

Foi com elle o Padre Jeronymo Rodrigues com os Indios de Beritigba até a aldeia chamada Goaraparim. Alli se despediram delle com muitas lagrimas, inaginando que o não veriam mais. Porém o Padre, para os consolar, lhes disse :—“Fiquem-se embora ; estejam de bom animo, que nos hemos de tornar a ver nesta vida ; desta não hei de morrer.

De Goaraparim por diante começou a ter alguma melhoria, e em casa entrou mais em si. Neste tempo se deu cumprimento a uma prophesia sua. No tempo da doença em Beritigba lhe disse o Padre Braz Lourenço que alguns choravam porque Sua Reverencia não havia de tornar a ser Superior. A isto respondeu :—“Não ? Pois veja Vossa Reverencia o como ; e saiba que eu hei de ser ainda Superior, antes que morra.”

Sucedeu pois que, estando aqui, lhe vieram cartas do Padre Provincial, que fosse Superior da Casa e Residencias, enquanto não chegava o Padre Pedro Soares, que estava destinado para este governo. Tardou em vir cinco ou seis mezes, e outros tantos governou o Padre Anchieta. Neste tempo obrou algumas cousas notaveis, como alcançou saúde a um João Soares, grande seu amigo : dizer a uma Dona, devota da Companhia, o dia em que seu marido, que oito annos andava ausente, lhe havia de entrar pelas portas de casa. Faltando farinha e vinho para o Santo Sacrificio da Missa, assignou o dia em que entraria navio do Reino, e se acudiria a esta falta. Mandando um Padre de Pernambuco

certa esmola, que dava um rico, para alli se repartir a 1 obres, sem dizer o nome do homem, o Padre Anchieta na resposta ao Padre dizia que da sua parte dêsse as graças a Christovão Paes (este era o nome do homem); o qual, sabendo isto, tomou a carta e a trazia por reliquia.

CAPITULO XXVI

De sua ultima doença e santa morte. Sentimento que nella houve, e como Deus a illustrou

Tendo o Padre reparado algum tanto a saúde e entregue o governo da casa ao novo Superior, se quiz recolher outra vez a Beritigba, onde Deus tinha determinado que fosse o occaso deste Sol. Quando se houve de embarcar, o foi acompanhando até o porto, entre outra gente, João Soares, a quem dissemos alcançára saúde. No ultimo abraço lhe disse estas palavras :—“Filho meu, ficai-vos embora ; jámais nos não communicaremos nesta vida ; e, ainda que vós me haveis de tornar a vêr neste mesmo lugar, será em tempo que vos não poderei fallar.” O que se cumpriu, quando seu cadaver alli foi trazido.

Chegando á aldeia, em signal da sua alegria o sahiram a receber muitos Indios, de pouco vindos do sertão. Os vivas eram muitos prantos e chôros tristes. Costuma esta ser a maior significação de alegria entre aquellas gentes para com os que de novo são seus hospedes. Tão varias são as nações do mundo em seus estylos ! Reparou o Padre no tal recebimento, como que era o mais proprio a quem estava tão perto da morte como elle, pois lhe constava já de muito tempo quando havia de ser e tambem o lugar.

Depois que entrou em Beritigba, tudo foram desejos de acabar esta vida mortal. Vieram-lhe accidentes, e enfermidade, que o obrigou a lançar-se em a cama. A paciencia foi rara ; nunca se lhe ouviu queixa, nem ai. Todo se poz na disposição dos que o curavam ; obedecia promptamente a

quanto lhe ordenavam, applicando sem replica as mésinhas, ainda que bem via não teriam effeito.

Correndo sua enfermidade, foi necessario fazer-se um xarope para outro enfermo ; não havia a destreza necessaria em quem o compunha ; levantou-se o Padre, ainda que mal se podia ter ; mas sua caridade lhe dava alento ; foi á cosinha, deu ordem ao medicamento. Como estava já tão debilitado, teve um desmaio, com que cahiu em terra como morto. Assim frio, em braços o metteram na cama. Descahiu tauto, que se perderam as esperanças de sua vida.

Tornando em si, quanto mais se avisinhava á morte, mais suspirava por ella. Abraçava-se com as imagens de Christo e da Senhora ; dizia-lhes, palavras mui devotas. Cinco Sacerdotes nossos, que então alli assistiam, de ordinario estavam á sua cabeceira. Pedia-lhes que até o ultimo arranco lhe falassem sempre de Deus e dissessem palavras santas. Sentindo-se mui desfallecido, pediu á pressa o Santo Viatico e Unção. Pouco depois de os receber, começou de entrar em agonia, e com os Santissimos nomes de JESUS e Maria na bocca deu seu espirito ao Senhor um Domingo nove de Junho de 1597, quarenta e quatro depois que entrou no Brasil, quarenta e sete de Religião, e sessenta e quatro de idade, em a aldeia Beritigba, na Capitania do Espirito Santo.

Ficou seu corpo bem assombrado, como aquelle que fôra morada de uma tão santa alma. Foi o Padre Anchieta de estatura mediocre, diminuto em carnes, no vigor do espirito robusto. Em côr trigueiro, os olhos parte azulados, testa larga, nariz comprido, barba rara, mas no semblante inteiro alegre e amavel. Seu coração era magnanimo, feito para altas emprezas, e maior que todas ellas ; nas difficuldades generoso, e parecia crescer com estas.

Entre as lagrimas de seus Irmãos foi o corpo composto, amortalhado e mettido em um caixão de madeira. Divulgada a morte, se despovoaram as aldeias dos Indios ; homens, mulheres, meninos, todos concorreram, desfazendo-se em gemidos, como se cada um perdesse o que mais amava. Elegeram

a seu modo prégadores, que pelas ruas e praças pregoavam seus feitos grandiosos, o muito amor que lhes tivera e quanto por elles padecêra. Queixavam-se ao Céu de lh'o tirar.

Resolvendo os Padres que fosse a enterrar á Villa do Espirito Santo, os Indios determinaram de o acompanhar até lá, e o fizeram, se os Padres o não impediram. Quando partiram, se formou procissão com pompa funeral. Ia diante Cruz alçada, seguiam-na o Padre João Fernandes com alva e estola, e grande multidão de Indios dispostos em ordem e em canto funebre.

Sendo o caminho de 14 ou 15 leguas, nenhum dos que levavam o corpo teve algum cansaço, antes consolação e allivio. Admirados disto os Indios diziam uns para os outros: —“Esse corpo não pesa.” De si confessou o Padre João Fernandes que, indo a pé de dia e de noite tão grande caminho, nem cansaço nem somno sentira, antes um cheiro suavissimo e consolação como do Céu. O mesmo confessou o Padre Pedro Soares.

Havendo de passar um rio antes de chegar á Villa, entrava nelle com furia o mar, e não era possivel que a canôa o pudesse contrastar; porém, tanto que se metteu o corpo na canôa, foi cousa extranha que os ventos e a braveza das aguias se amansou, e ficou mar de leite.

Chegou ao porto da Villa, que toda estava posta de luto. Sahiram ao receber o Capitão da terra Miguel de Azevedo, o Prelado Administrador Bartholomeu Simões, os Padres de S. Francisco, os Irmãos da Misericordia com esquife rico e todas as Confrarias. Chegou tambem João Soares, a quem o Padre tinha dito que o veria ainda naquelle ponto, como acima referi.

Então disse ao Administrador que, enquanto se dispunha a pompa, lhe mandasse abrir a caixa e dar vista de seu amigo, em cumprimento da sua prophecia. Não se pode negar tão justa petição; abriu-se a caixa á vista de João Soares e de muitos outros, em quem com a vista se accenderam as saudades, e estas despertaram em todos lagrimas. Aqui se

viu como, havendo quatro dias que era fallecido, andando ao sol e sereno dois dias, estava incorrupto e sem algum ruim cheiro, sendo assim que nenhuns defensivos se tinham com elle usado.

Ordenou-se a procissão com toda a solemnidade, que de si dava a terra; até á porta da nossa Igreja foi trazido em hombros dos Irmãos da Misericordia; d'alli para dentro o recolheram os nossos Padres. Fizeram-lhe officio de tres nocturnos com musica solemne; cantaram-no o clero e Religiosos de S. Francisco. No dia seguinte cantaram a Missa; nella prégou o Administrador, dizendo muitos louvores do defunto; chamou-o Apostolo do Brasil, Missionario Santo, e contou algumas de suas maravilhas.

Deu-se-lhe sepultura na Capella de S. Thiago, junto á sepultura de seu amigo o Padre Gregorio Serrão; e se cumpriu a prophesia, que acima contei, quando, despedindo-se deste Padre, que se queixava que o apartava de si, lhe disse que o mesmo lugar os havia de ajuntar. As reliquias deste Santo Padre foram em parte trasladadas para o Collegio da Bahia, no anno de 1611, por mandado do Padre Geral Claudio Aquaviva, e collocadas decentemente no lado do altar maior da nossa Igreja.

Alli eram visitadas e veneradas de toda a Cidade, até que, promulgado o Decreto de Urbano VIII, que chamam de *Non cultu*, foram tiradas daquelle lugar e postas em outro. Dellas foi uma para Roma, onde se guarda. Suas cousas são tidas em grande estimação, como as dos Santos mais abalisados. Em o nosso Collegio de Evora ha um copo de ponta de unicornio, ou de outro animal, que foi do uso deste glorioso Padre e se estima como cousa de homem de Deus.

Este é o discurso da vida do Padre Anchieta, toda ella acompanhada de estupendas maravilhas, com as quaes o Senhor quiz ser illustrado entre as nações do Brasil.

CAPITULO XXVII

Tocam-se alguns exemplos das virtudes do Padre José de Anchieta

Ainda que em tudo que se tem escripto ha heroicos actos de virtude do Padre Anchieta e cousas em que ella se costuma fundar, direi alguma cousa mais em particular. Teve-se por certo que nunca em sua vida perdêra a graça baptismal. Os Indios lhe chamavam o homem innocente. Da obediencia, que é as meninas dos olhos da nossa Companhia, teve altissimo conceito. Escrevendo ao Santo Irmão Francisco Escalante, tem assim em uma carta traduzida do Castellano em Portuguez :

“Irmão em Christo charissimo.—Quasi me havia esquecido de lhe escrever em Castellano, porém não importa muito a linguagem. Todo o ponto está não em falar, mas em obrar e em desejar a virtude, e não saber outra pratica que a que sabe a obediencia.

“Esta é a que Deus com mais gosto entende, e esta é sua propria pratica. Onde não ha obediencia, debalde se tem com elle longos colloquios, pois não ouve palavras dictas por homem desobediente. D'aqui entenderá bastantemente que, quando a obediencia o occupar em suas obras, de modo que lhe não fique tempo para orar, que então a obediencia ora em seu lugar, e orará pelo que obedecen até á morte. Confio da mercê, que Deus lhe faz, que sabe isto bem, e que converte em oração o trabalho de suas mãos. Quando começa e quando continúa sua obra, levante a alma a Deus e offereça-lhe em sacrificio seu trabalho; e, acabada a obra, dê-lhe

graças porque o teve por digno de o occupar em seu serviço e em cousa, que sabe certo é sua vontade. E logo tome para si Domingos e Festas, para recuperar o tempo passado ; ouça muitas Missas, e então alargue a oração, que neste tempo satisfaz Deus com consolações divinas os trabalhos levados por obediencia." Até aqui suas palavras.

Acerca da pobreza dizia que o uso das cousas em um Religioso ha de ser ao modo de uma estatua insensivel, que nem appetee o com que a cobrem, nem resiste quando é despojada. Isto que dizia era o que fazia, tendo-se nesta materia por uma estatua.

Na oração foi um Seraphim . os seus arrebatamentos e suspensões no ar foram muitas em numero e mui illustres e notorias. Dellas ficam referidas algumas; outras muitas passei em silencio. Fazendo romaria ás santas pisadas do Apostolo Santo Thomé, junto á Villa de S. Vicente, das quaes falei na vida do Padre Nobrega, com a vista de memoria tão santa foi tal sua devoção, que se suspendeu no ar entre resplendor de luzes. Andava tão actuado em Deus, que no meio de suas lidas assim o achava e se unia com elle, como os maiores contemplativos nos retiros das suas covas e desertos.

O zelo que teve da salvação das almas é maior que os encarecimentos. Com razão o compararam nesta virtude ao Apostolo das Indias S. Francisco Xavier. Os Indios que trouxe do sertão e baptisou não têm conta. Os seus caminhos a pé descalço são sem numero, ora em umas, ora em outras partes. só afim de trazer os homens a Deus.

O tratamento de seu corpo não o houve mais aspero. Nas jornadas por logares asperrimos, por lodaçoes, por mattos e espinhos, os sapatos iam pendurados do cinto e os pés sempre descalços. Costumava dizer que o dia que não mortificasse o seu corpo não se teria por Missionario. Com os rigores que lhe viu usar defendia os seus o Santo Padre João de Almeida, dizendo que assim o fazia o Santo Padre Anchieta. No soffrimento das injurias foi raro. Dizendo-lhe que certo homem

nobre da Villa de Santos dizia delle e da Companhia mil injurias, respondeu socegado:—“Deixai-me, que eu o amansarei.” Esperando-se o que faria, se foi á sua porta, e com muita humildade lhe pediu uma esmola pelo amor de Deus. Vendo o homem esta humildade tão fóra de paixão, ficou mui outro e lhe deu uma boa esmola, que repartiu aos pobres.

Como ouvisse que outro o injuriava, respondeu:—“Deixai-o, que mais agravo faz a Deus que a mim; pois elle o soffre, que faço eu em o soffrer?” Folgava de tratar muitas vezes com os que o não conheciam, para que o desprezassem, vendo sua corcova e figura de corpo menos airosa.

Sua humildade foi profundissima, chamando-se homem vil, corcóz, peccador, ignorante. Quando lhe davam os parabens dos successos grandes que prognosticava, respondia:—“Boas costas são estas para lançardes sobre ellas cousas tão grandes; andai, andai, que não sabeis quem sou.” Dizendo-lhes alguns:—“Padre, dizem que lhe obedecem os passaros, que pousam no seu bordão, no seu braço e no seu Breviario. Respondia:—“Bom dicto, grande milagre! E não se põem elles nos monturos e nas forcas?”

Sendo mui nobre por geração, jámais disse palavra nesta materia. De ordinario escrevia em um quartinho de papel, quando não era precisa lenda comprida. Ás vezes se assignava — *Pobre e inutil Joseph*. Só punha no fim das cartas o nome *Joseph*, por evitar o sobrenome de *Anchieta*, a titulo de ser appellido de familia nobre. Depois de ter sido Provincial, como se fóra noviço, pedia de joelhos aos Superiores lhe dissessem as faltas e déssem penitencia por ellas. Quando passava por outro Sacerdote, todo se encolhia e cosia com as paredes. Por esta rara humildade, disse delle o Bispo D. Pedro Leitão que, sendo a Companhia um anel de ouro, a pedra preciosa delle era o Padre José. O Santo Martyr Ignacio de Azevedo o chamava — *Zeloso salvador das almas*. Os Governadores o nomeavam — *Homem prodigioso, santo escolhido de Deus*. Porém destas honras não fazia caso algum,

tendo-se pela cousa mais vil da terra. Outros actos de suas heroicas virtudes ficam contados em diversos passos de sua vida, por isso não ha por que os repetir.

Nelle se viram todas as prerogativas, com que são escla-recidos os Varões Apostolicos, as quaes o fizeram mui seme-lhante aos Santos Apostolos, que no mundo dilataram e fundaram a Igreja Santa, que este Santo Varão fundou e propagou no Brasil, e por isso pode ser chamado o seu Apos-tolo, como das Indias o foi S. Francisco Xavier.

CAPITULO XXVIII

Alguns favores que depois da sua morte alcançou a diversas pessoas

Não acabaram com sua vida as maravilhas deste admiravel homem. Se foram muitas as que obrou sendo vivo, são innumeraveis as que tem obrado e obra cada dia depois de morto. Não posso deixar de dizer algumas. O Padre Pedro Leitão, Religioso nosso, de quem o Padre Anchieta foi muito amigo, padecia dôres cruelissimas. Nesta afflicção fez ao Padre uma amorosa queixa, dizendo que, tendo-lhe elle assistido tanto em suas enfermidades, agora lhe não acudia. Dizendo estas e semelhantes cousas, adormeceu e entre sonhos viu junto de si ao Padre Anchieta, o qual lhe disse :—“Oh ! fraco já vos agastais e pelejais commigo ? Ora aqui me tendes.” Poz-lhe a mão sobre a parte das dôres, e disse : —“Já estais são ; ficai-vos embora.” Despertou e se achou são de todo. Ouvindo o caso um Belchior de Soutomaior, que padecia semelhantes dôres, disse :—“Santo Padre José, livrai-me deste tormento em que vivo, assim como livrastes ao Padre Pedro Leitão.” Ditas estas palavras, de repente cessou a dôr, nem mais lhe tornou, sendo que a tempos lhe repetia.

Diversas pessoas bebendo agua, em que estivera reliquia do Padre ; outros tocando a parte affligida com algum seu osso, de repente ficaram sãos. Destes favores do Santo Padre Anchieta em materia de dôres de toda a sorte traz muitos no primeiro capitulo do livro sexto o Padre Simão de Vasconcellos : eu os não refiro, por fugir identidade.

Assim mesmo não têm conta os que bebendo agua, e m que estivera reliquia do Padre, ou tocados com algum seu osso, de repente se acharam sem as febres, em que ardião. O Padre Diogo Calvo, da nossa Companhia, estando enfermo de febres na quinta do nosso Collegio da Bahia, em tempo da restauração da Cidade, anno de 1625, foram levadas alli por alguns religiosos as reliquias do Padre Anchieta, retiradas da Capella-mór da Igreja, onde tinham estado, por respeito da perturbação dos soldados. Duvidou-se se um osso era de outro cadaver. Convieram entre si o applicassem ao enfermo e, se parasse a febre, se teria por osso do Padre. Tocaram com elle o doente, e no mesmo ponto a febre, que esta va em seu auge, parou de todo; e se ficou entendendo não ser o osso extranho.

O Padre Francisco Pires, da nossa Companhia, já deixado por effrico, benzendo com um osso do Padre a agua, a bebiu, e logo ficou são e se levantou da cama. Um moço, por nome Manoel Tavares, tendo bexigas, lhe sobrevieram uns inchãos com pintas negras debaixo dos braços e em outras partes. Recebeu desta agua e de repente se lhe sumiram os inchãos e pintas negras, ficando são de todo.

O nosso Padre João Fernandes Guto havia 14 annos que o molestavam sezões, e se tinha nisto esgotado a medicina; juntamente tinha no cotovello do braço esquerdo um lobinho, que de cada vez crescia mais. Tomou por intercessor para com a Virgem da Conceição ao Padre; invocou seu nome e logo parou a sezão e se abaixou o lobinho.

O Licenciado Lourenço da Cunha, Vigario Geral em Pernambuco, jurou em seu testamento, em como nma sua reliquia do Padre Anchieta, que diversas mulheres perigosas em partos puzeram ao pescoço, as livrara dos apertos em que estavam. Diz mais que com agua benta com ella cobraram saude mais de 200 pessoas. O mesmo Licenciado assistiu a um moço doente de tabardilho coberto de pintas e desconfiado da vida; deu-lhe a agua; no mesmo ponto dormiu e despertando viu diante de si ao Santo Padre Anchieta, com barrete e roupeta da Companhia e bordão na mão; e tocando com elle

o enfermo, lhe disse ; —“Não temas, filho ; Deus te faz mercê da vida ; estás perfeitamente são.” Ditas estas palavras, desapareceu. Levantou-se, pediu de comer, e, cuidando ser delirio, contou o que passara; e todos os presentes louvaram ao Senhor, que taes maravilhas obrava por seu servo.

Deixo outros muitos casos, em que livrou de partos perigosos, de postemas pestilentas, de esquinencias apertadas, de outros perigos mui grandes, que nisto estão escriptos tantos casos, processados em ordem á sua cononisação, que seria enfadonho, se os referisse um por um ; basta dizer que são suas reliquias e agua benta com ellas um remedio commum para todos os achaques. Por vezes seu nome amansou a braveza dos mares. Quando suas reliquias foram trazidas do Espirito Santo para a Bahia, como estivesse o tempo contrario e a detença do navio fosse de muito gasto, se ouviu uma voz, que disse, mettessem seu corpo em o navio e que o tempo melhoraria : assim se fez e assim se experimentou.

O poder que tem seu nome sobre os demonios declara bem um successo espantoso, e que póde servir de aviso aos Religiosos frouxos, e mais aos nossos irmãos Noviços, em cuja casa e em cujo estado se viu. Em o nosso Noviciado da Bahia vivia um Noviço mui tentado na vocação. Estando um dia em oração na Capella com os mais, viu entrar pela porta o demonio em figura de cabrito negro. Passeiando de uma em outra parte, ia cheirando os Noviços um por um.

Chegando a certo Noviço, lhe deu duas cornadas com a cabeça. Finalmente, chegando ao Noviço que principalmente tentava, lhe deu de cornadas com a cabeça em tal fórma, que o Noviço ficou desmaiado e se assentou no chão. Acabada a oração, o foi acompanhando, e á porta do cubiculo lhe entrou no corpo, e logo cahiu desmaiado. Correu outro Noviço a chamar um Padre, que acudisse ; chegando, o achou fazendo visagens e lançando escuma pela bocca e foi ouvido:—“Cala-te, cala-te, não digas, não digas.”

Concorreu o Mestre dos Noviços, o Reitor do Collegio e outros Padres. Entenderam ser o demonio. Logo fizeram

trazer do Sanctuario uma firma de Santo Ignacio, á cuja presença fez novas visagens, mas não se quiz ir. Fazendo-se os exorcismos, se revolvía a uma e outra parte com furia, dizendo que se ia, mas não cumpria o dicto. Applicando-se-lhe Reliquias de Santos, fazia gestos irreverentes. Nomeando-lhe Santo Ignacio, respondeu: — “Não tem aqui que fazer o calvo.” Ao do Santo Xavier disse: — “Vá lá á sua India.”

Chegando allí um irmão virtuoso, pelo tentar de vangloria, começou a contar alguns actos de virtude, que fazia no seu cubiculo. Como começasse com voz tremenda a dizer as causas por que entrara naquelle Noviço, lhe mandou o Padre Reitor que calasse, e obedeceu. Perguntado, que nome tinha, disse: — “*Que Roa te que roa.*” Ninguém entendeu o que nisto queria dizer. Quanto ao sahir, disse que ninguem o havia de lançar senão o Corcovadinho da Capella.

Cuidou-se falava de uma Imagem de Santo Ignacio, que costuma ser levada aos enfermos com successos milagrosos, e na feitura de algum modo representava aquelle defeito. Applicou-se-lhe sem effeito, dizendo o demonio que não era aquelle, senão o Corcovadinho da Capella, senhor e dono daquella casa, o que o havia de fazer despejar.

Indo um Religioso neste tempo buscar ao Collegio novas reliquias de outros Santos, lhe disse um que levasse a jaqueta do Padre Anchieta, com que allí obra cousas maravilhosas; tomou-a, e foi andando com ella para o Noviciado. Chegando á porta, muitos passos distante d’onde o demonio estava, começou a dar grandes ais e dizer; — “Já vem quem me ha de lançar fóra.” Por não verem cousa de novo, cuidavam todos que mentia.

Então, chegando á porta o que trazia a jaqueta, antes della por alguém ser vista, deu um ai medonho, dizendo: — “E’ chegado quem me ha de lançar.” Com isto se entendeu a causa de seus temores. Começando a vestir-lhe a jaqueta, fez tal resistencia, que seis ou sete o não podiam subjugar, até que por força foi vestida. Então disse: — “Já me vou. já me

vou." Assim o fez, deixando o corpo do Noviço mui debilitado, moído e suado.

Nunca mais nelle tornou a entrar, ainda que por vezes lhe apparecia e o ameaçava. Ficaram todos entendendo que o Gorcovadinho da Capella era o Padre Anchieta, que na Capella do Noviciado tinha imagem. Este Noviço d'ahi a seis ou sete mezes foi despedido. Perguntando, que razão achára ter o demonio para assim entender com elle? Respondia ser isto pelo pouco caso que fazia das cousas da obediencia.

Duas cousas mais disse o demonio: uma foi que consigo tinha outro demonio, que havia de entrar em outro Noviço e o havia de lançar fóra da Companhia. Foi assim, porque d'ahi a tres dias despediram um Noviço, em quem foi tal a tentação, que não houve modos nem razões que o pudessem dobrar desta sua teima. A outra foi que logo lhe haviam de tirar a jaqueta. Tambem esta assim passou, porque a pediram para uma mulher, que de parto estava á morte. O mesmo foi focal-a que despedir de si a criança, que a matava.

Não se limitam as maravilhas do Padre Anchieta ao novo mundo: contarei por remate uma, que ha poucos annos cá succedeu em Portugal, e m'a escreveu o nosso Padre Francisco Caeiro, Lente de Moral em Coimbra, o qual diz assim em uma carta sua:

"No anno de 1707, no mez de Setembro, estando eu em casa de meu irmão o Padre João Caeiro de Oliveira, Cura da Caridade no Termo de Monsaráz, e estando este doente, vieram com grande pressa no tempo de calma buscar-me para ir confessar um homem, que estava muito mal. Fui logo á aldeia dos Reguengos debaixo e achei a Manoel Lourenço Pertira, homem principal daquella terra, o qual, além de uns grandes crescimentos que padecia havia muitos dias, lhe tinha dado um grande accidente naquella occasião e estava ássaz anciado.

"Confessei-o e consolei-o com algumas palavras de Deus, e, vendo-o tão afflicto, lhe disse:—Vossa Mercê não se pegará com Deus por intercessão de um Padre da Companhia, cha-

namado José de Anchieta, que é advogado das sezões. e Deus faz muitas mercês a quem por intercessão deste Santo Padre o invoca?—E referi-lhe algumas maravilhas do Veneravel Padre. Pediu-me o doente que lhe escrevesse em um papel o nome daquelle Padre; assim o fiz. Passada a calma, me retirei para casa de meu irmão.

“D’ahi a tres dias, indo á mesma aldeia, o fui visitar e, chegando á porta de sua casa, o vi na casa dianteira são, rijo, valente, corado e com a capa nos hombros, como quem estava para sahir para fóra. Cheio de admiração, rompi nestas palavras:—Que é isto, senhor Manoel Lourenço? —Respondeu elle: Vossa Paternidade não sabe? E’ uma maravilha.—E perguntando-lhe com alvoroço e desejo de saber a causa do que via, continuou dizendo: —Aquella noite, depois que Vossa Paternidade me veio confessar, toda estive a lidar e dizer:—Santo Padre José de Anchieta, Santo Padre José de Anchieta; quando ao luzir do buraco senti me corria pelas costas o humor, que costumava, quando me queria vir o crescimento; neste tempo senti detraz de mim um homem, que me dizia: —Quem é aqui o homem que tem sezões?—Respondi: Sou eu, Senhor.—Tocou-me em as costas, dizendo:—Ora, já não tem sezões.—Não me vejo crescimento, e fiquei como Vossa Paternidade vê. Este o successo, que o dito publicou por todo o povo a quem o queria ouvir.”

Até aqui a carta do sobredito Padre.

Os ossos deste Veneravel Padre estiveram em a sacristia do Collegio da Bahia até o anno de 1704, pouco mais ou menos, em que, sendo Provincial do Brasil o Padre João Pereira, que depois foi Reitor do Collegio de Coimbra, Vice-Provincial e Visitador da Provincia de Portugal, e morreu Preposito da Casa de S. Roque, os mandou recolher em um bahú forrado de seda, e conservar no cubiculo dos Provinciaes. por alguns incommodos, que havia em estarem na sacristia. Delles trouxe um osso que, mettido em um braço, deixou no cubiculo dos Reitores do Collegio de Coimbra, assim para consolação daquelle Real Collegio, como para reliquia dos

seus Sanctuarios, quando a Santa Madre Igreja lhe dêr culto publico, como se espera, por se tratar da sua canonisação.

A vida deste portentoso heróe escreveram diversos autores, que cita o Padre Simão de Vasconcellos em sua vida, paragrapho ultimo do capitulo 15º do livro 5º Entre elles o Padre Mestre Balthazar Telles, na segunda parte da sua Historia desta nossa Provincia. A vida que aqui fica escripta, tirando algumas poucas cousas, copiei do volume, que fez della o nosso Padre Simão de Vasconcellos, Historiador da nossa Provincia do Brasil; e, ainda que é compendio, por ser de tal homem, não póde deixar de ser grande. Tambem delle faz honorofica menção no seu *Agiologio* Jorge Cardoso, homem benemerito da nossa nação, á qual tanto illustrou com a sua obra do *Agiologio Lusitano*.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).